UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA ECONÔMICA

Do Socialismo Utópico ao Científico Na América latina: Apontamentos sobre o Encontro do Comunismo Latino Americano e a III Internacional Comunista

JOHN KENNEDY FERREIRA

(VERSÃO REVISADA)

v.1

São Paulo 2016

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
USP

JOHN KENNEDY FERREIRA

Do Socialismo Utópico ao Científico Na América latina: Apontamentos sobre o
Encontro do Comunismo Latino Americano e a III Internacional Comunista

Área de Interesse: HISTÓRIA ECONÔMICA
Orientador – LINCOLN FERREIRA SECCO

Tese de Doutorado
apresentada à Banca
Examinadora como exigência
parcial para obtenção de Título
de Doutor em História
Econômica pela Universidade
de São Paulo, sob a orientação
do Prof. Doutor Lincoln Ferreira
Secco

Data da Defesa: ____/____/____ Banca Examinadora

Prof.Dr. _____

Julgamento:_____ Assinatura: _____

Prof. Dr _____

Julgamento:_____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Julgamento:_____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Julgamento:_____ Assinatura: _____

Prof.Dr. _____

Julgamento:_____ Assinatura: _____

AGRADECIMENTOS

Agradeço a muitos pela realização desse trabalho: minha Elza, minhas irmãs Bernadete, Tirsia, Rita e Cristiane e a meu irmão Eurico

A meu pai, meu padrasto e meu avô: Eurico, Paulo e Oliveira e as amigas queridas Tina Galvão e Paulinha Nabuco (*in memoriam*)

Aos meus amigos e companheiros que deram “uma baita força” ajudando com dicas, revisões, leituras ou apenas apoio: Álefe Kochkin, Ana Luisa, André Mattos, André Ribeiro Silva, Beatriz Barros, Camila Oliveira, Camila Pietro, Carla Guimarães, Carol, Claudilene Pereira de Souza, Cristiane Rosa, Débora Lessa, Denilson Matins, Diogo Portugal Pudles, Eliel Machado, Ellen Ramos, Fabiana Belicuas, Fabiane Albbamonte, Felipe Cruz, Gregory Santos, Jansen Cavalcanti, Jefte Pinheiro, Julia Gomes, Lucia Scromov, Madalena Petite Sofia, Marcelo Buzzeto, Marcia Hirata, Mauricio Parisi, Michel Torres, Natalina Ribeiro, Paulo Iannone, Priscila Tessuto, Ramones, Renata Gonçalves, Ronald Rocha, Rosangela Santos, Silvio Viana, Tadeu Silvestre, Tays Calhado, Valério Arcary, Vitor Queiroz, Webster Bravo.

Aos professores interlocutores pelas conversas, opinião, dicas, estímulos: Agnaldo Santos, Antonio Carlos Mazzeo, Antonio Celso Ferreira, Dainis Karepovs, Everaldo Adrade, Lúcio Flávio de Almeida, Marcos Del Roio e Milton Pinheiro,

Ao Rafael Mamede (enteado)

Ao Pedro Lívio (filho)

Resumo

O debate sobre o socialismo americano começa no início do Século XIX e foi ganhando adeptos conforme cresceu sua importância dentro das sociedades latinas americanas. Ao mesmo tempo, foi seguido de várias rupturas e continuidades, várias e ricas abordagens sobre a Sociedade. O presente estudo busca resgatar essa contribuição e busca realizar um exame da organização do pensamento comunista e da III Internacional na América Latina. Este estudo desenvolve um panorama do início da formação do pensamento socialista no continente na primeira metade do Século XIX e centra sua preocupação em observar como foi o encontro entre o pensamento comunista latino americano e o comunismo da III Internacional.

Ao mesmo tempo, detêm-se no impacto que a filiação dos partidos comunistas latino americano a III internacional teve no processo de amadurecimento de suas idéias, estratégicas e táticas, na ação política e na formação de um ideário de superação do Capitalismo pelo Socialismo.

ABSTRACT

The debate about American socialism starts at the beginning of nineteenth century and won adepts as its importance grew up inside the latin-american societies. At the same time, was followed by several ruptures and continuities, several and valiant approaches about the society. This study seeks to rescue this contribution and seeks an examination of the communist thought organization and the III International in Latin-America.

This study develops a panorama of the socialist thought beginning in the continent at the first half of nineteenth century and focus its preoccupation on observe how was the meeting between latin-american communist thought and the III International communism.

At the same time, arrests in the impact that the filiation of Latin-American communist parties – the III International had in the ripening process of its strategically ideas and tactics on political action and the formation of an ideology about an overcoming of the Capitalism by Socialism.

ÍNDICE

Apresentação	10
I – Capítulo I	
a) Marx e Engels e as concepções de socialismo dos utópicos	35
b) A Recepção das Ideias Socialistas Utópicas na América	43
c) Flora Tristan	42
d) Esteban Echeverria	46
e) Jean Baptista Tandonnet	51
f) Giuseppe Garibaldi	53
g) Sebastião Arcos e Francisco Bilbao	54
h) o Socialismo Utópico brasileiro	58
i) Encontro entre o socialismo utópico e o marxismo	64
.II A Internacional Comunista (breve antecedentes)	70
a) Todos os homens são irmãos	70
b) Proletários de Todo Mundo Uni-vos	72
c) A Revolução Não é Algo Que Possa Ser Feito	73
d) Guerra a Guerra	77
e) Todo Poder aos Soviets	79
f) I Congresso	81
g) II Congresso	85
h) BAKU - Congresso dos Povos do Oriente	91
i) III CONGRESSO	93
j) IV CONGRESSO	96
k) V Congresso	97
l) VI Congresso	98
m) VII Congresso	101
III Capítulo - A conjuntura latina americana e o nascimento dos principais Partidos Comunistas	
a) A conjuntura latina americana	108
b) Argentina	112
c) Uruguai	117
d) Brasil	119
e) Chile	120

f) Cuba	123
g) México	125
h) Demais Países	128
IV INTERNACIONAL e a AMÉRICA LATINA	
a) Os congressos da IC e a questão colonial	135
b) Os Oganismos da Internacional e a América Latina	140
c) Secretariado Sul Americano	143
d) Bureau Americano	144
e) Bureau Panamericano	145
f) Bureau Latino Americano de Moscou	147
g) Secretariado Sul Americano	148
h) Bureau do Caribe	149
i) Bureau Sul Americano	150
j) Participação da América Latina na Internacinal Comunista	152
k) Participação da América Latina na Direção da IC	153
l) Comintern na América Latina	154
m) Reuniões dos PCs Latinos Americanos	156
n) Reunião dos PCs nos EUA	157
o) O Descobrimento da América	158
p) A I Conferencia dos PCs da América Latina e a Tática de Terceiro Período.	159
q) Adesão de Luiz Carlos Prestes ao Comintern	172
r) Guerrilha de El Salvador	183
s) Terceiro Encontro de PCs Latino Americanos em Moscou e a Política de Frentes Populares	1185
t) O Pacto Hitler – Stalin e a Consequencias nos PCs entre 1939 – 1941	186
u) Fim da luta de Classes - Browderismo	197
v) Conclusão	202
Bibliografia	210

Apresentação

O desenvolvimento do pensamento socialista e comunista na América do Sul, tem como debate inicial as relações econômicas mantidas pelas várias tribos autóctones que habitavam o continente. Essas tinham forte sentimento coletivista e uma prática social que possibilitou a muitos o entendimento de que se tratava de relações socialistas (HOLANDA, 2000, p.4).

Na historiografia, produziram-se outras abordagens sobre os modos de produção no início da ocupação europeia na América Latina. Houve quem fizesse essa análise a partir da formação social da sociedade feudal existente na Espanha e em Portugal, e compreendesse que esse modo de produção havia sido transposto ao Novo Mundo.

Houve também quem concluísse que o contato entre os povos locais e os colonizadores estabeleceu o predomínio de relações mercantis e capitalistas proveniente dos portugueses e espanhóis.

Caio Prado Junior, na “Formação do Brasil Contemporâneo” (1994) e na “História Econômica do Brasil” (1977) desenvolve uma abordagem original onde o progresso da colonização está associado ao desenvolvimento do capitalismo internacional. Na Formação do Brasil Contemporâneo observa nos Séculos XVIII e XIX momento em que o Pacto Colonial conhece seu nêmeses e proporciona os primeiros passos para a ruptura da dependência em relação à metrópole. Seu esforço é tentar mostrar a estreita interdependência entre a colônia e a metrópole em vários aspectos como: a população, a geografia, força de trabalho, relações mercantis e os fatores econômicos. A multifacetada forma que implica na empresa colonial, tendo como ponto de partida a questão espaço-tempo. O Espaço, pois há um ponto de partida, Portugal, para estabelecer o Tempo da colônia. A colonização é vinculada a fatores que não se limitam ao econômico, como podemos observar na problematização das razões políticas, religiosas que contribuem tanto na abordagem com as populações autóctones e com a imigração europeia para América.

Igualmente na História Econômica do Brasil, Caio Prado frisa que as transformações econômicas na Inglaterra com os cercamentos das terras causaram um poderoso fluxo migratório e criaram a capacidade para o desenvolvimento ulterior da Revolução Industrial (Prado Jr, 1977 p19), observa

ainda um elemento psicológico importante: a vontade de setores migratórios de sair da antiga condição servil e construir um Novo Mundo. Tudo isso é pensado de modo a abordar a colonização portuguesa a diferenciando das colonizações realizadas em áreas temperadas e tropicais.

Dessa forma analisará que a primeira fase da ação portuguesa centrada na empresa extrativista é incapaz de gerar uma população fixa e estável (idem p 29). Só a partir da agricultura de cana-de-açúcar e da indústria açucareira é organizada a ocupação do território. A produção é fator determinante para ocupação do espaço, com isso as formas como serão organizadas a divisão de terras, a produção e a mão de obra com a escravização de negros africanos e de índios na Guerra Justa está determinada.

No capítulo sobre a “Expansão da Colonização e o Apogeu da Colônia” trata do sistema político administrativo e analisa de que modo a dominação espanhola sobre Portugal (1580-1640) deixou a metrópole portuguesa empobrecida e enfraquecida, implicando no êxodo da população pobre em busca de melhores oportunidade na colônia americana, o que por sua vez leva ao fortalecimento da autoridade real e centralização administrativa em detrimento da autonomia local (idem p. 57). Igualmente quando da decadência do ouro, fator importante na imigração, temos o renascimento da agrícola com o desenvolvimento de plantações algodoeira e a retomada de áreas de cana-de-açúcar. Este renascimento é explicado pela expansão da população européia e pelo início da Revolução Industrial. Também ressalta que a baixa força produtiva não tem relação com a mão de obra ou com a terra mas com anacrônico sistema administrativo imposto pela metrópole (idem p98).

Nos Capítulos em que trata do liberalismo, do escravismo e da aurora burguesa e o fim do império, Caio Prado mostra que a transferência da corte para o Brasil (1808) é fruto da invasão napoleônica em Portugal. Essa, promove uma “situação imprevista e revolucionária” (idem p146). Começa a se desenvolver toda uma atuação econômica com abertura de estradas e portos, com expansão do comércio, artesanato, da infra-estrutura interna, de uma burocracia técnica, imigração de colonos que conjumina em agitação política social em grupos e classes sociais, provocando uma mudança de mentalidade que serão fatores importantes para emancipação nacional. (idem p155).

De igual forma a questão da mão de obra e do trabalho escravo merece detida atenção. O nascimento de um crescente sentimento antiescravista com leis nacionais e internacionais, define uma crise econômica, política e social. A decadência do trabalho escravo, produto da proibição do tráfico negreiro, gera uma falta de braços para lavoura e desequilíbrio demográfico que tentará ser compensado pela intensa imigração. Este fator é ampliado pelo fim do escravismo nos Estados Unidos, o que faz com que o Brasil e Cuba sejam os únicos países da civilização ocidental a manter o regime escravista (idem p 202). Isso leva ao fim da escravidão e também do Império e a transição para República.

A República herdará sua estrutura agrária – exportadora que terá como consequência a crise agrária e com ela a fragmentação do latifúndio e o surgimento da propriedade camponesa particularmente no interior paulista (idem p285).

Por fim, no capítulo em que trata do imperialismo este explica que a situação de dependência e subordinação, a qual está condicionada a América Latina e o Brasil, são frutos do processo histórico decorrentes da própria expansão do capitalismo.

Outra abordagem sobre a formação da América Latina é a obra “Economia de la sociedad colonial” (1992) do importante historiador argentino Sérgio Bagú. Tal qual a Caio Prado Jr., a América Latina tem seu desenvolvimento vinculado a expansão do mercado capitalista internacional e europeu. Assim sua análise é desenvolvida em três tempos distintos: a economia indígena pré-colombiana, que ao ser conquistada é convertida em Novo Mundo enquanto colônia. A evolução enquanto colônia e depois enquanto repúblicas autônomas. As características do mundo indígena contém uma racionalidade própria sua organização está centrada no *calpulli* e *ayllu*.

Tanto a confederação asteca como o império inca nunca mexeram em tal estrutura e se beneficiaram destas para o seu desenvolvimento. Bagú afirma que graças a essa estrutura as sociedades pré-hispânicas não conheciam a fome e a desocupação produtiva (idem p18), a partir da ocupação hispânica e a sua apologia ao progresso é que tivemos esses problemas determinados como marca histórica e social. Isso se deu porque a mentalidade européia converteu o mundo Indígena em mercado minando as bases de sua estrutura social-

econômica. Tal qual a Mariátegui, lembra que os únicos que aproveitaram as bases sociais dos Índios foram os Jesuítas em suas missões na região do Paraguai e sul do Brasil.

Sérgio Bagú estuda as condições em que se processa o desenvolvimento da atividade colonial, primeiro se detendo nas condições das metrópoles portuguesa e espanhola. Destaca que ambas apesar da centralização monárquica e da possibilidade de desenvolver uma estrutura produtiva moderna, tiveram suas potencialidades inibidas pela forte reminiscência da mentalidade e práticas feudais.

Paradoxalmente Portugal e Espanha foram os países mais poderosos no início do Século XV, mas entraram em declínio com a conquista da América. Ambos os países tiveram enormes despesas com as reconquistas de seus territórios dos árabes. Essas guerras foram custeadas por setores privados e ao mesmo tempo a unificação estabeleceu o fortalecimento do Rei e de uma Aristocracia cortesã que restabeleceu uma nova relação Feudal.

Enquanto a Europa vivia a expansão das relações comerciais e o crescimento do capitalismo com a dissolução das relações feudais, Portugal e Espanha estacionam. Sergio Bagú destaca que o ambiente interno é marcado por forte intolerância religiosa e política, o que determinou a desestruturação do comércio com a expulsão dos judeus e da agricultura com a expulsão dos árabes. Os hispânicos passaram a viver dos benefícios da sociedade colonial através do ouro e do açúcar portugueses.

Noutro nível, a formação da economia colonial tem como condicionadores a existência de um mercado internacional e a criação de um mercado colonial.. A convergência da política econômica do império, dos interesses monetários dos Colonos, dos interesses e estrutura da Igreja determinaram a formação de uma sociedade e de um modo de produção original

Para Bagú, há na construção da economia colonial elementos feudais e capitalistas que se imbricam, misturando formas como relações não capitalistas como o trabalho escravo e o latifúndio com o mercado capitalista internacional em expansão. O fenômeno capitalista hegemoniza e articula a seu proveito todas essas formas e instituições econômicas distintas, constituindo assim nas Américas um novo modelo econômico que ele conceituará enquanto capitalismo colonial (idem p216)

Já em Jacob Gorender (1978) as relações econômicas e sociais das tribos autóctones mantiveram sua existência e foram capazes de resistir e, ao mesmo tempo, se fundir ao mercantilismo português e espanhol. Dessa forma, as relações sociais e os modos de produção na América foram amadurecendo, o que possibilitou a síntese de modos de produção econômicos e de sociedades distintas, produzindo assim, uma nova gênese social de onde nasce a nossa história.

Ou seja, a análise de uma determinada sociedade só pode ser compreendida pelo modo de produção e pelas forças produtivas e relações sociais de produção que são estabelecidas. Dessa maneira ao processar a ocupação da América, houve o encontro entre dois modos de produção e sociedades distintas.

Com o descobrimento (...) e a subsequente colonização, puseram-se uma diante da outra, duas formações sociais heterogêneas: a dos conquistadores europeus e as tribos autóctones. Os primeiros procediam da sociedade feudal ibero-lusitana, pioneira do mercantilismo e uma das mais avançadas do Ocidente europeu na época. Ao passo que os ocupantes presentes no território a ser conquistado constituíam uma sociedade tribal e comunista primitiva (GORENDER, 1978 p. 53).

Desse modo, o encontro entre duas formações tem em Marx três possibilidades “O povo conquistador submete o povo conquistado a seu modo de produção (...), ou deixa subsistir o antigo modo e cobra um tributo (....) ou então ocorre uma síntese” (MARX, apud GORENDER, idem p. 55).

No que se refere aos países da América Latina é possível observar que não houve o predomínio do modo de produção feudal, não houve cobrança de tributo ou o estabelecimento imediato do capitalismo. Antes disso, o que ocorreu foi uma síntese entre os dois modos de produção dando origem a uma nova formação socioeconômica, que seria o escravismo-colonial (GORENDER, idem p. 54).

Conforme destaca Gorender

(...) o escravismo colonial surgiu e se desenvolveu dentro de determinismo sócio-econômico rigorosamente definido, no tempo e no espaço. Deste determinismo de fatores complexos, precisamente, é que o escravismo colonial emergiu como um modo de produção de características novas, antes desconhecidas na história humana (...) Com efeito, ocorreu na América do Sul, mas exatamente no Brasil, a criação de um novo modo de produção, cujo reconhecimento, se pensado em suas profundas implicações (...) (GORENDER, idem p. 55).

Para Gorender, portanto, foi um desenvolvimento que só pode acontecer mediante a junção do sistema de plantagem com a utilização de escravos. Igualmente, lembra o autor, que o fator trabalho é relacionado ao modo de produção ao qual está subordinado. Ou seja, é o modo de produção que determina e irradia toda a estrutura da vida social (GORENDER, idem p. 156/157).

Já Ciro Carsoso e Héctor Pérez Brignoli, observam que os estudos feitos por Florestan Fernandes e outros estudiosos da USP, indicam uma conceituação de que as formações pré-capitalistas da América Latina tiveram como base o antigo sistema colonial, depois o neocolonialismo e o capitalismo dependente. Mas também ressaltam que em tais estudos a antiga sociedade está superada, mas não destruída, senão metamorfoseada na sociedade de classes (CARSOSO & BRIGNOLI, 1973, p. 51).

Como mostra Jacob Gorender, a investigação marxiana não formulou um esquema universal de História, na correspondência entre Marx e Vera Zasulitch (e outros), por exemplo; é possível observar que a evolução de sociedades ocorre sem que estejam pré-fixados esquemas e etapas históricas pré-determinadas.

É certo que Marx se referiu a “épocas progressistas” da formação econômica da sociedade, identificadas, a

grande traços com os modos de produção asiático, antigo, feudal e burguês. Não identificou, porém, que tivesse uma linha única de desenvolvimento histórico (GORENDER, 1978 p. 27).

O autor também chama atenção para esse aspecto metodológico na formulação de Marx e Engels e cita, por exemplo que Engels:

Na Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado, encontramos a conhecida seqüência: Comunismo Primitivo, Escravidão, Feudalismo e Capitalismo. Mas ao iniciar a exposição da linha de evolução histórica, Engels advertiu expressamente que não se ocuparia da parte oriental do Império Romano - o que restringe aquela seqüência à Europa ocidental - e, adiante, introduziu a evolução particular dos povos germânicos, os quais passaram da Comunidade Primitiva ao Feudalismo sem conhecer o estágio escravista. Nada pois que pudesse ser tomado por esquema universal, decorre da concepção de Engels (GORENDER, idem p. 28).

Por outras palavras, a América Latina teve uma conformação própria, repleta de particularidades, onde as colonizações europeias, sua organização como sistema econômico produtivo, depois as lutas pela independência, as marcas da estrutura colonial que ficaram como herança para as repúblicas latino-americanas, a inclusão subalterna e dependente no mercado mundial, são marcas de uma formação incompleta (ARICÓ, 1986, p. 420).

Assim, o debate sobre os rumos da América Latina e o Socialismo começaram com o desenvolvimento de ideias popular-nacionalistas, igualitárias, de renovação religiosa católica, radicalismo, positivismo, anarquismo, republicanismo, liberalismo democrático e socialistas. Numa mescla de teorias,

paixões que foram se sincretizando ao longo do Século XIX, mas não apenas (RAMA, 1996 p.XI).

O momento inicial do desenvolvimento das ideias socialistas será a década de 1830 (RAMA, idem p.XII). Nessa data os processos revolucionários de independência já estavam consolidados e os países de formas distintas, vão se vinculando ao mercado capitalista internacional. Abriam-se as indagações sobre o desenvolvimento ulterior dos países do subcontinente.

Ao mesmo tempo, concorriam formulações políticas para o desenvolvimento dos países do subcontinente, ideias que derivavam do pragmatismo do Estado e de sua relação com o mercado exterior, ideias republicanas, liberais, despóticas. Também chegavam ideias da Europa, em especial França e Inglaterra, as quais aprofundavam criticamente o debate sobre a consolidação da nova sociedade. Pensadores utópicos como Saint-Simon, Charles Fourier, Robert Owen, reformadores sociais como o Abade Felicité-Robert de Lamennais, liberais democratas como Thomas Carlyle e John Stuart Mill, ou mesmo escritores socialistas ou com preocupações sociais, como Victor Hugo, Herman Haine, George Sand, além da ideia de uma república popular divulgada por Giusseppe Mazzini, dentre outras tantas ideias, contribuíram para o desenvolvimento de um pensamento socialista utópico no subcontinente.

O pensamento socialista da Primeira Geração na Europa estava vinculado à Revolução Francesa e a ações realizadas no campo da educação, colônias experimentais, imprensa, cooperativas de consumo e distribuição, sindicatos, manifestações artísticas distintas etc. Tais contribuições foram significativas para criar um volume de adeptos e divulgadores não só no Velho Continente.

A Segunda Geração ligada à Revolução de 1848 será conceituada por Carlos Rama como o Socialismo de Transição, com a presença importante de Pierre Jose Proudhon, Luis Blanc, August Blanqui dentre outros. E a partir da década de 1850 terá adeptos no subcontinente, destacando-se inclusive a vinda do poeta Georg Weertht, amigo de Marx e Engels, que percorreu o continente e veio a falecer em 1854, em Havana, em decorrência de febre tropical (FORNET-BATANCOURT, 1995).

O pensamento socialista utópico e de transição terá influência na geração seguinte composta por Karl Marx, Frederic Engels, Michael Bakunin, entre outros . Essa nova geração tomará forma e importância definindo um novo

padrão de práxis socialista e comunista que hegemonizará o pensamento político crítico europeu. Mas se essa é a realidade na Europa, uma onda de socialistas vinculados as ideias de Fourier, Saint-Simon, Proudhon, e Blanc, migram para a América. Muitos em fuga da repressão que abateu o continente europeu após as jornadas revolucionárias de 1830, 1842 e 1848. Outros tiveram como inspiração a construção de seus projetos no próprio continente. Foram realizadas cerca de setenta experiências socialistas em comunidades nos Estados Unidos e pelo menos duas no Brasil.

Também migraram para a América expoentes do movimento socialista utópico como Victor Considérant, Albert Owen, Robert Owen, Eugène Tandonnet e Jean Benoit Mure. Todos eles buscaram influenciar governos, realizar projetos no continente e subcontinente. Isso ocorreu por que:

Aun desaparecido El utopismo en Europa, se sigue manteniendo en las zonas periféricas que giran en su órbita intelectual, y donde las condiciones de estructura social y desarrollo económico, eram más atrasadas (RAMA,1996, p..XI)

É de se entender, como nota Pablo Casanova, que o pensamento utópico latino-americano misture influências, ou como frisa Carlos Rama, que a ortodoxia não é uma das virtudes latino-americanas e que há no pensamento de ontem (também no de hoje) um sincretismo de diversas correntes ideológicas; como exemplo podemos citar que o Partido Comunista fundado em 1870 no México era anarquista (CASANOVA, 1999, p .25).

Assim, pode-se considerar que:

- 1) O utopismo coincide com certas ideias oriundas da Revolução Francesa, como igualdade, liberdade e fraternidade, as quais estavam presentes e compunham parte do ideário das revoluções de independência;
- 2) Outras ideias como industrialismos, educação etc.; animavam o debate de intelectuais e grupos políticos que atuaram nos processos de independências;
- 3) O utopismo não é anticapitalista, mas enfatiza os abusos que esse sistema expressava;

- 4) Os utopistas não eram antirreligiosos e enfatizavam a necessidade de uma reforma na prática da Igreja;
- 5) Eram pacifistas, ou seja, não se comprometiam com a luta política do Estado, o lema “reforma sim, revolução não” era bem visto junto à burguesia. O mesmo pode-se dizer em relação à monarquia.
- 6) Tinha uma visão vanguardista e elitista, os destinatários de seu discurso eram normalmente os Chefes de Estado, independentemente de serem burgueses ou monarquistas, tiranos ou democratas.
- 7) A mescla de ideologia (messianismo, utopismo, anarquismo e republicanismo radical) possibilitou que ações políticas fossem realizadas pelos utopistas como os igualitaristas chilenos e as rebeliões camponesas por autonomia comunal em regiões da Bolívia e México.
- 8) Em linhas gerais, o pensamento utopista é herdeiro de manifestações e vontades ancoradas no desenvolvimento da ciência, da técnica e da experimentação.

Cabe, ainda, dizer que a América sempre despertou um singular interesse entre os europeus. Desde a sua descoberta e conquista, fez parte desse imaginário, quando se chegou a pensar que aqui seria o paraíso terrestre.

Textos como a “Utopia”, de Tomas Moris, e a “Cidade do Sol”, do Padre Campanella, tiveram como fonte as cartas de navegadores que estiveram na América, como a de Pero Vaz de Caminha e as suas indagações, pois diante de um povo nu e sem malícia, sem ganância, com armas e sem guerra, este se perguntava “se o Paraíso não poderia ser aqui” (HOLANDA, idem p. 236 e 332).

A guerra de conquista reordena as relações e integra o território às potências mercantis europeias e ao nascente mercado capitalista dando origem a um novo modo de produção que não será o feudalismo mercantil ibérico nem os vários modos de produção dos autóctones americanos. Essa síntese abrirá espaço para um novo tipo de desenvolvimento social onde novos rumos da sociedade estavam abertos e em disputas.

Se a ordem colonial foi uma etapa importante na constituição do mercado mundial, do capitalismo e no desencadeamento da Revolução Industrial, a partir de então, esse mercado se consolida favorecendo a ruptura com essa

ordem. Porém, com a independência, não são muitas as alternativas que se abrem para as jovens nações. Estas deveriam continuar exportando seus recursos naturais e importando produtos manufaturados dos países centrais.

Os jovens países são vistos como uma fonte de matérias-primas e praças para a venda de produtos manufaturados. Ao mesmo tempo, a formação dos países latino-americanos constitui-se numa relação imbricada, onde a economia dos autóctones, o comunismo indígena, se mesclou com as estruturas do feudalismo imposto pela conquista, sendo então sobre-determinada em sua relação hegemônica pelo retardatário e tardio capitalismo, conformando uma associação entre capital comercial e a oligarquia, que determina uma atmosfera conservadora nas relações sociais (MARIÁTEGUI, 1975, p..50).

Resulta daí uma sociedade que em suas instancias e instituições, no seu *ethos* e cultura, conserva traços do passado. O latifúndio e a servidão, coadunados à configuração de um capitalismo que tem nas suas classes dominantes agentes mediadores associados e servis aos centros do capitalismo mundial, igualmente distanciadas e repressoras em face de seu povo (ESCORSIM, 2006, p.232).

Dessa maneira, a formação dos países latino-americanos herdou e metamorfoseou as estruturas do mundo colonial, articulando-se, através de antigos portos administrativos coloniais: Buenos Aires, Rio de Janeiro, Cidade do México Lima, etc, ao restante da economia mundial.

A viabilidade de cada nação esteve ligada à capacidade de vincular-se de maneira dinâmica ao mercado mundial e responder às demandas desse mercado. Tendo então que apresentar novos produtos como café, algodão, guano, salitre e outros. Já que os ciclos de exploração predatória haviam praticamente se esgotado e produtos tradicionais como metais preciosos sofriam concorrência das novas minas na Califórnia, e somente em poucos lugares mantinham importância, e a cana-de-açúcar sofria profunda concorrência de outros centros.

Foram necessários cerca de Trinta ou Quarenta anos para que os jovens países alcançassem condições de identificar e capacitar-se para oferecer produtos realmente atrativos à demanda internacional. Para tanto, influenciaram de forma decisiva as crises econômicas sucessivas, em especial a de 1830, que limitaram a expansão e manutenção dos negócios tradicionais

com o mercado europeu e impulsionaram a oferta por uma nova economia. A nova metrópole, Inglaterra, não podia conceder atenção necessária à América-Latina e esta se valeu de situações atípicas, como a guerra civil nos Estados Unidos e da navegação a vapor, para expandir seus comércios para outros centros (MARINI E MÁRGARA, 1994, p.16).

Além das questões econômicas, há outras razões que determinaram o tempo e o modo de inserção da América Latina no mercado mundial e o desenvolvimento de suas sociedades. Neste aspecto, concorreu fundamentalmente a capacidade dos novos grupos dirigentes de impor sua organização político-social como decorrência da evolução e metamorfose das oligarquias locais, assegurando seu poder sobre o território, submetendo setores não integrados à ordem, em especial, os grupos indígenas, negros, escravos e de homens livres pobres. Processa-se, assim, uma segunda acumulação de capitais que se confunde e diferencia do período colonial, na medida em que se orienta para conformação de um Estado Nacional.

A criação dos Estados Nacionais é condição *sine qua non* para o surgimento de nações aptas a integrarem-se ao mercado internacional, que por sua vez reforça as tendências à centralização do poder político e militar, especialmente nos casos brasileiros e chilenos, e a fragmentação como ocorreu nos casos boliviano e peruano. Independentemente do modo e momento pelo qual se constituíram as nações latino-americanas, essas se afirmaram e se inseriram na divisão internacional do trabalho como economias exportadoras, o que não se contrapõem à ideologia do liberalismo.

A Revolução triunfara pela obrigatória solidariedade continental dos povos, que se levantavam contra o domínio da Espanha e pelo fato de que as circunstâncias políticas e econômicas do mundo estavam a seu favor. O nacionalismo continental dos revolucionários hispano-americanos unia-se a este acordo forçoso de seus destinos, para nivelar os povos mais avançados na sua marcha em direção ao capitalismo, com os mais atrasados na mesma via (...). (MARIÁTEGUI, 1975, p.46).

Tarifas protecionistas, como as adotadas pelo Brasil na década de 1840, revelaram mais os embaraços nas relações com a Inglaterra no tocante ao tráfico de escravos do que uma vocação política autônoma dos Estados e de suas classes dominantes (MARINI E MÁRGARA, 1994, p.29).

Em verdade, o Liberalismo surge como doutrina econômica e social dos estados latino-americanos, em especial com a retomada da teoria das vantagens comparativas expressando a vocação de economias primárias desses países. Essa perspectiva constitui causa e efeito da diversidade entre os jovens países latinos e as nações europeias em termos de desenvolvimento político, econômico e cultural.

Isso interessava às classes dominantes nativas, uma vez que estavam habituadas a que os europeus lhes dissessem o que pensar e o que precisariam fazer. Assim sedimentou-se o sentimento de que as jovens nações não apresentavam condições materiais e espirituais para criar um pensamento autônomo e original (MARINI E MÁRGARA, 1994, p.16). Estas reproduziam formalmente a divisão de poderes, estabeleciam uma formal e parcial democracia de castas (normalmente censitária), excluindo e reprimindo da vida social as amplas massas populares (MARINI E MÁRGARA, idem p.22).

Entretanto, a promessa de desenvolvimento feita pela escola liberal e pelas elites nativas foi se traindo diante da realidade dos países latinos. As classes dominantes e elites locais buscaram na questão racial as explicações para as profundas diferenças entre os estados latinos e europeus, explicação conveniente e simples já que evitava discutir a natureza estrutural dos Estados produzidos.

El problema de las razas sirve en la América Latina, en la especulación intelectual burguesa, entre otras cosas, encubrir o ignorar los verdaderos problemas del continente. La critica marxista tiene la obligación impostergable de plangear lo en términos reales, desprendiéndolo de toda tergiversación casuística o pedante. Economica, social y politicamente, el problema de las razas, como el de tierra, es em su base, el de la liquidación de la feudalidad. (MARIÁTEGUI, 1991, p. 210).

As explicações raciais dominaram o debate político das classes dominantes e elites latinas até as primeiras décadas do Século XX. A profilaxia recomendada para superação do atraso variava entre os discursos e gestos que propunham alterar a forma, mas nunca o conteúdo, indo dos discursos que enxergavam na mestiçagem o pecado original das limitações sociais até os que objetivavam a educação como o caminho integrador e constituidor de uma nova cultura e raça (MARINI E MÁRGARA, idem p.22).

A especificidade brasileira, colombiana, venezuelana e peruana, que recorreram durante anos à escravidão de negros trazidos a força da África, com a vinda de levas de imigrantes europeus, possibilitou a teoria de um embranquecimento da população, como forma de superar a inferioridade congênita.

O tipo branco irá tomando a preponderância, até mostrar-se puro e belo como no Velho Mundo. Será quando já estiver de todo aclimatado no continente. Dois fatos contribuíram largamente para tal resultado: de um lado a extinção do tráfico africano e o desaparecimento constante dos índios, de outro a imigração europeia (SÍLVIO ROMERO apud BOTELHO, 2007).

A crise das políticas liberais, a partir do início do Século XX, promove a desestruturação do mercado mundial levando ao desencadeamento do conflito mundial. Ao mesmo tempo, com esse processo, abre-se a brecha para que tenhamos uma intensificação nas substituições de importações e a aceleração na transformação da economia agrária em predominantemente burguesa, promovendo assim a constituição de um mercado interno e de uma industrialização e urbanização tardias (FERNANDES, 1976, p.209).

No mesmo período, o intercâmbio comercial da Inglaterra e dos Estados Unidos com os países latino-americanos mais que quadruplicou. Houve igualmente a explosão demográfica, com aumento em 300% entre 1850 e 1920. Do mesmo modo tivemos uma grande expansão da urbanização e

concomitantemente de vilas e bairros pauperizados onde residiam operários de diversas camadas proletárias (FARNET-BETANCOURT,1996, p.37).

A promoção da combinação do desenvolvimento industrial, urbanização e crescimento demográfico foi condição *sine qua non* para o surgimento e a radicalização de movimentos de classes médias e das classes trabalhadoras, introduzindo no cenário político a necessidade de novas alianças sociais e possibilitando ampliação política do Estado com a conformação de novos pactos sociais.

Será no começo do Século XX que o pensamento crítico latino-americano ganhará força, impulsionado pelas agitações políticas de seu tempo. Formaram-se grupos de intelectuais, setores expressivos da pequena-burguesia e classe média, da classe camponesa e da incipiente classe operária. Esses setores promoveram intensas agitações denunciando o papel subalterno das políticas dos Estados Nacionais, desenvolvendo teorias e projetos autônomos e de soberania nacional, através de movimentos sindicais, sociais, políticos e partidários, marcados em grande parte pela trajetória imigratória de povos e de ideias como a dos anarquistas, socialistas, comunistas e nacionalistas.

Se nesse momento, o movimento ganha ares de contestação, inclusive com influência nas ações das massas sociais, seu nascedouro ocorreu bem antes, no início do Século XIX, quando as ideias de socialistas utópicos como Saint-Simon, Proudhon, Fourier foram debatidas e estudadas em pequenos círculos de intelectuais. O historiador Carlos Rama destaca a existência de seguidores dos pensadores utópicos desde o México até a Bolívia. No Brasil, ocorre desde a década de 1840.

Jacob Gorender (1998, p.13) lembra que o Imperador D. Pedro II foi contatado por seguidores de Fourier em uma de suas viagens e que lhe solicitaram terras para construção de um de seus falanstérios. O Imperador concedeu terras para que fosse realizada a experiência da liberdade socialista. O historiador também lembra que nesse momento a força de trabalho brasileira era predominantemente escrava.

No período entre 1840 e 1842 é promovida, em Montevideu, a revista “La messenger Francais” de Eugène Tandonnet, baseada nas ideias de Charles Fourier (FARNET-BETACOURD, 1995, p.16). Pouco antes, o escritor argentino

Estebán Echeverría, que após uma estadia de quatro anos na França, retorna a Buenos Aires, influenciado pelas ideias de Saint-Simon, funda a Associação Jovem Argentina. Entre 1838 e 1839, essa instituição lança o manifesto “Código o Declaración de los Principios que constituyen la Creencia Social de La República Argentina”. Em 1846, Echeverría apresenta o documento com o nome modificado “Dogma Socialista de La Asociación de Mayo”, como bem focaliza Betancourt. Em apenas 7 anos o termo socialista tornara-se corrente.

Ao mesmo tempo, Echeverría, tentou ir além de cópia das ideias de Saint-Simon, buscou uma adaptação à realidade latina-americana dos ideais socialistas. O centro da abordagem de Echeverría é a economia política, por este caminho e através de seu “Dogma” desenvolve um projeto de “socialismo igualitário, que deve assegurar a liberdade e a democracia pelo caminho da igualdade social na América Latina (FORNET-BETANCOURT, 1995, p.17).

Em 1855- José Ignacio Abreu e Lima publica em Recife, a obra “Socialismo” trazendo um panorama das ideias gerais de Saint-Simon, Fourier, Owen e Proudhon, além de apresentar suas próprias ideias, que são essencialmente vinculadas ao socialismo místico e religioso. Carlos Rama (1996) qualifica a obra de Abreu e Lima como a mais completa explanação sobre Socialismo realizada neste período.

Houve ainda outras iniciativas no restante do continente, como as tentativas de construção de experiências socialistas no Texas e em outras áreas dos EUA e também das Antilhas, onde grupos de propaganda atuaram pela abolição da escravidão e pela autonomia da Espanha. No México o desenvolvimento de ideias socialistas surgiu primeiro com a vinda de Victor Considérant e Albert Owen, que buscaram influenciar o governo mexicano. Pablo Casanova mostra como foram disseminadas as ideias de Proudhon e a influência indireta que as ideias utópicas e anarquistas tiveram nos vários levantes populares; guerras camponesas e comunidades alternativas, místicas ou não, no Século XIX (CASANOVA, 1999, p.19).

-Ainda tivemos a Colônia Cecília, no sul do Brasil, impulsionada pelo anarquista Giovani Rossi, no Paraná, e os levantes messiânicos, com destaque para Canudos (1896/7 Brasil).

A participação política no cenário internacional pode ser percebida ainda no Século XIX, com o pedido de reconhecimento de Engels da primeira sessão da

AIT na Argentina, em 1872. Também nesse período temos o surgimento de sindicatos e associações trabalhistas em quase todos os países do subcontinente, especialmente depois da derrota da Comuna de Paris (1871) e das revoluções na Espanha. Ou seja, as ideias socialistas e críticas se aprofundam conforme avançam o desenvolvimento de setores capitalistas no subcontinente e concomitante com a chegada de uma leva imensa de imigrantes de diversos países como Itália, Espanha, Polônia, Alemanha etc.

Colaboram profundamente para ampliação desse imaginário as repercussões da primeira Revolução Russa (1905) e especialmente da Revolução Mexicana na década de 1910. Datam desse período as primeiras organizações vinculadas ao pensamento socialista, à II internacional e também ao marxismo, que buscam construir as primeiras explicações sobre a natureza das formações políticas regionais.

A divulgação das ideias socialistas foi feita através das correntes migratórias que reproduziam em seus círculos uma visão europeizante. A matriz desse comportamento estava na própria Internacional Socialista (IS) que “jamais atingiu uma consciência real da diferença existente entre sua experiência limitada à Europa – ou melhor, à parte avançada da Europa – e sua pretensão universalista, exatamente porque havia excluído preliminarmente de sua consideração o mundo subdesenvolvido por ser “bárbaro”. Bastando ver que em 1912, durante o congresso de Basileia com a revolução mexicana em curso, esta não foi sequer mencionada (ARICÓ, 1986, p.423).

Predominava na II Internacional Socialista uma visão doutrinária de que a progressiva marcha para o progresso industrial burguês significaria o aumento do número de proletários fabris, os quais, organizados em sindicatos e partidos, promoveriam a conquista das liberdades políticas e democráticas no Estado, significando pois, o caminho para o socialismo. Dessa forma “tudo aquilo que não se adequava aos modelos conhecidos de classes ‘modernas e civilizadas’ era ignorado ou negado enquanto anti-histórico, irracional, etc.” (MARMORA apud ARICÓ, idem p.423).

A escassez de estudos sobre a especificidade latino-americano, as debilidades das Ciências Humanas; de então, eram igualmente sensíveis, o que fragilizava a formulação teórica, o desenho estratégico e as interpretações sobre as formações nacionais, classes sociais, modelo de desenvolvimento social.

Essas foram num primeiro momento, pautadas por interpretações ou adaptações feitas do pensamento europeu.

O caso mais notório nesse sentido, foi o do Partido Socialista Argentino (PSA), fundado em 1895 por Juan B. Justo, importante intelectual, primeiro tradutor da obra de Marx, “O Capital”, para a língua espanhola e também o organizador da primeira estratégia para a transformação da realidade num país da América do Sul. Ele, tendo por base a parca bibliografia marxista divulgada na época e também a influência de pensadores como Alberto Conte, Durkheim, Spencer, tentou desenvolver uma teoria de luta de classes e de estratégias “dos de baixo”, que perspectivava a conquista do governo argentino (LÖWY,1999, p.69).

Justo partiu da história e da especificidade do desenvolvimento argentino centrado na pecuária e na agricultura. Tal desenvolvimento era beneficiado pelos imensos prados abertos, possibilitando a monopolização da estrutura fundiária pela oligarquia. A produção de riqueza, neste país, se dava não pela superexploração do trabalho, mas pela renda diferencial sobre a terra obtida na ocupação dos campos vazios, o que determinava que todos os setores da economia dependessem da ação desempenhada pela agropecuária.

O ritmo de crescimento econômico fabuloso alavancou, nesse período, a construção de uma extensa malha ferroviária geradora de um amplo processo de urbanização e também da constituição de uma renda *per capita* sem par na América do Sul. Dessa maneira, o interesse de amplos setores médios e populares apontava para o apoio à continuidade dessa expansão, exibido através de várias revoltas, reformas e adequações do sistema.

Justo, que fielmente seguia as deliberações e os cânones colocados pela II Internacional, tentava adaptá-la a realidade argentina. Compreendia que a luta para o Socialismo dependia da expansão do Capitalismo, que o monopólio das terras deveria ser modificado e distribuído, possibilitando o surgimento de uma ampla classe de pequenos e médios proprietários rurais e urbanos, base de uma sólida democracia e estruturadores de industrialização. Sendo assim, a estratégia apontava por:

(...) encontrar uma fórmula política capaz de destruir a crosta resistente da estrutura econômica geral (....)

conquistar a unidade entre o desenvolvimento econômico e o processo de democratização (...) de sorte que o socialismo devia empenhar-se ao máximo em seu projeto de democratização da vida política e das instituições, para dizer de outro modo, de integração das massas populares no Estado. (ARICÓ, idem p. 431).

Há uma dependência da democracia apresentada como chão tático para a construção de alianças visando à modernização do país e como caminho para o Socialismo. A luta pela democratização radical da sociedade é o polo central de arregimentação de um novo bloco político, tendo a classe operária como condutora desse bloco e do processo de modernização. Da plataforma do Partido Socialista Argentino (PSA) apresentava-se uma política de alianças para com todas as forças políticas da sociedade que representavam a modernidade e as mudanças, defendeu (por motivos diversos aos feitos por anarquistas, sindicalismo e comunistas), o livre-cambismo, na esperança de que a introdução de novas tecnologias possibilitasse o desenvolvimento industrial acelerado e a destruição das classes arcaicas. Pois

se o atraso político era a causa principal dos fortes traços de parasitismo presentes na economia argentina, a capacidade política e organizativa do partido operário devia ser posta a serviço de uma atividade voltada à limpeza do terreno, a fim de que o desenvolvimento econômico pudesse abrir caminho livremente. Seu liberalismo, portanto, não implicava uma proposta de abstenção do Estado diante do jogo das forças econômicas, mas uma intervenção positiva para a destruição da grande propriedade fundiária e do capital estrangeiro absenteísta. A formação de uma classe de pequenos e médios proprietários rurais constituía o pressuposto de toda autêntica industrialização (ARICÓ, idem p.431)

Da mesma sorte que, ao terem como centro a questão democrática, destinaram todas as energias possíveis no desenvolvimento do governo de maioria, onde o *lócus* seria o Parlamento e a expansão das organizações da Sociedade Civil, vinculadas às classes modernas e à classe operária. Essa tática possibilitou ao PSA obter conquistas e resultados eleitorais expressivos nas décadas de 1910 e 1920, mas o impediu de entender tanto as manifestações feitas pelos anarquistas e sindicalistas, observados como setores que representavam o atraso na consciência política da classe operária, como o movimento reformista liderado pelo líder populista do Partido União Cívica Radical, Hipólito Irigoyen, junto a outros setores das classes populares, visto como representante do atraso das classes dominantes.

E isso o impossibilitou de ter uma compreensão de que a formação das classes populares e sua alienação política estavam mais associadas à modernização capitalista do que ao atraso econômico, de igual modo impediu que desenvolvesse um leque de alianças políticas junto às classes populares e construísse uma estratégia de poder.

Na América Latina, a questão do poder como perspectiva de ação e projeto político para a classe operária só foi colocada a partir da introdução do leninismo, que demarcava ideologicamente quem eram os marxistas e os revolucionários e aqueles que eram genericamente socialistas. Essa demarcação é fundamental no entendimento político da época, pois o impacto geral causado pela I Guerra Mundial, frustrou a identidade das nações sul-americanas com a Europa. A visão de mundo civilizado, calcado num paulatino desenvolvimento do bem-estar e democracia, tão caro à política da Internacional Socialista, entrou em colapso com a I Guerra Mundial e com a crise do Estado Liberal (ARICÓ, *idem* p. 235).

A Revolução de Outubro aparecia como severa denúncia dessa ilusão, além de indicar uma resposta à crise do Estado e da Civilização burguesa, colocando a revolução socialista na ordem do dia, como alternativa à decadência da sociedade capitalista. O exemplo da Revolução Russa e o leninismo enquanto doutrina, ditavam a “possibilidade de pensar os processos de transformação das sociedades não europeias segundo uma perspectiva socialista”. Seu apelo, que teve influência em diversas correntes de pensamento para além da classe operária, centrava-se na experiência soviética, na demonstração de que um

grupo solidamente organizado que agisse em intimidade com as massas, estimulando sua criatividade e ação, seria capaz de tornar-se Estado. (ARICÓ, idem p.437)

No II Congresso da Internacional Comunista (IC, Comintern), essa premissa ganha relevo com as teses apresentadas por Lênin e M.N. Roy, indicando ainda o papel das lutas políticas nos países coloniais e não europeus na revolução mundial, também ressaltando o caráter autônomo dos movimentos de libertação nacional, sua potencialidade anti-imperialista e anticapitalista. (LÖWY, 1999, p77, II CONGRESSO da IC, 2007).

Essa perspectiva ampliava a elaboração política admitindo potencialidades revolucionárias de movimentos que não fossem essencialmente subordinados a classe operária, valorizava e aproximava setores populares de classes intermediárias para a transformação social. Paradoxalmente, enquanto a III Internacional elaborava uma perspectiva política de alianças a movimentos nacionais de caráter anti-imperialista, exigia que suas agremiações fossem organizadas essencialmente por proletários.

Com efeito, durante os primeiros anos da década de 1920, a IC esteve baseada em pequenos grupos políticos, sem significativa importância junto à sociedade e mesmo ao jovem e incipiente proletariado latino-americano. E ao mesmo tempo, crendo que só o jovem proletariado em formação fosse capaz de hegemonizar a vitória das forças anti-imperialistas, empurrava os jovens e inexperientes partidos _ normalmente formados e dirigidos por intelectuais e estudantes com pequenos núcleos operários às práticas sectárias e confusas (ARICÓ, idem p. 440).

Durante esse período a elaboração e a compreensão dos problemas políticos e sociais latino-americanos pelos dirigentes da III Internacional eram poucos e confusos, normalmente vinham embalados em menções a colônias inglesas e francesas da África ou Ásia, como atesta Haya de La Torre, em sua viagem a URSS, em 1924 (BELLOTTO & CORREIA, 1982, p.13).

Por sua vez, a ascensão da Revolução Chinesa em 1923, com forte componente camponês e anti-imperialista, traz novos horizontes ao debate e as indefinições sul-americanas.

O exemplo da China ajudava a observar com novos olhos a singular experiência mexicana, inicialmente subestimada como fenômeno de caos e de atraso. Com a celeridade característica dos processos de difusão dos grandes eventos revolucionários, surgiu rapidamente a ideia segundo a qual os países latino-americanos estavam maduros para uma 'Via Chinesa', que na ausência de uma elaboração estratégica específica, aparecia como um modelo (ARICÓ, idem p. 441).

A falta de definições políticas possibilitou que fosse transposta à realidade da América Latina a formulação de Stalin sobre a revolução chinesa "de Bloco das Quatro Classes". Segundo esse ponto de vista, havia na China, como genericamente na América Latina, um nascente capitalismo, onde a burguesia nacional urbana liderava a luta pela Revolução Democrática burguesa em aliança com o Proletariado, Campesinato e Pequena burguesia, contra os restos do Feudalismo e o Imperialismo (COUTINHO, 2005).

A partir de então, foram promovidas alianças, acordos e contatos pelos partidos comunistas com movimentos nacionais anti-imperialistas, como o exemplo da Aliança Popular Revolucionária Americana (APRA) liderado por Haya de la Torre, com a coluna Prestes, Sandino na Nicarágua, com os caudilhos mexicanos e governos reformistas, como de Alessandri no Chile, Irigoyen na Argentina, Batlle y Ordenez no Uruguai.

É desse período a organização da APRA, designada de "o Kuomintang latino-americano" por seu principal animador Victor Raul Haya de La Torre. Este, que fora líder estudantil peruano e latinoamericano na época do movimento de Córdoba em 1919, agrupou em torno de suas cinco teses, partidos comunistas, nacionalistas, setores camponeses e da pequena burguesia (MARIÁTEGUI, 1991, p.205).

Segundo o ponto de vista de La Torre havia na América Latina a necessidade de organizar um amplo movimento anti-imperialista. Uma frente única internacional dos trabalhadores manuais e intelectuais dotada de um programa de ação política que fosse um projeto empenhado na "la realidad economico-social de indu América es el punto de partida de su acción política.

Consecuentemente, descubrir esa realidad ha sido y es su primera misión revolucionaria” (TORRE, 1994, p.79).

O objetivo desse movimento seria realizar a Segunda Independência e destruir o Feudalismo (TORRE, idem p.86). No período de ascenso da Revolução Chinesa e com as conquistas por esta anunciadas parecia que a tática do Bloco das Quatro Classes estava no caminho certo e a orientação do Comintern indicava aos marxistas que onde não houvesse partido dos comunistas, esses deveriam promover ou se filiarem ao APRA. Mas ao pronunciar-se a traição da burguesia nacional, a Revolução Chinesa e a ação repressiva contra o proletariado, o balanço realizado pelo Comintern apontou por generalizar e reduzir a importância dos movimentos revolucionários nacionais. Promoveu-se uma “bolchevização” na política dos PC's acentuando seu caráter operário .

A avaliação era de que uma nova crise mundial ocorreria e com ela, uma nova fase de revoluções socialistas, partindo-se para uma orientação política de ação de “classe contra classe” (COUTINHO, 2005).

No caso específico da APRA, essa ruptura foi antecipada com a decisão de Haya de La Torre em transformar o movimento internacional em partido peruano, levando a críticas profundas dos líderes comunistas cubano, Júlio Antonio Mella e do peruano José Carlos Mariátegui. Independentemente da situação regional, a linha geral do Comintern significou o fim de qualquer relacionamento, durante anos, com movimentos nacionais e mesmo a caracterização de movimentos e governos nacionalistas como o de Cárdenas no México como protofascista (LÖWY, 1999, p22).

Cabe dizer que a opinião de Mariátegui tem autonomia e motivações outras das expressas pelo Comintern. Se no caso desse órgão partia-se de uma visão generalizadora de todos os movimentos nacionais, a opinião de Mariátegui é distinta. Ele reconhecia o importante papel nas tarefas nacionais desempenhado pelos setores médios e pela burguesia nacional, ao mesmo tempo, objetivava que a aliança política dar-se-ia através de instâncias claras e projetos precisos e não como algo permanente ou subordinado. De igual sorte, compreendia a realidade latina e a nação, em especial a peruana, como um “conceito a ser criado”, que o desenvolvimento da revolução socialista era algo a ser traduzido num jogo de alianças operado pelo proletariado com o

campesinato em conformidade com as tradições indu-americanas aliadas com a modernidade europeia.

O IV Congresso da IC (Internacional Comunista) ressaltou mais uma vez a possibilidade, para os povos de economia rudimentar, de iniciar diretamente uma organização econômica coletiva, sem sofrer a longa evolução pelas quais outros povos passaram. Acreditamos que entre as povoações “atrasadas”, nenhuma como a população indígena incaica reúne condições tão favoráveis para o que o comunismo agrário primitivo, subsistente em estruturas concretas e em um profundo espírito coletivista, se transforme, sob a hegemonia da classe operária, em uma das bases sólidas da sociedade coletivista pregada pelo comunismo marxista (MARIÁTEGUI, 1999, p110).

Essa recriação do marxismo, dialogando com as mais diversas correntes latinas e mundiais é o cenário por onde é inaugurado o marxismo latino-americano. Esse cenário_ que também teve outros nomes importantes como do argentino José Penelon, do chileno Luis Emílio Recabarren, do brasileiro Astrogildo Pereira_ denota uma mudança de ares na difusão das ideias socialistas na América do Sul e a tentativa de naturalizar o marxismo no continente.

O esforço inicial, realizado por vários setores comunistas: terá seu ponto alto em 1929, quando se realiza a primeira conferência dos partidos comunistas da América do Sul, além da inauguração da sede do *Bureau* da III Internacional e a publicação de uma revista do Comintern. Pretendeu-se definir uma política de alianças e uma tática para organização política, sindical e uma avaliação do cenário político sul-americano.

Ests é um período de várias mudanças, momento do colapso do Liberalismo e das democracias liberais, momento que o imperialismo estadunidense supera os capitais ingleses no subcontinente. Agitações que levam a queda de

governos e instauração de ditaduras em quase todos os países e uma grande agitação de setores proletários, classes médias e camponesas.

Também é o momento em que a ditadura stalinista se instala na URSS e na Internacional, representando o período de organização e divulgação da III Internacional na América Latina.

Capítulo I

A) Marx e Engels e as concepções de socialismo dos utópicos

O marxismo deparar-se-á com os pensadores do Socialismo Utópico e com seus movimentos em diversos escritos como a “Sagrada Família”, “Miséria da Filosofia”, “A Ideologia Alemã”, “Manifesto Comunista” e “Do Socialismo Utópico ao Científico”. Em comum, a todos os escritos, há o elogio ao pioneirismo social, às preocupações humanas, ao esforço de construção de uma alternativa ao Capitalismo.

Marx e Engels expressam, em suas críticas aos utópicos a inconsistência na análise do Capitalismo, destacando que ora caem nas boas intenções e no diálogo central com as classes dominantes, ora demonstrando que a insuficiência da análise e das formulações são produtos da imaturidade das relações sociais. Frisando que seria impossível pensarem além das forças produtivas e do espírito do seu tempo.

No “Manifesto Comunista”, Engels e Marx, inseriram um capítulo intitulado “Literatura Socialista e Comunista”. Nele expressam críticas ao socialismo feudal e clerical pelo seu caráter passadista e reacionário, em seguida, criticam o socialismo pequeno-burguês, lembrando que a burguesia em seu movimento vitorioso não só expropriou e derrotou as classes feudais, mas também as antigas camadas médias dessa sociedade. Mostram que esse movimento composto por setores intelectuais importantes como Jean Charles Léonard de Sismondi apontaram as

(...) contradições inerentes às modernas relações de produção. Pôs a nu as apologias hipócritas dos economistas. Demonstrou irrefutavelmente os efeitos destrutivos da maquinaria e da divisão de trabalho, a concentração de capitais e da propriedade da terra, a superprodução, as crises, o declínio necessário dos pequenos-burgueses e dos camponeses, a miséria do proletariado, a anarquia de produção, a distribuição gritantemente má da riqueza, a guerra industrial de

extermínio entre as nações, a dissolução dos velhos costumes, dos velhos laços familiares, das antigas nacionalidades (...) esse socialismo almeja ou restabelecer os antigos meios de produção e de circulação (...) e as relações de propriedade e a sociedade antiga”. (MARX e ENGELS, 1998, p32)

Discutem com a Escola alemã e os pensadores do “verdadeiro socialismo”, onde criticam a vocação pequeno-burguesa reacionária dos filósofos alemães. Em seguida passam pelo socialismo conservador ou burguês, nessa parte criticam a posição de Pierre-Joseph Proudhon e de outros pensadores e filantrópos que visavam organizar fundações e ações atenuantes de algumas das consequências mais nefastas do Capitalismo, salientando que esses socialistas “querem as condições de vida da sociedade moderna, sem os conflitos e os perigos que dela necessariamente decorrem” (MARX e ENGELS, idem p36)

Na terceira parte deste capítulo do Manifesto Comunista, surge o debate com as principais correntes socialistas e comunistas utópicas daquele momento e seus principais autores. Marx e Engels observam que os socialistas utópicos representam a primeira fase do antagonismo entre proletariado e burguesia, destacam que

Na própria sociedade somente, os inventores desse sistema reconhecem; sem dúvida, o antagonismo de classes e os efeitos de seus elementos desagregadores. Contudo, não atribuem ao proletariado qualquer autonomia histórica, qualquer movimento político próprio. (MARX e ENGELS, idem. p37)

Dessa maneira, os líderes desses movimentos colocam a sua ação a serviço dos mais prejudicados pela ação do capital, constroem planos fantasiosos de icarias e falastérios e ainda não têm como escopo de sua ação a construção de uma organização paulatina do proletariado em classe.

O estágio pouco desenvolvido da luta de classes, assim como sua própria condição social, levam-nos a considerar-se acima da luta de classes. Querem melhorar as condições de todos os segmentos sociais, também dos mais bem situados. Por isso apelam a toda sociedade, sem diferenciação. Na verdade, preferencialmente, à classe dominante. É como se bastasse entender o seu sistema para reconhecê-lo como melhor plano possível para a melhor sociedade possível. (MARX e ENGELS, idem.p38)

Apesar dessa debilidade, reflexo do estágio de amadurecimento da luta de classes, é possível observar que há contribuições importantes aos trabalhadores como

“ (...) a contraposição entre cidade e campo, abolição da família, do lucro privado e da situação dos trabalhadores, a proclamação da harmonia social, a transformação do Estado em uma mera gestão de produção” (MARX e ENGELS, idem p38).

Marx e Engels vêem no amadurecimento da luta de classes os elementos superadores das ideias fantasiosas dos utopistas. No texto de Engels, “Do Socialismo Utópico ao Científico” há um detalhamento das condições de surgimento do pensamento utópico e também dos elementos que puderam criar as bases de superação das visões utópicas.

Segundo Engels, a base do surgimento do pensamento socialista utópico está no próprio desenvolvimento da sociedade capitalista. A crítica promovida pelo pensamento burguês nega qualquer vínculo com as tradições e o passado, destroi todo elo sagrado existente na sociedade e coloca toda verdade diante do grifo da razão. Os valores expostos através do lema “liberdade, igualdade e fraternidade” vão aos poucos sendo destruídos por um novo despotismo social que é a dominação burguesa.

Ao lado do desenvolvimento burguês, desenvolvem-se as primeiras manifestações de um pensamento autônomo frente a essa classe. São manifestações ainda incipientes, imaturas para realizar sua luta emancipatória. Portanto, os três primeiros grandes pensadores do Socialismo ainda não se baseavam no proletariado, mas sim numa razão universal emancipatória de toda humanidade, tal qual o radicalismo burguês do momento anterior à grande Revolução Francesa.

Pretendia-se tirar da cabeça a solução dos problemas sociais, latentes ainda nas condições econômicas pouco desenvolvidas da época. A sociedade não encerrava senão males, que a razão pensante era chamada a remediar” (ENGELS, 1982, p32)

Essa formulação era condicionada pelo fato que, filosoficamente, baseava-se nos pensadores pequenos-burgueses da Revolução Francesa, que entendiam a crítica destinam-se a destruir o jugo da opressão feudal. Acreditavam que, assim, toda a humanidade estaria liberta de seus grilhões e, pela incipiência da própria expansão burguesa, que não havia desenvolvido a grande indústria e, com ela, a classe operária.

O fato das diferenças sociais e as matrizes dessas diferenças não estarem ainda clarificadas e desenvolvidas levou a que os primeiros socialistas desenvolvessem

(...) um sistema novo e mais perfeito de ordem social, para implantá-lo na sociedade vindo de fora, por meio da propaganda e, sendo possível, com o exemplo, mediante experiências que servissem de modelo”. (ENGELS Idem p39)

Esses modelos foram construídos sem base na realidade, mas sim na imaginação e em expectativas positivas que deveriam desenvolver-se pelo mundo. Engels é categórico em reconhecer que, independente de suas

utopias, Saint Simon, Charles Fourier e Robert Owen foram importantes pioneiros na luta pelo socialismo e lançaram “germes geniais de ideias”

Dessa forma, apontando em Simon o pioneirismo da crítica ao parasitismo burguês (mesmo sem saber), Engels destaca que

(...) o antagonismo entre o Terceiro Estado e os Estados privilegiados da sociedade tomou a forma de um antagonismo entre "trabalhadores" e "ociosos". Os "ociosos" eram não só os antigos privilegiados, mas todos aqueles que viviam de suas rendas, sem intervir na produção nem no comércio. No conceito de "trabalhadores" não entravam somente os operários assalariados, mas também os fabricantes, os comerciantes e os banqueiros. Que os 'ociosos' haviam perdido a capacidade para dirigir espiritualmente e governar politicamente era um fato indissfarçável, selado em definitivo pela Revolução” (ENGELS Idem 40)

Saint-Simon imaginava que a construção de um governo voltado ao desenvolvimento social, que seria promovido por homens da

(...) Ciência e a Indústria, unidas por um novo laço religioso, um "novo cristianismo", forçosamente místico e rigorosamente hierárquico, chamado a restaurar a unidade das idéias religiosas, destruída desde a Reforma. Mas a Ciência eram os sábios acadêmicos; e à Indústria eram, em primeiro lugar, os burgueses ativos, os fabricantes, os comerciantes, os banqueiros” (IDEM p 40)

O pensamento de Saint-Simon, está voltado rigorosamente aos setores mais desprestigiados da sociedade, Engels chama atenção para o fato de Saint-Simon, perceber que os movimentos da política se dão baseados na ciranda dos interesses econômicos e, a partir desse dado, é capaz de perceber, já em

1802, que a Revolução Francesa foi um cenário de luta de classe travada entre a nobreza, burguesia e proletariado.

Em Charles Fourier, Engels salienta a crítica deste as contradições reinantes entre a pobreza material das pessoas e a promessa dos burgueses. Ao mesmo tempo em que os compara com a promessa dos burgueses e com a dos enciclopedistas, de um reino de felicidade e justiça social.

Este avança em sua crítica, ganhando a condição de uma excelente sátira do mundo de então e destaca a sua percepção

Mas é ainda mais magistral nele a crítica das relações entre os sexos e da posição da mulher na sociedade burguesa. É ele o primeiro a proclamar que o grau de emancipação da mulher numa sociedade é o barômetro natural pelo qual se mede a emancipação geral. (IDEM p41)

Engels também destacará o papel cumprido por Robert Owen, excelente empresário e gerente que transforma a sua fábrica num modelo de administração para toda a Europa. No início é recebido por reis, presidentes, ministros que admiravam sua filantropia, aos poucos, contudo, conforme vai se ligando ao movimento operário e as ideias comunistas, a admiração vai se tornando desprezo e a sua vida vai se encaminhando à falência. Owen esteve envolvido em todas as grandes lutas da primeira metade do Século na Inglaterra

Todos os movimentos sociais, todos os progressos reais registrados na Inglaterra em interesse da classe trabalhadora, estão ligados ao nome de Owen. Assim, em 1819, depois de cinco anos de grandes esforços, conseguiu que fosse votada a primeira lei limitando o trabalho da mulher e da criança nas fábricas. Foi ele quem presidiu o primeiro congresso em que as *trade-unions* de toda a Inglaterra fundiram-se numa grande organização sindical única. E foi também ele quem criou, como medidas de transição, para que a sociedade

pudesse organizar-se de maneira integralmente comunista, de um lado, as cooperativas de consumo e de produção - que serviram, pelo menos, para demonstrar na prática que o comerciante e o fabricante não são Indispensáveis -, e de outro lado, os mercados operários, estabelecimentos de troca dos produtos do trabalho por meio de bônus de trabalho e cuja unidade é a hora de trabalho produzido. (Idem p.42)

Engels salienta que o pensamento utópico dominou a mentalidade socialista da primeira metade do Século, sendo responsável pela divulgação da ideia de socialismo e pela aproximação dessas ideias do movimento operário. Observa ainda que as condições de existência material desse pensamento estavam longe de serem possíveis de realização e, portanto, se prendem em visões imaginárias e em planos como colônias comunistas, falanstérios etc.

Para todos eles, o Socialismo é a expressão da verdade absoluta, da razão e da justiça, e é bastante revelá-lo para, graças à sua virtude, conquistar o mundo. Essas ideias estavam ligadas ao mesmo plano racional dos iluministas, que compreendiam a realidade como idealismo, e uma ação de convencimento pedagógico. Portanto, bastava as pessoas entrarem numa das colônias socialistas para desempenharem uma nova ética.

Leandro Konder (2012) lembra que, mesmo de uma dimensão póstuma, os pensadores utópicos sempre foram referências sérias aos autores do “Manifesto Comunista”. Igualmente Eric Hosbbawn (1998) destacará que ambos sempre fiaram a importância do seu pioneirismo sem, no entanto, dar a mesma importância à parte constituinte de sua prática.

Marx e Engels não deram importância às colônias utópicas desenvolvidas na Europa ou nos EUA, pois as viam como inviável ou mesmo reacionárias (KONDER, 2012, p.18).

O centro de sua crítica está em demonstrar que as preocupações dos utópicos não tinham a ambição na organização da classe proletária, mas no convencimento de reis e ministros sobre a justeza de suas ideias.

Em decorrência disso, surgira entre os setores desfavorecidos uma série de variáveis desse socialismo centrado em imagens e utopias que se misturam

ecleticamente. Engels salienta que para o socialismo realmente existir enquanto corrente e se converter em ciência, terá de estar ligado à realidade e à política.

Também observa que mesmo para uma das pessoas mais lúcidas de seu tempo como Saint-Simon, era impossível compreender e chegar a tal conclusão, pois os elementos de realidade necessários ainda não tinham sido desenvolvidos. Somente com as forças produtivas maduras seria possível ter um cenário onde os conflitos sociais ganhassem a condição de luta de classe entre as duas principais forças da sociedade. Dessa maneira o Socialismo deixaria a condição de ser uma imagem criada por um grupo de pessoas para ser elemento objetivo de um processo histórico.

B) A Recepção das Ideias Socialistas Utópicas na América

O fracasso das colônias utópicas na Europa faz com que os discípulos dos pensadores Saint-Simon, Charles Fourier e Robert Owen busquem ares novos e terras virgens, onde as ideias novas poderiam ser implantadas de formas mais certa e menos corrompida que no velho continente.

O pensamento socialista então passa a ser difundido no subcontinente sul-americano a partir da década de 1830. Ele será uma consequência direta das ideias que animaram as revoluções de independência e estavam em consonância com as inspirações revolucionárias vindas da França, Inglaterra e, em menor grau, dos Estados Unidos da América.

O movimento político que impulsionou a Revolução Francesa, Inglesa e Estadunidense foi um cenário de disputa entre várias concepções de mundo, indo da reação feudal, passando pelos movimentos hedonistas até as primeiras ideias socialistas. A ala extrema-esquerda do jacobinismo, foi a primeira que tentou expressar ideias socializantes, como bem sinalizou Hobsbawm,

Depois de 1794. ficaria claro para os moderados que o regime jacobino tinha levado a revolução longe demais para os objetivos e comodidades burgueses, exatamente como ficaria claro para os revolucionários que "o sol de

1793", se fosse nascer de novo, teria que brilhar sobre uma sociedade não- burguesa. Por outro lado, os jacobinos podiam sustentar o radicalismo porque em sua época não existia uma classe que pudesse fornecer uma solução social coerente como alternativa a deles. Essa classe só surgiu no curso da Revolução Industrial, com o "proletariado" ou, mais precisamente, com as ideologias e movimentos baseados nele." (HOBSBAWN, 1999, p44)

O pensamento socialista misturara-se-á confusamente com o liberalismo de esquerda, por um lado e, de outro , com uma visão idílica e de sociedade a ser refundada a partir de valores morais e de uma ética militante. Esse movimento será animado por intelectuais da estatura de Saint-Simon, Robert Orwen, Charles Fourier, entre tantos outros que cultivaram esperanças e embalaram vidas e projetos durante a primeira metade do Século XIX. Será através de suas formulações teóricas e de seus movimentos que as ideias socialistas ganharão a América e criarão raízes dentro do continente.

C) - Flora Tristan

A primeira crítica socialista sobre a sociedade-sul americana será formulada por Flora Tristan, importante ativista dos direitos da mulher “e uma feminista antes da existência do movimento” (Konder, 1994.). Flora era filha de um militar peruano, oficial do Exército espanhol que se casara com uma francesa durante o período da Grande Revolução.

Quando Flora tinha apenas três anos de idade, em 1807, falece Mariano Tristan Moscov, seu pai, e a partir de então sua vida passa por uma profunda reviravolta. As tropas napoleônicas alcançam a Espanha em 1808 e os cidadãos espanhóis têm os bens confiscados na França. Mariano Moscov e Anne Pierre Laisnay, mãe de Flora, residiam numa casa grande em Paris. A casa é confiscada pelo governo francês e para piorar a situação, o casamento de Mariano e Anne não havia sido autorizado pelo rei de Espanha e tampouco

fora regularizado o matrimônio no consulado francês, ou seja, a documentação estava irregular.

Anne e Mariano moravam em Bilbao onde tiveram uma vida pública considerável, figurando entre seu círculo de amigos Simon Bolívar e seu mentor Simon Rodrigues. Após a morte de Mariano e a difícil situação econômica que passava, Anne vê-se obrigada a abandonar a casa, indo morar no campo com duas crianças pequenas.

Com a morte de seu filho mais novo, resolve retornar a Paris com Flora. Mãe e filha se empregam na indústria e pouco depois Flora vai trabalhar no atelier de André François-Chazal, Litógrafo com quem se casará algum tempo depois, tendo três filhos. (KONDER, 1994, p.17)

O casamento acaba não dando certo e impossibilitada de se separar de Chazal, por causa da restauração monárquica que proibira o divórcio, Flora viverá durante boa parte de sua vida adulta em atrito com o marido, que tenta matá-la com dois tiros. Por conta das sequelas desse incidente, Flora falece em 1844.

A partir da segunda metade da década de 1820, Flora vive uma militância ativa em prol da causa da igualdade dos direitos das mulheres, em favor do Socialismo, e será uma das ativistas que aproximará o Socialismo do movimento operário através de sua obra, “União Operária”. Esse texto mereceu a defesa de Marx e Engels no capítulo V da “Sagrada Família” e influenciará a importante obra de Engels, “Situação da Classe Operária na Inglaterra” (KONDER, 1994, p.55). Flora Tristan foi uma das figuras de proa do movimento socialista da primeira metade do Século, manteve contato com Charles Fourier e Robert Owen, entre outros importantes pensadores dessa época.

Sua chegada ao Peru, em 1833, esteve ligada a seu pai e à busca do reconhecimento familiar de sua paternidade e consequentemente de sua herança. O pleito foi impossibilitado pela morte da avó paterna e a recusa de seu tio, Pio Tristan y Moscovo, importante político e militar peruano. Flora faz um relato de sua viagem que será sua primeira obra como escritora e será publicada com o título de “Peregrinações de una Paria”.

O texto, por sua crítica à avarizia de seu tio, foi queimado em praça pública em Arequipa e só conseguiu ser publicado no Peru em 1946. Para além do relato pessoal, o texto traz passagens importantes sobre as elites dominantes

peruanas e a mentalidade política de sua época, destacando a situação indígena, as classes populares e o papel da Igreja e da Escravidão.

Dessa maneira, ao observar a população de Arequipa, faz um recorte social entre “Classes, Raças e Costumes”, percebe que metade da população é composta por índios, outra parte de negros e mestiços e a minoria é branca. Em seu relato observa: “En el Peru, como en toda la América el origen europeo es el gran título de nobreza” (TRISTAN, 1996, p31). Também comenta que o escravo é a igualdade da desgraça. Seu relato também trás comentários sobre a instabilidade política reinante no Peru, onde três presidentes se sucederam em golpes e contra golpes (TRISTAN, 1996, p.33-34). Todos com fraseologia patriótica e popular e não deixa de notar que as classes dominantes almejam o Estado como um grande butim.

Também lembra que os governantes e as classes dominantes não tem qualquer preocupação séria com a instrução das classes desfavorecidas e se realmente houvesse a intenção de construir um futuro, o investimento teria de mirar os mais pobres. Também nota um conluio entre os interesses das classes dominantes e a políticas do Estado. Escreve sobre, os latifundiários e a Igreja, e a apropriação que o bispado fazia dos fundos destinados ao auxílio dos mais pobres. (Idem p 52)

Detém-se no cenário da guerra ao observar o papel das mulheres indígenas “las rabonas” que marcham junto aos exércitos. Elas são a vanguarda da infantaria, marcham à frente dos soldados e chegam antes ao campo de batalha, organizam as barracas, as vestimentas dos soldados, as armas. Não têm soldo, vivem da pilhagem.

Cada soldado pode ter quantas *rabonas* possa sustentar, alguns chegam a ter quatro. Salienta que não são casadas, são livres, “são criaturas à margem de tudo” vivem do que conseguem carregar e se pergunta, se as mulheres dos países avançados não poderiam vir a servir os exércitos se tivessem a mesma educação que os homens (Idemp.49-50).

Igualmente observa que o papel da religião e de suas instituições é contraditória;, ao mesmo tempo que expressa uma promessa aos pobres, acumula e age em favor dos mais privilegiados. Comenta a respeito do descontentamento que o bispo de então gerava em setores do próprio clero,

levando a que setores dissidentes manifestem-se através de atos políticos e imprensas alternativas.

Flora Tristan ao sair de Arequipa segue para Lima, na capital, onde detém-se nos hábitos das classes dominantes distantes da população e europeizadas. Visita o Parlamento e percebe que os discursos destoam profundamente da prática. Enquanto os parlamentares fazem loas a República sua prática visa o benefício próprio. (Idem p68)

Ao analisar a guerra civil entre as duas principais frações oligárquicas, comenta que se trata de que uma contenta entre grupos que buscam transformar o Estado para sua pilhagem. O diálogo quanto à Escravidão, feita com um senhor de escravo, é com certeza o ponto alto do texto. Nele, Flora Tristan se opõe à Escravidão e debate os valores do trabalho livre, o qual é contestado pelo latifundiário. Um debate tenso e vivo em que a socialista Flora Tristan esgrima com toda a sua arte, valorizando o trabalho livre e a criatividade que nasce com a liberdade humana.

Noutra parte do texto, narra a visita a uma negra presa, que teria deixado seu filho morrer de fome para evitar que crescesse como escravo. Repara com tristeza que no semblante da negra há uma altivez invicta em meio ao suplício. (idem p352)

No fim da viagem ao Peru, Flora Tristan vê-se por conta de seu primo militar, Barão Althus, numa entremanhas de uma quartelada, quando conhece um belo homem, comandante de tropas de nome Escudero, com quem começa a se encontrar frequentemente. Observa que ele reunia capacidade e inteligência para figurar num golpe de estado e proporcionar os modelos distributivos da sociedade que imaginava.

Nesse instante, imagina que seja capaz de entrar na política e na revolução social em curso, tal qual Mariscala Doña Francisca Zubiaca Gamarra, esposa do presidente peruano Augustin Gamarra, que liderou as tropas à vitória enquanto seu marido encontrava-se preso. (KONDER, 1994, p46)

Emilia Romero, tradutora e introdutora da obra de Flora Tristan no Peru, observa que enquanto a maior utopista peruana seguiu conhecida e famosa na Europa, sua obra “Peregrinações de uma Párea” foi queimada em praça pública e só foi publicada no Peru em 1946. Jorge Basadre relata que Tristan foi respeitosa com os peruanos e com o Peru, foi elogiosa com os pobres,

índios e negros escravos e miseráveis. Suas críticas se destinaram aos setores de cima da sociedade, em especial aos grupos dominantes na política e na igreja. (RAMA,1986, pXXVIII).

D) Esteban Echeverria

Outra vertente do socialismo utópico sul-americano ocorrerá na região do Prata, no bojo da consolidação do Uruguai e Argentina enquanto repúblicas autônomas. Nesses países se manifestaram intensas lutas entre as oligarquias agrárias e as nascentes burguesias urbanas e, do bojo do conflito aberto, apareceram as primeiras ideias socialistas. Jovens intelectuais e imigrantes divulgavam ideias de caráter democrático, republicano, liberais e mesmo socialista.

A consolidação da ditadura de Juan Manuel Rosas sofreu oposição de boa parte da classe intelectual da Argentina e também do Uruguai. O conteúdo dessa oposição se norteava em afirmar que a independência deveria se pautar pela superação do passado colonial espanhol e pela construção da democracia e da liberdade.

As pilastras dessa elaboração têm influência direta do pensamento de Giuseppe Mazzini e do Conde de Saint-Simon, tendo significativo alcance junto às classes intelectuais do Uruguai e a Argentina e na famosa Geração de 1837, onde destacam-se os argentinos Esteban Echeverria, Domingo Faustino Sarmiento, Bertolmo Mitre, como também os uruguaios Andres Lamas, Melchior Pacheco y Obos, Fermio Ferreira e muitos outros.

Essa juventude se inspirou e valorizou o passado revolucionário de maio de 1810 e a construção de um projeto de futuro. Denunciaram os governos despóticos de Rosa e Oribe como contra-revolucionário e notabilizaram-se no apoio às classes burguesas urbanas, o que denotará tais influências nas gestões políticas de ambos os países após a década de 1850.

Organizados em torno de princípios que valorizavam a identidade de língua, raça e território como um bem comum na construção da nacionalidade, conformam as bases do mazianismo e santisimonianismo platinos..

Carlos Rama chama atenção para surgimento do periódico “El Iniciador”, editado em Montevideu (1838-39) por Miguel Cune e Andre Lanas, e o “La Moda”, editado por Bautista Albedi e Juan Maia Gutierrez, onde pela primeira vez aparece o termo “Socialismo como tendencia hacia la sociabilidad y El humanitarismo”. O mesmo Rama salienta o surgimento de teses universitarias de inspiração saintimoniana (Idem pXXX).

Em 8 de junho de 1838 é formada em Buenos Aires a associação secreta “Jovem Argentina” (que pelo título e pelo juramento seguia as ideias mazzianas), tendo à frente Esteban Echeverria. De 1838 a 1840, a Jovem Argentina buscou implantar-se no interior do país divulgando suas ideias e as doutrinas de Saint-Simon através de órgãos de imprensa.

Em San Juan, Domingo Faustino Sarmiento y Quiroga Rosas editan “El Zonda” (1839) em que se explicam ideias de Saint-Simon por redactores que Le conocían a través de sus discípulos Pierre Leorox y EugèneLeminier. Hubo también secciones em Córdoba (Vicente Fidel Lopez) y Tucumán (Villafañe y Marcos Avellaneda). Desde Montevideo “El Iniciador” difunde por entonces una Sección Saintsimoniana y “transcribe y comenta Fourier y Lamennais, se descubre ante Lamennais y saluda a La Joven Europa, como religiosa, progressista, republicana y humanitaria”, como señala El editor del Dogma Socialista, Alberto Palcos (RAMA, 1986, pXXXII)

Esteban Echeverria, intelectual, poeta e escritor proeminente esteve a frente deste movimento, foi seu fundador, redator de seu manifesto “O Dogma Socialista” e seu presidente. Sua importância política transcende a Argentina e o Uruguai (onde exilou-se de 1840 até seu falecimento em 1851), também a outros países vizinhos. Sua importância intelectual é comparada a de José Bautista Alberti e Domingos Sarmiento, mas é com certeza, uma figura de primeiro plano no pensamento socialista.

Echeverria foi o primeiro intelectual de porte a divulgar as ideias socialistas na Argentina e na América Latina . O jovem poeta e intelectual platino rumou para Paris em 1825, para realizar seus estudos na França, onde entrou em contato com as obras de Lamennais, Mazzini, Rousseau, Tocqueville e Saint-Simon, entre outros. Acompanhou o debate sobre democracia, liberalismo e socialismo o que proporcionou forte influência sobre seu papel enquanto poeta, escritor e pensador político.

Retorna a Buenos Aires em 1830, período importante na região do Prata. Momento da assinatura da primeira constituição da República Uruguaia e, no ano seguinte, consolidou-se a unificação das províncias e o surgimento da República Argentina. Também conjumina com ascensão da ditadura de Juan Manuel Rosas.

Esse é um momento de grande agitação interna. Rosas mobiliza suas forças no sentido de impor a unidade argentina e derrotar seus inimigos federalistas e unitaristas. Para tanto, empreende uma larga campanha militar que abrange a ocupação do Uruguai e tenta insuflar o levante da província sul-riograndese brasileira. (DIAS, 2012, p4)

Rosas igualmente governou com poderes absolutos, impedindo toda forma de oposição. Pelo lado dos intelectuais, Don Marcos Sastre cria seu “Salon literário”, ambiente que abriga a jovem elite intelectual argentina, onde se discutia política, filosofia, literatura e problemas sociais. Será um dos palcos para apresentação das ideias de Echeverria.

Esteban Echeverria operará uma síntese entre as ideias de Mazzini e Saint-Simon, apresentada em um debate sobre Nacionalidade, Democracia e a República. A seu ver, a Revolução de Maio de 1810 havia sido traída e os principais grupos políticos, federalistas e unitaristas, não agiam de modo a proporcionar o desenvolvimento argentino. (idem p.5).

O manifesto “Dogma Argentino” é dedicado à juventude; visa construir uma nova geração que se oponha à corrupção, à tirania, aos traidores do princípio da liberdade e afirma o fim do passado, a democracia, o progresso, a fraternidade e a igualdade entre os homens, Deus como princípio organizador e manifesto. (ECHEVERRIA, 1996, p.90)

He aquí lo votos de La Joven Generación y de las generaciones que vendrán.

Gloria a los que no se desallentan em los conflictos, y tienen confianza em su fortaleza. De ellos será la vitoria.

Gloria a los que no se desesperan, tiene Fe em el porvenir y em progreso de la humanidad. De ellos será el galardón.

Gloria a los que trabajen tenazmente por hacerse dignos hijos de la pátria. De ellos serán los denciones de la posteridad.

Gloria a los que no transigen con ninguna espécie de tirania, y sienten latir em su pecho um corazón puro, libre y arrogante.

Gloria a la juventude Argentina, que ambiciona emular las virtudes, y realizar el gran pensamiento de los heróicos padres de la pátria. – Gloria por siempre y prosperidad idem p.90)

A educação é um fio condutor que possibilita a elevação dos espíritos, a construção da compreensão, a garantia da liberdade e a autonomia humana, e nela que estará garantido o principio da justiça, da escolha dos bons governantes e do bom governo, e nela que o progresso se assenta, garantindo assim a fartura e desta a distribuição de riquezas. (idem p.91)

O progresso é, por sua vez, o lastro que garante a superação das penúrias e a formação de uma democracia sólida e estruturada também será através do progresso que a América e a Argentina poderão estabelecer sua emancipação social, política e financeira (idem p.96).

No que se referente a Liberdade, Igualdade e Fraternidade, temos a afirmação do ideário socialista como uma dádiva divina, como uma construção amorosa e religiosa que será ratificada. Deus e Cristo serão a origem do amor que guiará os homens e os bons governos. A religião será a base de uma plataforma moral que conduzirá a sociedade através do caminho correto e lívido.

Dessa forma, denuncia a tirania de Rosa, a ausência de democracia, a ausência de manifestações coletivas e individuais, e busca refundar a Revolução de Maio como um mito condutor de uma nova ação política. Echeverria expressa um projeto de nação e a naturalização de ideias que agrupam e sintetizam Lamannais, Saint Simon e Mazzini. (idem p.128) .

Como afirmou José Ingenieros, a Associação Nova Argentina é a tentativa de construção de um partido voltado à ação revolucionária, centrado na realidade local e internacional.

Ese partido nuevo no pueden representarlo sino las generaciones nuevas, y en concepto nuestro, nada útil harán por la patria, mal gastarán su actividad sin fruto, si no entran con decisión y perseverancia en la única vía que les señala el rastro mismo de los sucesos de nuestra historia (INGENIEROS, 2014).

Ingenieros também cita o entusiasmo que a revolução de 1848 nutriu no poeta. Echeverría compreendia que o movimento revolucionário tinha colocado na ordem do dia a questão do Socialismo e que o movimento tenderia a varrer o despotismo na Europa e na Argentina.

Nesse mesmo período foram publicados no Chile seus últimos ensaios políticos, voltados à construção de um projeto de nova constituição para após a queda de Rosas. Pouco depois faleceu, não tendo tempo de regressar a Buenos Aires como ambicionava (idem 2013)

Esteban Echeverría foi uma figura de proa no nascimento do socialismo latino-americano e diversos de seus escritos mantêm atualidade. É comparado por Carlos Rama e por Fernet Bentacoud a pensadores do porte de José Carlos Mariátegui e Ernesto Che Guevara.

E) Jean Baptista Tandonnet

Outra fonte de divulgação do pensamento socialista sul americano ocorreu através da imigração francesa e italiana. Da imigração francesa, daremos destaque ao discípulo de Charles Fourier, Jean Baptista Tandonnet, durante os três anos que viveu no subcontinente, entre 1840 a 1843.

Tandonnet foi um discípulo direto de Charles Fourier. Na França, contribuiu com as revistas “La Phalange” e “Le Plalanstère”, no periódico “Revue Du Progrés”, dirigido por Victor Considérant, até que as discórdias o trouxeram para a América do Sul.

Editou o jornal “Le Messenger Francais, Journal Commercial, Littératre et Politique” em Montivideu, onde a colônia francesa era a mais importante. Em

1842, em homenagem aos cinco anos do falecimento de Fourier, dedicou um número especial à obra e à bibliografia do mestre.

Tandonnet estava presente quando do cerco de Rosas e Miguel Oribe a Montevideú, e também quando os franceses solicitaram armas para constituir uma coluna francesa em defesa da cidade sitiada. Porém, Tandonnet, seja por discordar dessa posição política como para obter uma opinião avantajada da situação do cerco, passou à capital dos sitiados e lá conheceu Miguel Oribe, tornando-se seu amigo e, através deste, foi apresentado a Rosas chegando a fazer parte do círculo de relações do ditador.

Teve uma primeira impressão ingênua sobre as verdadeiras intenções de Rosas. Colaborou com os intelectuais ligados ao regime no ataque às idéias saintsimonianas de Esteban Echeverria, fez tentativas em vão junto ao ditador para que lhe fosse fornecida estrutura para a construção de um falanstério. Depois esteve no Rio de Janeiro onde colaborou na propaganda falasteriana com o Dr. Jean Benoit Mure.

Segundo Abramson, quem melhor traduziu a disposição ideológica de Tandonnet foi Domingos Faustino Sarmiento, quando se conheceram no regresso de um e exílio de outro.

Tandonnet era um homem culto e com situação financeira privilegiada. Tinha tido contato direto com Charles Fourier e dele guardava como verdadeiro tesouro, sua pena, um chumaço de cabelo e os sapatos. Sarmiento impressionou-se com o novo amigo, dedicou horas de sua viagem a discutir e a estudar seus argumentos. Abramson, faz notar que Sarmiento escrevia com facilidade sobre Fourier e que conhecia bem sua obra.

Sarmiento observava com ironia certas previsões de Fourier, mas reconhecia seu esforço intelectual em construir uma sociedade mais justa, onde o trabalho não fosse apenas repugnante. Reconhecia que sua política associativa criava vínculos entre as pessoas e a promessa de uma vida igualitária atraía intelectuais do porte de Tandonnet. Nos dizeres de Abramson

La comprensión que tiene Sarmiento de Fourier resulta asombrosa. Le cita an Tejedor los trozos más estrafalarios - yo diría los más poéticos -, sobre el radiante porvenir de la humanidad y del planeta transfigurados por la aplicación de su doctrina; le cita los trozos dedicados al

cambio climático, a la transformación del mar en mar de limonada, al remolcamiento de los barcos por las antiballenas, al transporte de los hombres del futuro a caballo sobre tigres domados (porque los tigres son muy flexibles), cuanto pues debería de escribirse, según Sarmiento, "en un hospital de locos"; lo cual no le impide agregar: "Y sin embargo, Fourier es un pensador profundo, un ingenio de observación, de estudio, de concentración (...). Fourier ha seguido una serie de soluciones matemáticas que lo han conducido a estas aberraciones, pero bañando de paso de torrentes de luz las cuestiones más profundas de la sociabilidad humana. (ABRAMSON, 2015).

Sarmiento e Tandonnet mantiveram contato, discussões e amizade por muito tempo; Tandonnet traduziu o livro de Sarmiento “Fray Félix Aldao” e publicou resenha sobre o livro “el Facundo” na prestigiada “Revue des Deux Mondes”.

G) Giuseppe Garibaldi

Outra fonte de pensamento socialista virá da numerosa colônia italiana e terá na figura de Giuseppe Garibaldi um difusor “sem querer” do Socialismo Utópico. A colônia italiana teve influência do pensamento de Fourier, Saint-Simon, da ala radical dos mazzinianos, mas, em especial de Fillipo Buonarrotti, divulgador do pensamento Carbonário. Garibaldi teve importante influência no pensamento do socialista utópico Emile Baraut. Garibaldi dirá de seu companheiro:

Las teorías comopolitas del saintsimonismo afectaron la unilateralidad de mi patriotismo y orientaron mis ideas de la nacionalidade a la humanid – com Barraut, dice más adelante, aprendi que el hombre cosmopolita, que adopta la humanidad por Patria, y ofrece su espada y su sangre

a todo um pueblo que lucha contra la tirania, es mas que um soldado, es um heroe. (RAMA, 1996 p.XXXVII).

Os círculos garibaldinos vinculados ao socialismo se espalham pelo Uruguai, Brasil, Argentina e com menor importância Chile e Peru. Diversos dos membros da legião garibaldina estiveram em postos-chaves em embaixadas, chegaram a ter influência em lojas maçônicas e a publicar jornais como “Il Legionário” Italiano e “L’Italiano”, em Montevideu e Buenos Aires, muitos participaram de lutas continentais e seguiram Garibaldi na Revolução de 1848.

G) Sebastião Arcos e Francisco Bilbao

Tardiamente, se comparados aos movimentos desenvolvidos no Uruguai e Argentina, acontece a intelectual chilena que é marcada por características radicais. Essa tendência radical se expressa nas ideias socialistas que apontam para a superação com o utopismo, graças à relação com a incipiente luta de classes.

Em 1850 é formada, por iniciativa de Sebastião Arcos e Francisco Bilbao a “Sociedade da Igualdade” com a intenção de agregar intelectuais e o povo excluído da vida política. Com sentimento parecido ao da “Jovem Argentina”, o juramento exige de seus afilhados:

I Reconhecéis la soberania de larazón, como autoridad de autoridades??

II Reconocéis la soberania del pueblo como base de toda política?

III Reconocéis el amor y la fraternidad universal como vida moral? (RAMA, 1996, p140).

Mas ao contrário dos argentinos, o caráter da “Sociedade Igualitária” se pauta na ação junto à população. Conclama a juventude a ir conhecer os bairros distantes, conhecer os hospitais e a vida dos pobres chilenos. Destacam no seu plano de ação a construção de escolas gratuitas e Bancos para os proletários.

O seu periódico “Amigo del Pueblo” publica textos sobre a conjuntura chilena e traduz textos do Abade Felicité Lamannais, abre filiais em várias cidades e supera mil filiados, tornando-se agremiação com uma influência política real.

O cenário conjuntural do Chile é tenso. A derrota por fraude eleitoral do candidato liberal Loncomilla para Manuel Montt, representante da aristocracia agrária e da Igreja católica, abre sucessivos movimentos insurrecionais. A “Sociedade Igualitária” participa de levante derrotado em São Felipe, o que leva o governo a coloca-la na ilegalidade e exilar Bilbao e Arcos.

Ambos virão a falecer no exílio, mesmo com a derrubada do governo despótico de Mont e o processo de anistia estabelecido em 1862, uma vez que o repatriamento não foi estendido a Arcos e Bilbao.

É muito conhecido desse movimento a Carta de Arcos à Bilbao, que é citada como o “Manifesto Comunista chileno”. (idem pXLII)

Na, Arcos apresenta os motivos de sua prisão e narra com agudez os elementos constitutivos da conjuntura chilena, se dirige à população chilena - aos mineiros, artesões, capitalistas, lavradores e camponeses, convocando-os à revolução, e aponta na conjuntura quais seriam as mudanças a serem realizadas pela tempestade revolucionária e quais as pilastras de construção de um novo Chile. (ARCOS, 1996, p143)

Ele faz uma divisão concreta entre pobres e ricos, identificando os primeiros como atores do processo de mudança e os últimos como os herdeiros dos hábitos culturais despóticos nascidos na corte de Madri. (idem p147-148)

Arcos indica os pontos que devem ser alterados na Constituição e na Sociedade e sua Cultura. Expõe com clareza quais seriam as reformas sociais e os agentes dessa mudança, a seu ver, os imigrantes estrangeiros, pois trariam novos hábitos educacionais, técnicas de trabalho e de asseio, o que elevaria a consciência chilena ao nível da civilização. Expõe sua fé no republicanismo radical e na democracia como elemento condutor de boas leis e do bom governo, propõe uma nova assembleia constituinte e conclama o povo ao grito de guerra dos revolucionários descamisados franceses “Pan e Libertad” (idem p.164)

As análises desses dois intelectuais chilenos surpreendem pelo radicalismo de suas ideias e práticas. Ainda jovem, em 1842, Francisco Bilbao se une a “Sociedade da Literatura”, mesmo período do surgimento da Universidade do Chile. Publicou seu primeiro livro em 1844, “La Sociabilidad Chilena”, cujo conteúdo é uma crítica radical às instituições religiosas, às oligarquias agrárias e declara estar em curso uma contra-revolução no país. Os setores conservadores promoveram uma comoção contra o livro, condenando a ser queimado em praça pública por pressão da Igreja.

Francisco Bilbao exila-se na Europa, participa da revolução francesa de 1848, conhece pessoalmente Edgar Quinet, Jules Michelet e o Abade Lamannais, de quem sofreu forte influência. (SCHEIDT, 2010, p.52)

De volta da Europa, funda junto com Santiago Arcos a “Sociedade Igualitária” e teve importante participação na tentativa revolucionária armada em São Felipe. Sua obra política e elaboração teórica evoluem do liberalismo radical ao socialismo. (idem p. 54)

Sua abordagem do processo revolucionário chileno denota que a fundação do Chile, enquanto país independente, herdou da Espanha uma cultura e um atraso relacionados com a idade média, caracterizado pelo feudalismo. Este passado bárbaro era representado em toda a sua força pelo papel da igreja católica, identificada com a aristocracia agrária e com o sustentáculo ideológico da monarquia espanhola. (IDEM p.56)

A legitimidade da colonização havia constituído uma “creencia”, baseada no atraso e na ignorância dos povos rurais. Para alterar esse quadro seria necessária a edificação de um novo conjunto de ideias, hábitos e mentalidades calcados na vida urbana. Esse futuro estaria sendo gestado nas idéias iluministas que edificariam o republicanismo, a igualdade social, o liberalismo e a democracia através da ruptura com o passado colonial (Idem p.57).

Sua ideia central é que a revolução americana e as idéias defendidas por Simon Bolívar e o General O’Higgins iniciaram uma mudança de estrutura, com a construção de novas instituições e a ruptura com o passado colonial. Porém, enfatiza que estas foram bloqueadas pela ausência de bases sociais. Essa ausência possibilitou que a nova mentalidade não se materializasse e que mantivesse a antiga mentalidade organizada e disseminada pela ação conservadora dos governantes.

Isso abriu espaço para a destruição do republicanismo, com o ascenso de despotismos e da contra-revolução, que apontavam para a restauração da ordem colonial, agora sem a metrópole.

Bilbao acreditava que os pilares dessa volta ao passado estava assentada nas bases rurais, ignorantes e isoladas, que tinham uma vida pacata e tradicional; tendo como horizonte aquilo que foi difundido pela Igreja católica e pela Coroa de Espanha. Esse humos adubava os fundamentos para a contra-revolução.

Dessa forma, Bilbao entenderá que essas bases compunham a barbárie e que a cidade, a vida difundida através das inovações tecnológicas, do comércio e das artes era a modernização e representava a civilização¹.

Bilbao antecipou-se ao debate colocado por outros setores de esquerda sobre dois pontos. Foi o primeiro intelectual a fazer uma distinção entre América do Norte e do Sul. Até então o conceito América era identificado com todo o continente, com o republicanismo, a conquista de democracia e a Europa era vista como despótica e monárquica. Isso ocorre após a guerra entre Estados Unidos e México, quando mais de um terço do território mexicano foi anexado ao vizinho do norte.

O que levou que considerasse que a ação dos Estados Unidos não visava o bem comum do continente. Observou que os Estados Unidos tinha interesses distintos dos demais países da América e que tal qual a Rússia, buscava dominar o mundo. (SHEIDT, 2010, p.61)

Ele observa, ao contrário de quase todos intelectuais de seu tempo, que a ação dos estadunidenses visava subordinar o restante do continente aos seus interesses e denuncia o individualismo político dos EUA.

O intelectual chileno teceu críticas duras à questão nacional e à fragmentação em várias nações, pois via nessa divisão um fator importante na perda de capacidade material e aumento da pobreza, o que colocaria em desvantagem o Sul em relação ao Norte. Dessa forma conclama a realização de um congresso Americano para reunir os países do Sul, sugerindo como meio de edificação da nação americana a Confederação dos Países do Sul. Visava, com isso tanto afirmar a nação sul-americana como única, capaz de barrar a dominação que se desenhava pela ação dos Estados Unidos. (idem p.63)

H) O Socialismo Utópico brasileiro

A divulgação das ideias socialistas no Brasil, é totalmente original em relação aos demais países do subcontinente. Esses países realizaram Revoluções de

¹ Sheidt chama atenção para a semelhança de ideias entre Bilbao e Sarmiento em seu livro *Facundo*, o que denota o intercambio entre os dois autores. Levando-se em conta que Sarmiento nesse momento histórico estava exilado no Chile p 57

Independência, instaurações de Estados Republicanos alterações e mudanças nas instituições.

O processo brasileiro ocorre de modo distinto, aqui as instituições praticamente eram as mesmas da colônia e a ausência de um comércio e de uma indústria desenvolvidas deixava um vazio nas relações sociais. Ou seja, trata-se de um país agrário onde a mão de obra é escrava e ao mesmo tempo, tem-se uma classe dominante cônica de seu papel histórico e das dificuldades de seu presente.

El Brasil Independiente desde 1822 bajo La fórmula de um gobierno imperial orientado por uma oligarquia culta penetrada por La masonaria, presentara historicamente uma combinación muy apta para AL desarrollo de lãs nuevas ideas de “reforma social” de tipo cientificista. Esas minorias, por definición liberadas del ideário tradicionalista, son conscientes de atraso del pais de sudebilidad y em definitiva de su in evitable sometimiento a grandes pontencias europeas, antes Portugal y a hora Inglaterra.

El “proyecto social” del saintsimonísmo, especialmente em la version que protagonizan constructores y administradores de ferrocarriles como Cichel Chevalier y Prosper Infantín, los banqueros Péreire, y e otros empresários y economistas, partidários de expansión de la ordenación econômica de La sociedad, de la eficácia del Estado, tuvo que encontrar necesariamente eco em lãs altas esferas de la economia y La política brasilenas (VÉASE apud RAMA, 1996, pLV)

Ademar Leonidio chama atenção para uma particularidade que define a diferença entre o pensamento socialista no Brasil e noutros países vizinhos.

É difícil falar no Brasil em uma linha evolutiva que leva da radicalização dos ideais de liberdade e de igualdade ao Socialismo Utópico, como se deu na Europa. Quando tais ideias “aportaram” no Brasil, na década de quarenta do

Século XIX, encontraram uma situação *sui generis*: ausência de uma burguesia enquanto classe social distinta e muito pouco trabalho livre. O comércio e o artesanato, embora com pequenas diferenças regionais, continuavam muito reduzidos. Além disso, predominava, mesmo aí, o trabalho escravo, conforme testemunhou Tollenare alguns anos antes:

Um mestre-de-obras, um marceneiro, um carpinteiro, um ferreiro, um pedreiro, um chefe, enfim, de qualquer destas profissões, em lugar de assalariar operários livres, compra negros e os instrui (...) Portanto, era nas camadas médias urbanas – profissionais liberais, burocratas e até homens de Estado – que as idéias socialistas, com todas as idéias novas que vinham de fora, encontrariam uma base para sua difusão. Mas elas em si não representavam nenhuma classe social concreta. (LEONIDIO, 2009, p.99-100)

Portanto a naturalização do discurso socialista no Brasil, ocorrerá de forma distinta do discurso que predominou na Europa, especial na revolução de 1848, onde houve um encontro entre o Socialismo, Democracia e Republicanismo e que foi o motivo de encantamento dos socialistas utópicos de outros países latino-americanos.

Entre os pioneiros do Socialismo no Brasil, destacam-se os médicos franceses Jean Maurice Faivre e Jean Benoit Mure, ambos discípulos de Charles Fourier. Faivre nasceu em 1795 na França, formou-se em Medicina em 1825 onde tomou contato com as ideias de Saint-Simon e Charles Fourier, tornando-se um adepto deste último.

O Brasil em 1826. O Brasil é um país recém-independente. Faivre, começa a trabalhar no Exército e pouco depois é indicado para o Hospital da Corte e ainda figurará como um dos cinco fundadores da Academia Imperial de Medicina. Na década de 1840, valendo-se de suas relações na Corte e com a Imperatriz Tereza Cristina, do qual era médico particular, obtém fundos para financiar em 1847 um fanstério no meio da selva na província de São Paulo (hoje Paraná).

O Falastério Teresa Cristina as margens do rio Ivaí. O núcleo inicial era composto por 25 famílias e outras vieram da França.(MANFREDINI, 2013).

Faivre imaginou que se refugiado na selva, junto com seus aderentes, desenvolvendo vida livre e igualitária, estaria a salvo das iniquidades – sobretudo morais – que haviam assolados o mundo das cidades. (idem 2013).

A Colônia apresentou como uma de suas marcas a proibição da escravidão isso, isso quarenta anos antes da abolição no Brasil. Faivre distribuiu terras e ajudou na quitação dívidas.

Nos primeiros anos a Colônia expressou algum progresso com a produção de rapadura e aguardente, construiu uma olaria. Mas o isolamento fez com que aos poucos as famílias fossem abandonando Tereza Cristina e em 1858, vítima de uma febre Faivre morreu e a Colônia pouco depois acabou.

O presidente da província do Paraná não deixa de tecer elogios a ação pioneira e a retidão moral e política de Faivre como um exemplo de homem puro e dedicado a uma causa. (MANFREDINE, 2013)

A outra experiência deu-se com o Dr. Jean Benoit Mure, médico que veio para o Brasil em 1841. Aqui tem como missão convencer a conservadora Corte brasileira a lhe dar estrutura para a construção de um falanstério no Brasil. Após alguns anos de trabalho consegue, junto ao Brigadeiro Machado Oliveira terras na região de Sai em Santa Catarina para construção de seu falanstério. (QUEIROZ, 1990, p10).

Para tanto traz da França um grupo de colonos que logo se dividem entre as duas lideranças; a primeira de Mure e a segunda de Michel Derrion. Que funda outro falanstério na região de Palmital. O fato é que ambas tentativas deram em fracassos na década de 1840, movidas por brigas internas, interesses particulares que desafiavam o dogma de Charles Fourier de construção do Paraíso na terra. (QUEIROZ , 1990, p 11)

Apesar do fracasso, Mure continuou a divulgar o Fouretenismo e o Socialismo através de seu jornal o “Socialismo da Província” e consegue que seja aprovado na conservadora Corte imperial a construção de um novo falanstério que é saudado assim pelo jornal de Mure (LEONÍDIO, 2009,p104).

O Brasil é o primeiro país onde o governo acolhe e protege até a ciência social, o fourierismo! O governo do Brasil é o primeiro que prestou às idéias sociais o auxílio da sua legislação! Há quatro anos, de acordo com as câmaras, o governo autorizou a formação de um falanstério; hoje um ilustre senador do Império colocando-se à frente do progresso social no seu país, acaba de obter de Sua Majestade Imperial o decreto que publicamos abaixo e de cuja execução pode datar uma nova era de verdadeira prosperidade (O Socialista da Província do Rio de Janeiro, 06/08/1845).

Acreditava-se que, com o amparo benevolente do imperador Don Pedro II, o Brasil seria o primeiro país onde se veria realizada a concepção falansteriana de Fourier. O “ilustre senador” ao qual se refere a citação é Nicolau Pereira de Campos Vergueiro e o “falanstério”, a Sociedade Família Industrial de Ibicaba perto de Limeira, interior de São Paulo.” (LEONÍDIO, idem 104)

Leonídio chama atenção para a relação conservadora existente entre as ideias socialistas e a sua naturalização no Brasil. exceto a primeira experiência realizada por Faivre, em nenhum momento a Escravidão, a propriedade e a monarquia foram questionadas ou as idéias republicanas e democráticas e igualitárias foram divulgadas. (LEONÍDIO , idem p105)

Vale destacar também que a primeira vez que o socialismo é mencionado no país será através do jornal “O Globo”, jornal filosófico, literário industrial e científico, fundado em 1844 por A. Guimarães que apresenta as ideias do socialista francês como um antídoto à anarquia urbana, como um meio de construir novas colônias agrícolas e ocupar a terra ociosa.

O mesmo jornal se preocupa em tranquilizar os seus leitores informando que o pensamento de Fourier é uma forma de combater as ideias revolucionárias em voga na Europa e também evitar que a miséria e a pobreza se alastrem pelas cidades brasileiras. (LEONÍDIO, idem p101)

No Pernambuco surgiram vários jornais que divulgaram as ideias socialistas. Tanto Carlos Rama como Leonídio destacam a presença de José Ignácio

Abreu e Lima como importante socialista brasileiro. Este era filho de um revolucionário de 1817 que teve de se exilar nos Estados Unidos e depois se juntou a Simon Bolívar. Abreu e Lima participou do Exército bolivariano, tendo atuado em várias batalhas, destacando-se com heroísmo e dando baixa com a patente de General. Inspirado na obra de Lamennais escreve o seu livro “O Socialismo”, considerado por Rama como o mais importante trabalho sul-americano sobre o socialismo dessa época. Nesta obra mostra conhecimento das obras de Saint Simon, Fourier e Proudhon. (RAMA, 1996, pXLIX).

A presença do engenheiro Luís Léger Vauthier, como chefe de Obras Públicas do Pernambuco também denota a introdução das ideias socialistas ligadas a Fourier nessa região. Vauthier divulgará o Socialismo através de círculos de discussão e também contribuirá no Jornal “O Progresso” de seu amigo e também socialista Antonio Pedro Figueiredo.

Antonio Pedro Figueiredo foi importante intelectual o primeiro a destacar a necessidade de uma divisão de terras no país. Essa divisão era meio fantasiosa imaginava mais uma vontade distributiva do que uma legislação. Figueiredo estudou o curso de filosofia socialista de Victor Cousin e passou a defender e a divulgar as ideias socialistas através do Jornal “O Progresso”.

Borges Fonseca foi o mais radical dos pensadores socialistas, defendeu a República e divulgou em seus vários jornais ideias que iam do fim do Império a reformas dentro do mesmo. Destacam-se em suas ideias o direito ao sufrágio universal e o direito ao trabalho. Borges Fonseca e Inácio Bento Loyola chegaram a fazer tímidas defesas do fim da Escravidão. (QUEIROZ, 1990, p.13) Mas deve ser ressaltado os limites e as contradições que o contexto brasileiro – profundamente conservador – impunha às ideias do Socialismo Utópico, que começaram a se propagar no Brasil por volta de meados do Século XIX. Um conservadorismo que tendia a hiper-valorizar a hierarquia, acima da Liberdade e da Igualdade entre os homens, a ostentar uma verdadeira obsessão pela ordem, antes e acima de qualquer ideal de progresso e reforma. Propunha articular com as ideias modernas, mas sem jamais levá-las às últimas consequências, antes, adaptando-as e impondo-lhes limites tais, que delas quase nada restasse. Seja como for, as ideias do Socialismo Utópico tiveram sua passagem pelo Brasil, como tiveram as do Liberalismo.

Na conclusão de seu trabalho, Leonídio, nos dá uma demonstração dos limites expressados pelos pioneiros do Socialismo Utópico brasileiro, adaptado às regras, dialogando sempre com as hierarquias, sem ter presença nas atividades sociais e nos movimentos políticos que existiram em larga escala nessa primeira metade do Século XIX.

Destaca-se, também, a preocupação utópica com uma sociedade, mas o que implicava em conciliar com os interesses das oligarquias na manutenção da Escravidão, da Monarquia. A seu modo, as políticas utópicas responderam parte dos anseios das classes dominantes, de então, em combater a ociosidade que crescia nas cidades brasileiras, especialmente, no Rio de Janeiro.

Suas propostas de organização coletiva no campo eram bem acolhidas junto aos círculos de poder dominante e expressaram mais as preocupações desses círculos em formular projetos alternativos para ocupações do vasto e vazio território brasileiro através de colônias agrícolas, que ampliassem a ocupação defensiva do território nacional, como também eliminar o grupos marginais que povoavam as cidades, do que construir um novo projeto de sociedade.

A legitimação de uma hierarquia de raças, de classes parecia no discurso socialista algo natural. Essa era a opinião de Abreu e Lima e também de Albuquerque e Melo Jornal “A Verdade” 1848

Nós não podemos deixar de ter escravos (...) por isso a igualdade que proclama a República não pode ser entre nós para os escravos, e,quem deseja o governo republicano no Brasil não pode querer acabar com a Escravatura, porque será isto o mesmo que aniquilar a república (LEONÍDIO, iden p.114)

O interessante comparar é que no Chile, Uruguai, Argentina as manifestações dos socialistas apontavam para a superação do passado colonial e firmavam a República e a Democracia como pressupostos, inspirados pela Revolução de 1848 . No Brasil as ideias socialistas se acomodaram ao Império e fizeram parte do discurso da ordem, sejam as colônias falanstérias, seja a Colônia

Cecília, de inspiração anarquista, fundada em Palmeira, com auxílio inicial do Império em 1890, por Giuseppe Rossi.

J) Encontro entre o socialismo utópico e o marxismo

O Socialismo latino-americano teve início com as ideias vindas da Europa através dos Socialistas Utópicos. São vários os elementos que contribuíram para construir o ambiente entre o Socialismo Utópico e o Marxismo.

Podemos observar nas obras citadas do argentino Esteban Echeverría e dos chilenos Francisco Bilbao e Sebastián Arcos a tentativa de materializar a ação política na realidade. Nos textos “Dogma Socialista” e “Carta” observam-se elementos de programas voltados à prática política. Nas obras citadas, a crítica é centrada na Economia Política de seus respectivos países e apresentam como chão tático a distribuição de renda e ampliação do espaço democrático.

No México, Melchior Ocampo traduz o capítulo VIII da “Filosofia da Miséria” de Pierre-Joseph Proudhon. Cabe dizer que, desde a década de 1850, o pensamento de Proudhon era divulgado, mas a tradução e publicação de um texto mostra o crescimento da demanda por pensadores e o debate teórico em curso.

Outro ponto importante dado para o encontro entre o Socialismo latino-americano e o Marxismo será a publicação no México da “Cartilha Socialista e seu Catolicismo elementar de la Escuela Socialista de Carlos Fourier” escrita pelo emigrado grego Plotino Rhodakanaty. O professor Rhodakanaty era um socialista cristão e apresenta neste texto ideias de Fourier, e também de Saint-Simon e de Wilhelm Weitling. Sua obra tem por mote apresentar as ideias socialistas como sendo as ideias de Jesus Cristo. No texto combina sua crítica teórica espiritual com a análise das classes sociais e conclui que a transformação social seria tarefa de uma nova ciência promovida pelas Classes Trabalhadoras.

Rhodakanaty é um dos percussores do socialismo cristão latino-americano e um ativista do movimento operário, contribuiu diretamente para organização do primeiro movimento sindical operário organizado na América Latina com a

fundação dos Clubes “Socialista” e “La Social”, que juntos foram patrocinadores da Gran Círculo de Obreros do México em 1875, primeira central sindical da América Latina.

Rhodakanaty juntamente com Francisco Gonzales e Juan de Mota Rivera, fundaram o jornal “O Socialista” que publicou em 1884 o primeiro texto de Marx e Engels na América Latina, o Manifesto Comunista (P CASANOVA.p18. FORNET- BETANCOURT, p27)

Com certeza o encontro definitivo foi selado um pouco antes, em 1872, com o reconhecimento da seção argentina, por recomendação de Engels, como membro da Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT), a I Internacional,. O Papel da AIT e da Seção argentina foi fundamental para garantir a recepção do marxismo na Argentina e em outros países. A polêmica entre Marx e Bakunin empolgou os grupos de imigrados que se dividiram entre os apoiadores de uma corrente e outra.

Em 1882, por iniciativa do engenheiro German Avé Lallemand, os trabalhadores alemães fundaram em Buenos Aires o Club Vormartz, primeira agremiação de influência marxista. Esta organização participou no congresso que fundou a II Internacional e será indicada por Engels como referência a seu tradutor italiano, Pasquale Martignetti, quando este migrou para Buenos Aires.

Outro fato importante para a recepção do marxismo na América Latina será o artigo de José Martí sobre a morte de Marx no jornal argentino La Prensa em 1883. Neste artigo Martí salienta alguns pontos importantes elogiosos do pensamento de Marx, primeiro sua opção pelos oprimidos; o que tornar-se-à uma marca da recepção e naturalização do marxismo latino-americano (FORNET- BETANCOURT,, idem p30, CASANOVA idem p33).

José Martí conhece as correntes socialistas e sabia que Marx não era um filantropo utópico, elogia seu internacionalismo, lembrando que a organização de trabalhadores de diferentes países foi seu esforço e obra e que além de organizador do proletariado também era um estudioso da miséria humana.

Martí apesar de chamar Marx de “o mais nobre herói e mais importante pensador do mundo do trabalho”, apesar de concordar com o diagnóstico que faz da situação da classe trabalhadora, refuta o centro da abordagem marxista, a saber:: a luta de classes. Na visão do pensador cubano a luta de classes é um erro, pois precipita a luta de todos contra todos.

Martí concorda com a ideia de uma nova sociedade, mas crê que o caminho é pelo desenvolvimento pacífico da democracia.

Um pouco depois da morte de José Martí o dirigente operário Enrique Roig San Martín funda em 1887 o semanário “El Productor”, primeiro dedicado ao aprofundamento e difusão da obra de Marx e Engels. Em Buenos Aires é fundado o jornal “El Obrero” pelo já citado German Avé Lallemand, em 1890, dedicado a divulgar as descobertas científicas de Karl Marx. Em 1881 é publicado na Espanha pelo Partido Operário, com boa difusão na América Latina, “A Miséria da Filosofia” de K. Marx, o que amplia a polêmica entre os marxistas e anarquistas. (FORNET- BETANCOURT, idem p 33).

Também é fundado o primeiro partido Socialista da América Latina, o Partido Socialista Argentino tendo a frente Juan Bautista Justo que será o primeiro tradutor do Capital e o primeiro pensador a naturalizar o pensamento marxista enquanto projeto político.

Cabe salientar que Justo compôs um marxismo eclético com forte influência positivista de pensadores como Comte, Spencer e Durkheim. (LOWY 2003,p69)

José Aricó ao analisar a obra de Justo indaga quais os elementos que este teve para interpretar a realidade latino-americana. Qual o instrumental que dispunha? Justo não conhecia o debate feito por Marx e Engels sobre a questão russa, não conhecia os escritos sobre os Estados Unidos e as considerações sobre a potencialidade revolucionária do campesinato (ARICÓ, idem p.424)

Justo, conhecia “O Capital”, deparava-se com uma acumulação diferente da narrada no capítulo XXIV “Assim Chamada Acumulação Primitiva” capítulo sobre o processo de acumulação primitiva que foi desenvolvido primeiramente na Inglaterra e em seguida em outros países europeus. Justo podia contar na obra de Marx com o capítulo XXV, a “ Teoria da Moderna da Colonização”, e o fenômeno que se estabeleceu nos EUA e na América de então.

“as coisas são bem outras nas colônias. O regime capitalista choca-se lá por toda parte contra a barreira do produtor que como possuidor de suas condições de trabalho enriquece a si mesmo por seu trabalho, em vez de enriquecer ao capitalista [...]. Enquanto o trabalhador,

portanto, pode acumular para si mesmo – e isso ele pode enquanto permanecer proprietário de seus meios de produção – a acumulação capitalista e o modo capitalista de produção são impossíveis. A Classe dos trabalhadores assalariado, imprescindíveis para tanto” (MARX 1988,p286-7)

Para Marx, o fenômeno que chamava atenção nos EUA era os mecanismos de construção do capitalismo não se reproduzirem da mesma forma que nas metrópoles. Observa que na Inglaterra a produção capitalista produz o trabalho assalariado, sempre podendo contar com uma superpopulação, garantindo assim a Lei da Oferta e da Procura e a dependência social indispensável na relação Trabalho-Capital.

No caso das colônias essa relação não se realiza, “o trabalhador assalariado de hoje torna-se amanhã camponês ou artesão independente economicamente autônomo. E ele desaparece do mercado de trabalho” (idem p.288).

Isso se deve ao largo território aberto que, mesmo com o crescimento da população, não deixa de ser propriedade do povo, também chama atenção ao fato de não operar-se a divisão entre a agricultura e a indústria. Todos são capazes de cuidar da terra e de fazer utensílios para vendas nas feiras. (idem p.290)

Para Marx a coisa mais importante das colônias e o que realmente interessava à economia política é que o “Modo Capitalista de Produção e Acumulação e, portanto a propriedade privada capitalista exigem o aniquilamento da propriedade privada baseada no trabalho próprio, isto é, a expropriação do trabalhador” (idem p. 292).

Com base nesses apontamentos, Justo observa que a realidade da Argentina e dos demais países americanos era muito distinta da realidade européia. E assim, após um período de visitas e estudos aos EUA, Justo contribuiu para construir no seu próprio país um movimento socialista

“o socialismo moderno também conta com as massas populares e com o poder da razão; com as massas populares, porém na medida em que exercem sua razão, e com a razão na medida em que é exercida pelas massas (...) O povo, levado pela necessidade, está

assimilando uma grande verdade científica: a teoria econômica da história e sua parte mais inteligente e ativa, o Partido Socialista, nela baseia sua própria ação. Ensina os trabalhadores a compreenderem sua situação de classe explorada” (JUSTO apud, ARICÓ p427).

E foi dessa maneira que o Partido Socialista dialogou com a tradição e o histórico de lutas das classes trabalhadoras argentina tornando-se num partido de massas. Justo compreendia o marxismo como um instrumento político dos trabalhadores, o que significava que os trabalhadores deveriam ter como pauta imediata a organização sindical e como pauta política a conquista do sufrágio universal.

No seu ponto de vista o Socialismo representava a emergência da modernidade da Sociedade argentina. Essa organização é um processo desenvolvido através e dentro da classe operária que vai aprendendo a se organizar e com isso aprendendo a governar uma Sociedade nova. O centro dessa ação está no Parlamento e nas reformas que são feitas dentro da legislação.

“A maturidade política da classe trabalhadora consiste em poder modificar as relações de propriedade por via legislativa ou governamental, elevando ao mesmo tempo o nível técnico-econômico do país ou, pelo menos, não o deprimindo” (apud p428).

Para Justo, o Partido Socialista e a Classe Operária deveriam galgar a condição de representação de toda a sociedade, portando como um pedagogo e guia de massas e esse movimento ser fruto e produto de toda a sociedade e ter força capaz de guiá-la. Este se firmaria num processo democrático desenvolvido na organização cotidiana das classes populares até que as condições sociais propícias se estabelecessem. (ARICO, idem p 429)

O golpe de 1930 e o colapso das instituições democráticas colocaram em xeque esta primeira interpretação marxiana sobre a América Latina.

Outros esforços de divulgação do marxismo foram tomadas em Cuba com a formação do Clube de Propaganda Socialista, em 1905, promovido pelo

importante intelectual Carlos Baliño. No Uruguai foi criado por Emilio Frugoni o Clube Carlos Marx, em 1910, Mas será essencialmente através da organização de partidos socialistas que o marxismo se naturalizará como força política e intelectual.

Capítulo II

A Internacional Comunista

A) Todos os homens são iguais

O surgimento da Internacional Comunista (III Internacional) será produto do amadurecimento das lutas e associações proletárias e populares a partir do conjunto de insatisfações com a constante expropriação do Trabalho pelo Capital. A formação da Liga dos Comunistas na década de 1830 e de seu famoso “Manifesto Comunista”, escrito por Karl Marx e Friedrich Engels, marcou a transição entre o pensamento do Socialismo Utópico, o Movimento Ludista e formas mais iniciais de associações locais para uma compreensão ampla, centrada na estratégia política.

A “Liga Comunista”, primeira associação internacionalista, congregava proscritos e exilados de diferentes países como escandinavos, holandeses, húngaros, checos, eslavos, russos e alsacianos. “E a fé de que a revolução só poderia ser européia e internacional fez com que fosse escrito em vinte idiomas “Todos los hombres son hermanos (ENGELS,” Contribuição à História da Liga”) A “Liga” tem importante papel ao mudar o processo de adesão substituindo os elementos subjetivos, normais até então, nos agrupamentos socialistas, como ser vegetariano, não tabagista, afirmação de amor, o “comunismo sentimental” por um processo objetivo e claro, a adesão a um programa político. Da mesma forma, sua organização estabeleceu-se em comunas ou cabanas (ENGELS, idem).

As mudanças estatutárias eram essenciais na transformação da “Liga dos Comunistas” de uma seita conspirativa (blanquista) em uma verdadeira organização política revolucionária com influência nas massas operárias. Para isso, foram retiradas dos estatutos todas as excrescências comuns às sociedades secretas da época, como os rituais místicos de ingresso, juramentos, anátemas, concentração excessiva de poderes nos líderes. O congresso anual, composto de delegados eleitos democraticamente nas comunidades e regiões, se transformou no órgão máximo da organização. As direções centrais passaram a ser eleitas nesses congressos e seus líderes poderiam ser destituídos a qualquer momento pela vontade de sua

comunidade, os órgãos inferiores deveriam se subordinar aos órgãos superiores. (Buonocore,2014). E a partir da entrada de Engels e Marx, processou-se uma verdadeira mudança

Em el verano de 1847, se celebró en Londres el primer Congreso de la Liga, al que W. Wolff acudió representando a las comunas de Bruselas y yo a las de París. En este Congreso se llevó a cabo, ante todo, la reorganización de la Liga. Se suprimió lo que daba todavía de los viejos nombres místicos de la época conspirativa; la Liga se organizó en forma de comunas, círculos, círculos directivos, Comité Central y Congreso, denominando se a partir de entonces Liga de los Comunistas. «La finalidad de la Liga es el derrocamiento de la burguesía, la dominación del proletariado, la supresión de la vieja sociedad burguesa, basada en los antagonismos de clase, y la creación de una nueva sociedad, sin clases y sin propiedad privada». Tal era el texto del artículo primero. En cuanto [194] a la organización, ésta era absolutamente democrática, con comités elegidos y revocables en todo momento, con lo cual se cerraba la puerta a todas las veleidades conspirativas que exigen siempre un régimen de dictadura, y la Liga se convertía –por lo menos para los tiempos normales de paz – en una sociedad exclusivamente de propaganda. Estos nuevos estatutos – véase cuán democráticamente se procedía ahora – se presentaron a las comunas para su discusión, volviendo a examinarse en el segundo Congreso, que lo aprobó definitivamente el 8 de diciembre de 1847.(...) (ENGELS, idem)

Apesar de seu pouco tempo de existência, a “Liga” teve participação ativa nas manifestações comandadas por Luis Blanc na França, em agitações políticas na Suíça, Itália, Polônia e na Revolução Alemã.

Na Alemanha, chegou a divulgar o “Manifesto do Partido Comunista” e participou de inúmeros processos organizativos, agitativos e levantes. Após a derrota da Revolução Alemã, houve algumas tentativas para reorganizar a Liga, mas

Sua dissolução foi produto da mudança de três quartos de seus filiados que haviam mudado de residência ao voltar ao seu país; motivo pelo qual perdiam contatos e se dissolviam em grande parte suas comunas anteriores” (ROCHA, 2006, p 29).

b) Proletários de todo Mundo, Uni-vos!

Após o Processo de Colônia, e o desmantelamento da “conjura franco-alemã” houve um novo esforço, no início da década de 1860, para a reorganização dos proletários em uma nova organização política. Ela é fundada em 1864 em Londres, com o nome de Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT ou I Internacional) e tinha como objetivo a luta pelo progresso e pela emancipação humana reunindo diversas correntes do proletariado, como anarquistas trade-unionistas, nacionalistas, franco-maçons, marxistas, democratas radicais e positivistas.

Num mosaico de difícil alinhamento político e prático. “Era, portanto, teoricamente eclética, ideologicamente plural, politicamente fragmentada e organicamente frouxa”. (ROCHA, idem p 31).

Marx e Engels foram as principais lideranças da AIT. Marx redigiu a maioria dos documentos do conselho geral (BOTTOMORE, 1990 p.195) e centrou sua atividade “aos pontos que permitiam acordo imediato e ação combinada pelos trabalhadores” (“carta de Marx à Kugelmann”). As constantes lutas internas e as dificuldades encontradas pelos posicionamentos políticos mais abrangentes e centralizados facilitavam que cada agrupamento ou indivíduo interpretasse as

resoluções como bem entendesse. Um fator determinante para o aprofundamento da divisão dentro da I Internacional foi a primeira crítica pelas armas ao capitalismo realizada pela Comuna de Paris em 1871. A Comuna, nos dizeres de Engels, “foi a filha intelectual da Internacional” (“carta de Engels a Sorge, 1874”). Os membros da Internacional na França, em particular os proudohunistas e blanquistas, tiveram importante papel no levante.

O Conselho Geral organizou uma campanha de solidariedade internacional. Marx fez em “Guerra Civil na França” sua importante defesa da Comuna. Após três meses de resistência a Comuna é derrotada, o que abriu uma enorme perseguição aos adeptos e simpatizantes da I Internacional na Europa.

Marx e Engels apontam no Conselho Geral à necessidade de maior ênfase na organização política e a centralização das lutas com aumento dos poderes do Conselho Geral e planejamento de suas atividades. Essa proposta receberá forte oposição de Bakunin e partidários.

Essa organização sofre, porém, grave crise, porque no seu bojo abrigam-se partidários de Proudhon, Lassale, Bakounine, Mazzini, Marx e outros. A sua estrutura é de caráter centralizadora, o que a leva, nos momentos de crise, à luta pelos interesses particulares de cada facção, em detrimento dos da entidade propriamente dita. Essa debilidade provoca o seu fim, o que se dá na hora do conflito entre marxistas e anarquistas, ou Marx contra Bakounine. Em 1872, a AIT se transfere para Nova York, onde sobrevive por mais 4 anos. (CARONE, 1989, p.130)

C) A Revolução não é algo que possa ser feito

Após a Comuna e a dissolução da I internacional, cresceu o número de sindicatos e organizações proletárias em toda a Europa. Tal tendência já podia ser notada desde a unificação dos Partidos Operários na Alemanha em 1875 e pelo ânimo difundido no próprio discurso de Marx no Congresso de Haia.

Os avanços eleitorais conquistados pelos sociais-democratas alemães, levou Engels a fazer um paralelo entre crescimento do Cristianismo e do Movimento Operário e afirmar que a “Revolução Alemã começaria no dia das eleições”

(“Carta de Engels a Laura Lafargue”). Foi esse espírito que motivou, em julho de 1889, reunião em Paris na sala Pétrelle a fundação da Internacional Socialista (II Internacional).

Engels em carta de junho de 1889 à Laura Lafargue, assim como Marx, via com reservas às negociações para a sua fundação: acreditavam que eram necessários partidos organizados, em especial nos países com maior industrialização, (“carta de Marx a Blacke, 5 de maio de 1875”).

Havia, em ambos, uma noção definida que os motivos que levaram a dissolução da I Internacional não poderiam se repetir e portanto a necessidade de uma organização mais estruturada e com uma linha política clara era um dos pontos centrais denotados por Marx na “Crítica ao Programa de Gotha”.

Após a morte de Marx, Engels passa a ser o principal referencial do pensamento socialista e mesmo com suas reservas, depois de fundada, terá um papel destacado no primeiro momento como o seu principal dirigente, como mostra sua vasta correspondência nesse período e a publicação de importantes obras, ajudando a difundir e a popularizar o marxismo entre os proletários.(NEGT,1989. p169).

A II Internacional foi marcada pela hegemonia marxista e pela estruturação de partidos políticos. O partido mais importante e que serviu como referência a todos os demais foi o Partido Social-Democrata da Alemanha (PSDA). O momento de fundação da Internacional é marcado pela crise do Capitalismo.

[...] afirmou-se nos anos 80 e no início dos anos 90, também e sobretudo porque a tese sobre a “necessidade natural “do fim da sociedade burguesa capitalista - de uma ‘bancarota’, cuja a ‘liquidação’ era tarefa principal da classe operária, como disse Franz Mehring em 1884 – parecia oferecer uma explicação adequada da crise econômica do período da chamada ‘grande depressão’. Esse longo período de dificuldade, que durou quase todo o último quartel do Século passado, não aumentou apenas a insegurança de vida dos trabalhadores, mas criou também um estado de instabilidade da burguesia e quebrou definitivamente o seu otimismo econômico; ao mesmo tempo determinou – pelo menos em partes

otimismo ingênuo que a partir dos anos 80, dominou a social democracia sobretudo suas bases. (STEINBERG, 1989. p210)

O que proporcionou ao PSDA em meio às reivindicações e carências imediatas um crescimento por baixo, junto aos movimentos sindicais; e, por cima, junto ao parlamento e às instituições. Esse movimento foi responsável por inúmeras reformas legais na legislação alemã e, aos poucos, foi se difundindo a ideia de que as reformas levariam à Revolução. Engels chegou a fazer uma comparação entre o crescimento do cristianismo dentro do mundo antigo e o proletariado na sociedade burguesa (STEINBERG, idem.p.215). Tal tática foi difundida sobretudo por Karl Kaustky como sendo o Marxismo Ortodoxo.

A consequência foi determinar essa orientação do PSDA como sendo o do “expectativismo revolucionário”, não percebendo que uma nova fase do Capitalismo, a fase Monopolista.

No fim dos anos de 1890, a economia capitalista volta a desenvolver-se, a teoria da “espera revolucionária” e da “catástrofe capitalista” entra em crise, levando consigo a formulação e as premissas do marxismo ortodoxo alemão e dos demais partidos sociais-democratas, onde nas palavras da principal autoridade da II Internacional, Karl Kaustky, “o Partido não faz a Revolução” ou ainda “a Revolução não é algo que possa ser feito”.

A Direita e a Esquerda buscam alternativas, a primeira por compreender que a ação política destinava-se a ampliar as políticas e a participação no Estado: a segunda, ao buscar uma teoria que respondesse o desenvolvimento do Capitalismo e seus ciclos.

A nova fase de expansão é marcada por uma ampliação das potências capitalistas apontando para a iminência de um conflito inter-imperialista que jogaria os proletários nas trincheiras. Com esse clima, os dois Congressos de Stuttgart (1907) e Copenhague (1910) tiraram como meta mobilizar e conscientizar o proletariado contra a guerra, tendo como principal consigna “Guerra a Guerra”.

Entretanto as resoluções congressuais passaram a ser esvaziadas de unidade política e tratadas com particularidade. O desenho político que apontava para a I Guerra Mundial estava cada vez mais nítido e firme. Várias manifestações e

greves foram feitas no sentido de evitar que o proletariado fosse jogado nas trincheiras. Em 1911, houve manifestações em diversas cidades importantes da Europa por conta da questão marroquina e o conflito entre a Turquia e Itália. Resposta maior ocorreu na Rússia após o Massacre de Lena, com uma poderosa greve de protesto.

As inúmeras agitações populares causaram efeitos que puderam ser notados no crescimento das bancadas do PSDA, Partido Socialista Francês e dos Bolcheviques russos: a consigna “Guerra a Guerra” era assumida como meio de propaganda e organização do proletariado. (ROCHA, idem p154)

Em outubro de 1912 é realizado o pleno extraordinário da Internacional Socialista (IS) na Basileia, o clima foi animado pelas várias manifestações proletárias contra a guerra.

No calor do Congresso Extraordinário, (Adler e Jaures) viram nas manifestações populares o espectro que assombraria as burguesias e as obrigaria a renunciar à política guerreira, desde que todos os trabalhadores se reconcilhassem-se e que a esquerda se resignasse a unidade sob a hegemonia da moderação. Ao contrário, Clara Zetkein e Bebel ligaram o movimento antimilitarista à luta pela derrubada do julgo burguês, no que foram fortalecidos pela intervenção de Vaillant no sentido de ampliar as ações. Hardie como sempre, insistiu na proposta de greve mundial por decreto ao primeiro estampido, mas sem grande audiência. Nesse quadro, os sociais-democratas revolucionários, ainda minoritários, arrefeceram às críticas aos revisionistas e concentraram seus esforços em manter o eixo das Resoluções de Stuttgart e Copenhague, bem como melhorá-las a partir de acordos concretos com a finalidade de aprovar por unanimidade, um manifesto combativo contra a guerra. (ROCHA ,2006, p159).

O acordo conquistado ficou apenas no papel e tão logo acabou o Congresso, nenhuma medida concreta foi tomada para deter a guerra. A tática da IS limitou-se ao silêncio, transferindo sua sede para a neutra Holanda.

Ao começar a Primeira Guerra Mundial o espírito social-democrata optou por assombrar apenas os inimigos de suas pátrias imperialistas. Com o Socialismo de Guerra consumava-se a sua tragédia. Logo depois Lênin concluiria que “A Segunda Internacional está morta, vencida pelo Oportunismo. Abaixo ao Oportunismo via a terceira Internacional, livre não somente dos trânsfugas (...) mas também do oportunismo”. (ROCHA, idem p.166)

Poucos erros na análise de conjuntura e psicologias de prostração tiveram efeitos tão desastrosos. No dia 31 de julho, recém chegado de Bruxelas, Jaurès tenta reunir-se com o primeiro ministro francês para lhe entregar a reivindicação das massas indignadas – que enfrentavam em defesa da paz, a polícia pelas ruas de Paris – mas consegue apenas um encontro protocolar e inútil com o subsecretário. Naquela noite, quando jantava com alguns companheiros, foi assassinado por um jovem nacionalista, cuja mão estava armada pelo ódio que a burguesia destilava contra a principal expressão pública antimilitarista da Europa. No dia seguinte, o Governo Alemão, declarou guerra ao império Russo. Concomitantemente o governo francês decretou a mobilização geral. Foi o dobre de finados da Segunda Internacional. A partir desse momento, a maioria esmagadora dos sociais democratas rasgou os compromissos solenes assumidos em Basiléia. Houve alguma resistência e indecisões, mas as únicas exceções límpidas e inequívocas ocorreram na Rússia e nos Balcãs (...) (ROCHA, p.168-9).

As principais seções aderiram a política de apoio a suas burguesias e se somaram ao esforço de guerra de seus países, colocando frente a frente proletários contra proletários, essa ação passiva não seguiu sem que houvesse respostas e uma importante ruptura se faz com o surgimento da Oposição

Internacionalista ou Oposição de Zimmerwald e depois a Internacional Comunista (III Internacional).

D) Guerra a guerra : A Oposição de Zimmerwald

O começo da guerra e a capitulação dos partidos sociais-democratas à política beligerante de seus governos e burguesia só teve a recusa de dois partidos, o servo e o russo.

A partir desses dois agrupamentos foi chamada a reunião de todos aqueles que se opunham à guerra. Essa reunião ocorreu em setembro de 1915, na pequena cidade suíça de Zimmerwald, e dela participaram grupos que se opunham à Guerra, mas que eram favoráveis a permanecer na II Internacional e a minoria capitaneada por Lênin e os russos que propunham uma nova Internacional.

O clima político não era o mesmo de 1914 e os horrores da carnificina trouxeram descontentamento a amplos setores do proletariado, mas também a grupos liberais e camadas médias, assim a Oposição de Zimmerwald vê seus esforços se ampliarem com novas adesões políticas de agrupamentos e também de partidos.

O ano de 1917 aponta uma mudança brusca de conjuntura. O desgaste dos partidos sociais-democratas veio acompanhado de um imenso levante contra a guerra (BROUÉ idem p.32). Esse levante toma forma na Revolução Russa de abril, os proletários, soldados e camponeses disseram um basta à política do Czar e o Império Russo cai. O levante operário toma forma de duplo poder nas principais cidades com o reaparecimento de soviets; e a propaganda contra a guerra, por divisão de terras ganha todas as trincheiras dos *fronts* de todas as nacionalidades. Na Alemanha, ocorrem greves em várias cidades exigindo abastecimento e a libertação do líder espartaquista Karl Liebknecht; as greves elegem Conselhos de Soldados: na cidade romena de Lasi, os soldados com bandeiras vermelhas hasteadas, libertam o importante zimmerista Christian Radovsky que se dirige para assumir seu posto de dirigente, junto aos bolcheviques em Petrogrado.

Na França, após a ofensiva do General Nivelle ceifou mais de 140 mil vidas e deixou feridas milhares pessoas. Houve um motim e os soldados se declararam em greve. O medo se apoderou do comando e dos políticos, havia boatos marchariam sobre Paris criando uma nova comuna. A repressão foi brutal e a vários soldados fuzilados.

Outros motins ocorrem na Marinha Austro-Húngara, com uma greve pela paz, organizada pelos marinheiros da Frota de Cattaro que se somam à greve dos operários do Arsenal. São quarenta navios de guerra que se recusam a prosseguir em guerra, os marinheiros se recusam a contra-atacar as forças da Ordem e as lideranças presas e fuziladas. Independentemente de ter sido controlado o motim grevista, o fato é que havia uma decomposição real das forças em guerra (BROUE idem p46) .

Em linhas gerais, várias outras manifestações, motins e greves foram ocorrendo em todos os países, independente de qual lado estivesse da contenta confirmando uma vaga contra a guerra.

Ao mesmo tempo, a Revolução Russa deu passos importantes para definir seu destino. Em outubro (novembro) o governo anônimo de operários e camponeses se consolida em meio à derrubada do Governo Provisório (CARR,1979, p147), e a consolidação do poder nos soviets estabelece, em declaração um governo democrático revolucionário dos operários, soldados e camponeses com clara posição contra a guerra.

O historiador E. H. Carr chama atenção para o fato de que a palavra socialismo quase não aparecer nas primeiras declarações do Governo, o que expressava as intenções e a Frente comum entre aqueles que eram partidários da Revolução burguesa e da socialista.

A opinião de Lênin expressa na “Declaração dos Direitos do Povo Trabalhador e Explorado”, por ele escrita, proclamava “a organização socialista da sociedade e a vitória do Socialismo em todos os países”. A revolução da revolução era pensada em termos de Revolução mundial. (LENIN, apud CARR, idem. p.126-7).

Dessa maneira os primeiros passos para organização da III Internacional foram formalmente dados.

E) Todo poder os soviets: fundar ou não fundar a III Internacional?

Foram à base para a construção da III Internacional a combinação do ascenso de massas contra a guerra e a Revolução Russa. A Revolução Russa abriu uma nova situação na conjuntura mundial de então: a queda do Czar e depois do Governo Provisório colocou os Bolcheviques no governo e poder.

O impacto da Revolução como demonstram Trotsky, Broué e Carr, alavancou uma imensa onda revolucionária que animou os movimentos proletários em diversos países: na Ucrânia, a direção revolucionária é colocada sobre o comando do experiente Christian Rakovsky. Na Bulgária, a falta de uma aliança entre o proletariado e o campesinato impediu a construção da Revolução, na Hungria, chegou-se a uma República de Conselhos que durou um pouco mais de três meses sobre a direção do líder comunista Bela Kun, que foi derrotada numa sangrenta batalha, mas a grande esperança era a revolução na Alemanha. Ali, estava a classe operária mais organizada e com uma sólida direção política, que possibilitava a realização da Revolução Mundial num país desenvolvido.

Desde seu retorno à Rússia, e com a apresentação de suas “Teses de Abril” de 1917, que Lênin vislumbrava a perspectiva na conjuntura mundial. Em seu primeiro discurso, no Soviete de Petrogrado, Lênin dirigiu-se à multidão formada por operários e soldados e expressou-se

“Qualquer dia, se não hoje ou amanhã, pode acontecer o esmagamento de conjunto do Imperialismo europeu. A Revolução russa feita por vós, começou e abriu uma nova época. Viva a Revolução Socialista Mundial (LENIN apud CARR, p. 97)

Ou seja, Lênin possivelmente era um dos poucos que sabia o que estava acontecendo com a eclodir da Revolução Russa, porém apesar de seu otimismo havia um fator subjetivo que melindrava o avanço da Revolução Mundial: a ausência de um Partido Mundial do Proletariado.

Dessa maneira é chamada para o início de 1919 o I Congresso da Internacional Comunista, o texto que foi redigido por Trotsky e assinada por diversos dirigentes e outros pequenos agrupamentos.

A convocação narra a situação mundial destacando a possibilidade do colapso do Capitalismo salientando ao, mesmo tempo, a falência da II e a necessidade de uma nova Internacional (BROUÉ, idem p 92).

O I Congresso,(como os seis outros), ocorre em Moscou de dois a seis março: a representatividade da reunião era pequena, poucos partidos participaram e a maioria era composta por agrupamentos de exilados, o único partido comunista com expressão junto a parcelas importantes do proletariado era o alemão, que participou tendo se posicionado contrário à fundação da III Internacional pela sua pequena representatividade. Hugo Eberlein, delegado alemão salientou por vezes nos três primeiros dias do Encontro a necessidade de um novo Congresso mais representativo: observou que as convocatórias não tinham chegado a tempo para as delegações, ali presentes conhecessem o objetivo dos debates. O delegado alemão foi questionado por Rakovsky, Lênin e Zinoviev que por fim explicitou

que a Revolução estava em marcha (...) Há um partido que caminha para o poder e que, dentro de alguns meses, formará na Alemanha um governo proletário. E nós devemos hesitar? (...) não queremos trabalhar agora com sentimento de sermos fracos, ao contrário, devemos ser invadidos pelo sentimento de nossa força, da convicção que o futuro pertence a III Internacional e se trabalhamos nesse espírito, nós avançaremos sem hesitação esse passo necessário. Depois de uma reflexão madura, nosso partido propõem construir imediatamente a III Internacional. O mundo inteiro verá que assim que estamos armados organizacionalmente e intelectualmente. (ZINOVIEV apud BLOUÉ), p. 100).

Após mais algumas intervenções foi colocada em votação e nascia assim a III Internacional, a Internacional Comunista.

F) I Congresso.

A Internacional é fundada sobre o impacto da Revolução Russa e em meio à Guerra Civil. Portanto apesar do momento delicado, o ascenso dos Movimentos Operários nos países europeus emprestava aos discursos um tom animado e otimista sobre o futuro do Sovietes, levando Lênin, em seu pronunciamento de abertura, a saudar os delegados com as seguintes palavras: “a burguesia pode maltratar; pode também assassinar milhares de operários – mas a vitória é nossa, a vitória da revolução comunista mundial está assegurada” (LENIN, Discurso de abertura do I congresso da IIIª IC, p.57). Zinoviev salientou que o Primeiro Congresso teve o caráter de desfraldar a bandeira do Comunismo e incentivar a organização de Partidos Comunistas.

O cerco à Rússia Soviética fez com que poucas delegações conseguissem chegar, e algumas delas apenas após o Congresso. A pauta foi marcada pelos informes da situação nos países, os processos de rupturas com os partidos Sociais-Democratas, a organização de partidos comunistas, situação internacional e teses sobre democracia burguesa e proletária. O centro do debate foi a necessidade ou não da III internacional, conforme o questionamento feito pelo único partido presente além russo, o alemão.

Lênin, no discurso sobre as suas teses, salienta a evolução de organização de Soviets, afirma que a construção do Soviets no Campo foi parte essencial da Revolução de Outubro e salienta que no Campo, a Revolução Russa foi burguesa no campo em aliança com a Revolução proletária na cidade.

Para o campo, nossa revolução continua a ser burguesa (...), pois a Rússia é um país atrasado. Isso será totalmente diferente na Europa Ocidental e é por isso que devemos sublinhar a necessidade absoluta da expansão do sistema dos Sovietes e também entre a população rural em formas correspondentes e talvez novas. (LENIN apud IC, 1973, p70)

No Manifesto de fundação da IC é também é exortado

só a Revolução Proletária pode garantir aos pequenos povos sua existência livre (...) Só ela dará aos povos mais fracos e menos populosos a possibilidade de administrar com liberdade e independência absoluta sua cultura nacional, sem impor o menor dano à vida econômica unificada e centralizada da Europa e do mundo” (I.IC idem p101).

O otimismo do debate pode ser visto na Plataforma da Internacional, que destaca o avanço da luta proletária na necessidade da destruição do poder burguês e coloca como “Caminho da Vitória” a ação direta das massas na destruição da maquinaria do poder burguês.

A base dessa avaliação e esperança era a construção de um novo modelo partidário focado na Revolução. Esse modelo foi concebido pela tendência russa organizada em torno do Jornal “Iskra” e depois na Fração Bolchevique. A ideia central está no livro de Lênin “O Que Fazer” que realiza um debate com as correntes políticas que formavam o Partido Social Democrata Russo (PSDR),

Na primeira parte do texto Lenin polêmica com os “marxistas legais”, grupo composto por setores que resumiam a interpretação do Marxismo à realização da Revolução Burguesa na Rússia; no debate Lênin demarcou com essa tendência, postulando que o papel do proletariado era o de condutor da Revolução Burguesa.

A parte substancial de “O Que Fazer” é sua polêmica com os Economicistas. Essa outra vertente tinha importante participação no nascente movimento operário e sindical. Esse grupo diferenciava as lutas econômicas e das lutas políticas. Para os economicistas, o interesse central dos operários seria a melhoria econômica conquistas sindicais, e postergando para depois o debate da Política. Como a Rússia vivia uma autocracia, o limite programático da Social-Democracia seria participar da oposição liberal burguesa.

Lênin contrapôs-se-á a essa argumentação defendendo que o proletariado russo desempenharia uma dupla ação política, a primeira, na Luta Democrática contra o Absolutismo e segunda, na luta socialista contra o Capitalismo. Partia

do ponto de vista que a tarefa democrática estava ligada à luta socialista, sendo intrínseca no caso russo.

Para tanto, a necessidade central era de que o proletariado desenvolvesse uma consciência social democrata (revolucionária). Essa consciência não poderia desenvolver-se sem que houvesse a assimilação das condições gerais de exploração empregada pela burguesia, em suas palavras:

“Para tornar-se um social-democrata, o operário deve ter uma ideia clara da natureza econômica, da fisionomia política e social do grande proprietário de terras e do Pope, do dignitário e do camponês, do estudante e do vagabundo, conhecer seus pontos fortes e seus pontos fracos, saber enxergar nas fórmulas correntes e sofismas de toda espécie, com que cada classe e cada camada social encobre seus apetites egoístas”. (LENIN, idem p. 35).

Sendo, portanto o desenvolvimento de uma consciência que não poderia ser a espontânea, a consciência social-democrata seria algo produzido de fora, já que

“os operários, já dissemos não podiam ter ainda a consciência social democrata. Esta só podia chegar até eles a partir de fora. A história de todos os países atesta que, pela próprias forças, a classe operária não pode chegar senão à consciência sindical “(LENIN, idem, p24) Ou ainda “a consciência política de classe não pode ser levada ao operária senão do exterior, isto é, do exterior da luta econômica, do exterior da esfera das relações entre operários e patrões” (LÊNIN, p. 62)

Essa consciência só poderia ser desenvolvida através do Partido, que seria por excelência uma “ilha de socialismo”, espaço pedagógico por excelência onde o proletariado faria seu aprendizado político. Portanto, o partido se apresenta

como um espaço de “vanguarda” que formularia a política em todos os níveis. Dessa forma, Lênin distingue o que deve ser a organização política da organização sindical.

“A organização dos operários deve ser em primeiro lugar profissional, em segundo o maior possível; em terceiro a menos clandestina possível (...). Ao contrário, a organização dos revolucionários deve englobar, antes de tudo e principalmente homens cujo profissão é a ação revolucionária (...) Necessariamente essa organização não deve ser muito extensa” (LÊNIN, p. 86)

A concepção Lenineana era acima de tudo a de um partido, por excelência conspirativo, tendo a atividade política como centro de sua ativação. Um partido voltado para captura do poder político da burguesia.

Consequentemente, a teoria revolucionária é o centro da atividade política do partido. Uma das principais premissas do livro “O Que Fazer” é de “sem teoria revolucionária não há movimento revolucionário” (LÊNIN, idem p. 18). E a disciplina é um dos pontos nevrálgicos “prevalecendo o mais rigoroso sigilo e a mais rigorosa escolha de seus membros”. (LÊNIN, idem, p109)

Durante todo o período que vai da realização do congresso da social democracia russo em 1903 até 1915, Lênin e os Bolcheviques priorizaram a organização de um de um partido que visou

“quebrar completamente com a tradição de um tipo de organização social-democrata puramente operária ou sindical até aos grupos de fábrica inclusive. (...) todos os membros do Comitê de fábrica devem considerar-se agentes do Comitê Central, obrigados a submeter-se a todas as suas instruções, obrigados a observarem todas as leis e costumes desse exército em campanha para o qual entraram e que não podem deixar sem autorização do comandante” (LÊNIN, idem p108).

Esse modelo político foi transposto à Internacional Comunista bastando ver que os agrupamentos participantes do I Congresso, com exceção do Partido Comunista Alemão, eram agremiações cujas principais lideranças eram dissidentes nos partidos sociais-democratas ou ainda em bom e grande número, recrutados pelos próprios Bolcheviques, nos campos de prisioneiros (BROUÉ, idem.p 63)

G) II Congresso

O II Congresso da Internacional Comunista se realizou em julho de 1920. Este Congresso foi representativo, estiveram presentes delegados de 67 organizações políticas de 37 países. (BROUÉ, idem, p197).

Foi marcado por notícias positivas, o Exército Vermelho havia revertido à ofensiva Branca e estrangeira e marchava numa contra-ofensiva estando as portas de Varsóvia. Portanto havia a expectativa de que o proletariado tomaria o poder na Polônia.

O proletariado alemão implementava grande agitação política e avaliava-se que a Revolução aconteceria também na Alemanha. O sentimento era de otimismo. A visão geral era de que ao contrário da Revolução de novembro de 1919, a existência de um partido organizado na Alemanha levaria ao triunfo do proletariado e garantiria o fim do isolamento russo.

Além disso, o Congresso teve como pauta a questão partidária, Lênin havia apresentado aos delegados dezesseis pontos para aderir a IC, no debate esses foram ampliados para 21.

O debate girou em torno da importância de ter-se contato com as massas operárias e como construí-lo em países onde os PCs eram pequenos e com pouca expressão. A questão central foi a respeito do Labor Party e a participação ou não dos comunistas nessa agremiação. O ponto de vista predominante é a de não participação. Pois: “uma nova era estava começando”. E então não podia se conciliar com políticas “reformistas ou traidoras”. Esse argumento foi apresentado pela Esquerda no congresso e também pelo presidente da Internacional, Zinoviski, destaca-se que Lênin, Trotsky e Paul Levy foram contra essa proposição.

Igualmente, ganhou importância o debate sobre a participação ou não em sindicatos e parlamentos. Essa era uma questão muito séria, já que havia na jovem Internacional boa parte de partidos e dirigentes que viam nessas instituições, a forma de cooptação ao universo burguês.

O recém-lançado livro de Lênin “Esquerdismo Doença Infantil do Comunismo” influenciará diretamente a pauta do Congresso, nesse texto Lenin travará importante debate com duas das principais correntes ideológicas que sustentavam essa prerrogativa. Lênin destacará no Esquerdismo que o centro da luta política é compreender que a burguesia havia sofrido uma derrota, mas que estava longe de perder a guerra. Assim, realiza um resgate histórico da Revolução Russa e de seu significado. Em seu estudo Lênin aponta que há uma universalidade no processo da Revolução Russa

“ao sentido mais estrito da palavra, isto é, entendendo por significado internacional a sua transcendência mundial ou a inevitabilidade histórica de que se repita em escala universal o que aconteceu no nosso país, significado que deve ser reconhecido em alguns dos aspectos fundamentais da nossa revolução (LENIN. 1980,p143)”

Salienta alguns fundamentos universalizantes debatidos no texto de 1918 “ O Estado e a Revolução” ali sustentou em polêmica com os pensadores da II Internacional em especial Kautsky, a importância da organização de um novo modelo de democracia: a dos Conselhos (Sovietes) e a necessidade da Ditadura do Proletariado.

Lênin retoma o tema mostrando que o modelo revolucionário russo poderia consolidar-se rapidamente pela realização da Revolução em um país avançado como a Alemanha. E para isso tanto seria necessário que as instituições que sustentam o Estado Burguês tivessem sido superadas pelo surgimento da democracia de conselhos. Demonstra que se tratava de uma necessidade prática a ser implemmentada pelo movimento proletário e uma transformação geral que se manifestaria na consciência proletária. No tocante a questão sindical, Lênin destaca que

“Os sindicatos representaram um progresso gigantesco da classe operária nos primeiros tempos do desenvolvimento do capitalismo, visto que significavam a passagem da dispersão e da impotência dos operários aos rudimentos da união de classe. Quando começou a desenvolver-se a forma superior de união de classe dos proletários, o Partido Revolucionário do proletariado (que não será merecedor desse nome enquanto não souber ligar os líderes à classe e às massas num todo único e indissolúvel), os sindicatos começaram a manifestar inevitavelmente certos aspectos reacionários, certa estreiteza grupal, certa tendência para o apoliticismo, certo espírito de rotina, etc.” (LENIN, idem.154)

Lênin partira das modificações que se operaram no Modo de Produção Capitalismo com a passagem do Capitalismo competitivo, liberal ao Capital Monopolista e nas transformações que essa opera dentro do mundo do trabalho em sua fase Imperialista.

Também, resgata Engels, sobre o papel aristocrático desempenhado por setores do Movimento Operário Inglês, Segundo Engels a Aristocracia Operária tratava-se de um fenômeno inglês que poderia ser superado tão logo houvesse um novo processo de crise onde se ampliaria a proletarização.. Lênin aceitará esse ponto de vista até o início da I Guerra. No texto “O Que Fazer”, quando assinalava que as lutas econômicas fariam com que um setor do proletariado se aliasse a seus patrões para obter benefícios comuns, e repete tal argumentação em outros textos como observa Hobsbawn (HOBSEBAWN, 2014).

Com a eclosão da Guerra e a capitulação dos Partidos da Social-Democracia, sua investigação destina-se a observar qual seria a base real para que amplos setores dos trabalhadores passassem a assumir o discurso chauvinista. Essa preocupação leva-o a afirmar que o principal motivo é que setores importantes do movimento proletário eram beneficiados diretamente pela expansão do Capitalismo de seus países.

No Capítulo VIII do seu livro “O Imperialismo Fase Superior do Capitalismo”, compreende que houve uma universalização da Aristocracia da Classe operária inglesa, do pré-guerra, que o fenômeno se generalizou no Período Imperialista. Para Lênin existe um setor do proletariado que se aburguesou. Esse debate ocupará parte do cenário do II Congresso, na questão sindical. Parte dos comunistas não aceitavam atuar no mesmo sindicato que os reformistas ou os sindicalistas amarelos: criavam-se sindicatos e associações paralelos. O documento feito para o Congresso destaca

“Pero la vieja burocracia profesional y las antiguas formas de organización sindical obstaculizan de cualquier forma esta transformación del carácter de los sindicatos. La vieja burocracia profesional trata por todos los medios de lograr que los sindicatos conservan carácter de organizaciones de La aristocracia obrera, trata de mantener em vigor las reglas que imposibilitan la entrada de las masas obreras mal pagas em los sindicatos (...) Dada la pronunciada tendencia de amplias masas obreras a incorporarse a los sindicatos, y considerando el carácter objetivo revolucionário de la lucha que esas masas sienten pese a la burocracia profesional, es importante que los comunistas de todos los países formen parte de los sindicatos y trabajen para convertirlos em órganos conscientes de lucha para liquidación del régimen capitalista y el triunfo del comunismo” (Los Cuatros, p. 142-3)“

Ou seja, a abordagem leninista superou as visões dos comunistas de esquerda protagonizadas pelos partidos da Inglaterra, Holanda e setores importantes na Alemanha, Itália e de outros países.

Nesse Congresso surge a Questão Nacional envolvendo, países coloniais, semicoloniais e sua imensa massa de camponeses.

Lênin destacou na defesa de suas teses no I Congresso a evolução da organização de Soviets, afirmando que a construção deles no campo foi parte

essencial da Revolução de Outubro e salienta ainda que no Campo, a Revolução Russa foi burguesa no Campo em aliança com a Revolução Proletária na cidade.

“Para o campo, nossa revolução continua a ser burguesa (...), pois a Rússia é um país atrasado. Isso será totalmente diferente na Europa Ocidental e é por isso que devemos sublinhar a necessidade absoluta da expansão do sistema dos Sovietes e também entre a população rural em formas correspondentes e talvez novas” (LENIN, IC.idem, p. 70)

No Segundo Congresso, o debate sobre a Questão Colonial e Semicolonial recebem a constituição de uma comissão para discutir o tema, contando com a participação de Lênin e com importante contribuição do comunista indiano, radicado no México, Manabendra Nath Roy. Que sustentava ser o desenvolvimento do Comunismo Mundial dependente da Revolução no Oriente; queria avançar a consciência da classe camponesa e proletárias evitando o domínio burguês, colocando como principal tarefa da IC, a constituição de partidos comunistas de operários e camponeses. Igualmente, propunha que o movimento comunista podia liderar esse processo desde a primeira fase, já que o proletariado e os camponeses eram atrasados política e culturalmente, mas havia, nas indústrias modernas estrangeiras, uma camada de operários especializados que desfrutavam um padrão de vida e cultura melhor, sensíveis à associação política e sindical, sendo o papel dos PCs, portanto,, ganhar esta camada de classe média para a direção política da Revolução.

Por sua vez, Lênin seguia em outra direção, imaginava que a aliança temporária com burguesias coloniais, poderia bloquear a ação imperialista na ameaçada fronteira soviética. Dessa forma, via que a liderança do movimento Anti-colonial seria democrático-burguesa pela ação que cumpria a classe camponesa dentro das relações econômicas.

Ao cabo do debate aprovou-se a resolução que afirma a existência de uma distinção entre nações oprimidas e nações opressoras. Essa distinção ia de

encontro às teses sobre as relações envolvendo países imperialistas e coloniais. A IC observava os países coloniais como sendo a principal fonte de manutenção das relações capitalistas. A ruptura desta lógica era apontada como aprofundadora da crise nas relações capitalistas.

El rasgo distintivo del imperialismo consiste en que actualmente, como podemos ver, el mundo se halla dividido, por un lado, en un gran número de naciones oprimidas y, por otro, en un número insignificante de naciones opresoras, que disponen de riquezas colosales y de poderosa fuerza militar. (...) (LENIN, apud 1973, p 139)

Lênin igualmente relata que foi discutido se era correto ou não a IC apoiar movimentos democráticos-burgueses, chegando à conclusão de que a incipiência dos movimentos proletários e a imensa maioria da população camponesa apontavam para uma conceituação de movimento revolucionário-nacional, pois as relações camponesas são relações capitalistas burguesas. De igual forma o papel dos partidos proletários seria manter relações com os movimentos camponeses, apoiando-os na prática. Igualmente, o relatório da comissão descrevia que existia contradições entre a burguesia imperialista e nacional, que na maioria dos casos, as burguesias dos países coloniais eram solidárias à burguesia imperialista, porém havia exceções e que, portanto a IC, só apoiaria os movimentos nacionais capitaneados pela burguesia se esses assumissem o duplo compromisso de enfrentar os restos de Feudalismo e o Imperialismo. O mesmo documento aponta como tarefa dos comunistas, o incentivo à constituição de Soviotes de camponeses já que

“La idea de la organización soviética es una idea sencilla, capaz de ser aplicada no sólo a las relaciones proletarias, sino también a las campesinas feudales y semif feudales. (...) los Soviets de trabajadores, en todas partes, en los países atrasados y en las colonias, es un deber in declinable de los partidos comunistas y de quien es están dispuestos a organizarlos”. (Los Cuatros, idem. 179)

Lênin, parte da seguinte abordagem: nos países onde predominam relações pré-capitalistas, com Modo de Produção Asiático, a passagem para a etapa socialista, seria possível com a ajuda de processos em outros países mais avançados.

Segundo Fernando Claudin, essa mudança de enfoque da Revolução Européia para vislumbrar a periferia do Capitalismo - tanto de Lênin como da Internacional Comunista - é resultado do primeiro sentimento de que começara um refluxo da Revolução nos países europeus de um lado, e do ascenso de lutas nos países periféricos, de outro. Isso combinou com a participação no II Congresso de organizações de países coloniais e semicoloniais.

H) Baku - Congresso dos Povos do Oriente

O Encontro de Baku demonstra a preocupação da III Internacional com os povos coloniais e semicoloniais: explicita uma mudança de postura em relação ao pensamento que até então predominava sobre os povos colônias. A saber, que esses teriam de alcançar o desenvolvimento burguês para então colocar a questão do Socialismo em sua pauta de lutas. Esse entendimento foi predominante especialmente na II Internacional.

As teses sobre “A questão Colonial” definiam que havia países dominantes e dominados e nesses últimos desenvolvia-se movimentos nacionalistas revolucionários que se contrapunha ao Imperialismo.

O Congresso dos Povos do Oriente era uma consígnia elaborada pela III Internacional para efetivar uma aliança com os movimentos nacionais existentes.

Participaram 2.580 delegados de diversas nacionalidades orientais e também lideranças importantes de países coloniais e semicoloniais. Dali saiu um

Comitê composto por 47 membros representando vinte nacionalidades e um Bureau de sete, sendo 2 apenas ligados a III Internacional (BROUÉ, idem. p227/8) .

Apesar do sucesso imediato do Encontro - que possibilitou a criação de Institutos, e abriu as portas para as ações e alianças entre comunistas e movimentos nacionais no Oriente, principalmente na China - o resultado foi efêmero.

Todo esse cenário possibilitou que o debate do Segundo Congresso tivesse uma abordagem menos eurocêntrica do que o I Congresso, todavia como Claudín chama atenção, apesar do esforço Leninista, as queixas contra o eurocentrismo se multiplicam no III congresso, pelos delegados do Japão, México, Índia, Indonésia, sendo que o informe sobre os países coloniais e semicoloniais recebeu apenas cinco minutos de tempo do Congresso, levando Manabendra Nath Roy a formalizar um protesto junto à mesa diretiva.

Entre o II e III Congressos, a IC acumulara experiências com as lutas na Índia contra a ocupação inglesa, uma Revolução em curso na China comandada por Sun Yat Sen, além da experiência do movimento nacionalista de Mustafá Kemal na Turquia, que apesar de ter se armado com ajuda do Governo Soviético, reprimiu violentamente as manifestações proletárias e camponesas, além de ter aprisionado e matado parte da cúpula do Partido Comunista Turco e paradoxalmente era tido como aliado pelos soviéticos em virtude do papel que cumpria na defesa da fronteira sul da jovem federação socailista. (CLAUDÍN, 1980: p. 201).

I) III Congresso

O III Congresso contou com 605 delegados, 103 organizações políticas de 52 países (Broue, idem p. 288) Este foi marcado por uma alteração na conjuntura mundial: O Exército Vermelho sofre derrota na Polônia, vendo-se obrigado a recuar. As derrotas das Repúblicas Soviéticas da Bavária e Hungria ocorreram

pela ação de setores vinculados a II internacional de um lado e por outro, pela debilidade estrutural dos agrupamentos revolucionários e a incapacidade de construir um projeto de poder. Igualmente os movimentos proletários existentes na Itália - com as ocupações de fábricas - e na Tchecoslováquia, sofreram duras derrotas. Também é anunciada a Nova Economia Política (NEP) em que o Estado Soviético libera parte da pequena produção Agrícola possibilitando a obtenção de lucro na Agricultura, além de promover acordos comerciais com a Inglaterra, Holanda, Alemanha etc.

O clima do Congresso é tenso, pois além do pessimismo político, Paul Levi dirigente importante do Comitern, de matriz luxemburguista, acusou publicamente a direção do PCA de promover um *putsch* na Alemanha conduzindo o movimento à derrota e, pela sua crítica, foi punido com a expulsão do PCA. Igualmente nesse Congresso 'afasta-se o importante dirigente Giacinto Seratti, por se opor à divisão do Movimento Operário Italiano, ou seja, a Internacional. Essas foram duas significativas perdas em suas fileiras.

O relatório de Trotsky na abertura do Congresso demonstra a mudança de humor. Ele recorda que o movimento ascendente que nasceu com a Revolução Russa foi capaz de acabar com a I Guerra, e provocar diversas manifestações políticas e revoluções do proletariado

“entretanto essa poderosa vaga não conseguiu derrotar o Capitalismo mundial nem mesmo o Capitalismo Europeu. Durante o ano que correu entre o II e III Congressos da Internacional Comunista, toda uma série de levantes e de luta da classe operária terminaram, ao menos parcialmente com derrotas (...) Hoje pela primeira vez, vemos e sentimos que não estamos tão próximos do objetivo, a saber, da conquista do poder. Da Revolução Mundial. Em 1919, nós dizíamos 'É uma questão de meses' Hoje nós dizemos: É uma questão de anos” (TROTSKY apud BROUÉ, p. 289)

A seu turno, a reação capitalista é marcada pela crise das democracias liberais e o surgimento de ditaduras em quase todos os países, como parte da reação grupos paramilitares, constantemente utilizados contra coletivos proletários, independente da coloração partidária.

Na Itália, despontam as primeiras manifestações fascistas logo após a derrota dos Conselhos Operários. Várias cidades importantes são tomadas por bandos de ex-combatentes, desempregados armados por empresários, pequenos-burgueses e principalmente pelos latifundiários que promovem ações violentas contra os movimentos proletários.

A ação fascista ataca notoriamente os grupos de Esquerda principalmente os socialistas. O movimento dos fascistas encontra pálida e desorganizada resistência das agremiações proletárias, o que faz o Fascismo crescer.

A primeira compreensão dos comunistas é de entender os fascistas como a mão direita da reação burguesa contra a Revolução e julgam o ataque aos sociais-democratas como um acerto de contas entre frações (ou mãos) a serviço da burguesia.

Esse problema, somado à tentativa de *putsch* na Alemanha e à crítica a NEP, expõem uma divisão política séria dentro do Congresso. De um lado, os setores mais à esquerda não interpretam a situação alemã como derrota não observam fôlego na recuperação capitalista e são críticos ao recuo na construção do Socialismo com a NEP. Conservam o cenário político como o mesmo desde o fim da Guerra e da revolução Russa. De outro lado, Lênin e Trotsky têm claro que o cenário é outro e que se faz necessário estar melhor e mais organizados para a nova conjuntura.

Daí a relevância da questão (expulsão) de Paul Levy que foi responsabilizado por partilhar as mesmas posições e avaliação de Lênin e Trotsky sobre a conjuntura e a Questão Alemã em particular.

O Problema central colocado com a perda do horizonte da Revolução Mundial era como reagrupar o proletariado que estava cindido em três grandes blocos políticos. Como criar uma plataforma mínima capaz de agir em comum?

Na véspera do levante alemão, por iniciativa do PCA foi divulgada uma “Carta Aberta” dirigida ao proletariado, chamando os demais agrupamentos socialistas a se somarem numa ação política comum. Essa carta, criticada pela Esquerda, será o modelo a ser perseguido pela política de Frente Única. A

ideia central é de que a Internacional e seus Partidos precisavam conquistar as massas divididas, para isso era necessário criar uma plataforma mínima comum com os agrupamentos sociais-democratas, trabalhistas, anarquistas e setores independentes.

Fruto dessa iniciativa, foi organizado nos fins de 1921. Um Encontro entre as três Internacionais. A II Internacional, a II e meio (na verdade chamada assim jocosamente pela III, mas se tratava de partidos que não concordavam uma com outra Internacional e que havia se agrupado num encontro em Viena) e a III Internacional. O resultado da reunião foi a construção de um Comitê Internacional (os comunistas se retiram logo em seguida) e a criação de uma pauta em defesa da jornada de oitohs, contra o desemprego, enfrentamento ao Fascismo, socorro à Rússia faminta e pelo restabelecimento das relações diplomáticas com a Rússia (CLAUDÍN, idem p.142).

Apesar de ter decretado a política de Frente Única entre os agrupamentos na esfera nacional essa tática sofreu resistência nos seguimentos da internacional. Notoriamente Esquerda, especialmente dos italianos liderados por Amadeo Bordiga empenhados em obstruíram o um entendimento prático com os socialistas, isso facilitou que o Fascismo consolidasse seu golpe de Estado. (BROUÉ, idem p.328; CLAUDÍN, idem p139).

No que tange à política de Frente Única, há críticas colocadas pelos outros dois agrupamentos internacionais (II e a II e meio) ao processo movido contra os 47 Sociais-Revolucionários acusados de crimes de traição e terrorismo contra o Estado Soviético e condenados à morte: críticas à falta de liberdade política às organizações proletárias e à opressão contra o Governo dos Mencheviques na República da Georgia. Discordâncias fizeram com que estes representantes da III Internacional firmassem um acordo, e fossem repreendidos por Lênin por tomarem decisões que caberiam a soberania do Estado Soviético (CLAUDÍN, idem p.144, CARR idem p 209).

O questionamento é severo, em especial os formulados por Otto Bauer o que leva os representantes da III Internacional concordem como acompanhamento do processo por parte de representantes das duas outras internacionais (CLAUDÍN, idem p145) o fato dos Socialistas-Revolucionários terem sido defendidos por Émile Vandervelde, naquele que é considerado por E. Carr,

como o Primeiro Processo de Moscou, também foi outro fato importante do desdobramento desse Encontro. (CARR, idem p.208)

Mais um fator decorrente da Reunião entre as Internacionais, foi o severo questionamento a Lênin sobre a Questão da Geórgia e a prática imperialista realizada pelo Governo russo que destituiu o Governo georgiano e impôs uma intervenção bolchevique com violência. Nesse quesito, Lênin expressou seu ponto de vista sobre a diferença entre nação oprimida e opressora

Cumpramos distinguir entre o nacionalismo da nação da nação opressora do nacionalismo da nação oprimida, entre o nacionalismo da nação grande e o nacionalismo da nação pequena(...) No que diz respeito ao segundo nacionalismo, nós, os integrantes de uma nação grande, quase sempre somos culpáveis no terreno prático histórico de infinitos actos de violência; e mesmo mais: sem dar-nos conta, cometemos infinito número de actos de violência e ofensas. Não tenho mais do que evocar as minhas lembranças de como nas regiões do Volga tratam despectivamente os russos, de como a única maneira de chamar os polacos é "poliáchishka", de que para burlar-se dos tártaros sempre os chamam "príncipes", o ucraniano chamam-no "jojol", e o georgiano e os demais naturais do Cáucaso chamam-nos "homens do capcioso" (LENIN 2014).

Como aspecto político ligado ao PCURRS, mas com implicações políticas sobre a Internacional, cabe ressaltar a crítica a Stalin, por ser o responsável por essa atividade imperialista

“cumpramos punir exemplarmente o camarada Ordzhonikidze (digo isto com grande sentimento, porque somos amigos e trabalhei com ele no estrangeiro, na emigração) e também terminar de revisar ou revisar de novo todos os materiais da comissão de Dzerzhinski, com o fim de

corrigir o cúmulo de erros e de juízos parcelares que indubitavelmente ali há. A responsabilidade política de toda esta campanha de verdadeiro nacionalismo russo deve fazer-se recair, é claro, sobre Staline e Dzerzhinski.”
(LENIN Idem)

Esse cenário crítico aprovou com muita resistência, a tática de Frente o que levou ao entendimento entre agrupamentos em vários países como na Inglaterra, França e Alemanha.

J) IV Congresso

O IV Congresso, último com a participação de Lênin, agrupou 504 delegados de 60 organizações políticas. O centro do debate foi a política de Frente Única e a formulação tática sobre o Governo Operário. O entendimento geral do Congresso é que a Frente Única era um meio de deter a ofensiva capitalista e sua vertente fascista de um lado e de outro possibilitar o ascenso de massas – desenlace de Governos Operários e Operários e Camponeses não tributários da Ditadura do Proletariado, pois ainda se estruturaria dentro dos limites da representação democrática-burguesa, mas potencializaria ser a ante-sala. Essa posição é questionada no Congresso como sendo um recuo ao “possibilismo”. Também, no IV congresso volta à cena a questão colonial: os avanços das manifestações revolucionárias nos países orientais, em especial: China e Índia. Criam amplas expectativas na IC. O Congresso busca aprofundar a compreensão das relações agrárias feudais, burguesias nativas (compradora e exportadora) com o imperialismo, papel das classes burguesas antiimperialistas, das classes médias. E de outro lado, observa que na maioria dos países, somente a revolução agrária e os camponeses se opõem à dominação imperialista e que a insurgência dessa classe, aponta tanto para a superação do feudalismo e imperialismo, como pode estabelecer novas relações sociais e políticas.

É observada a necessidade de construir Frentes Anti-imperialistas com todos os setores que mantêm contradições com o Imperialismo. Mas seguia a ressalva do II congresso, da necessidade de manter a independência organizativa e política do proletariado e de seu partido, dentro da frente antiimperialista.

Nesse momento, Lênin, observando o desenvolvimento combinado da indústria moderna e das relações pré-capitalistas apontou a possibilidade de revoluções socialistas diretamente, sem passar pelo processo nacional burguês, a tese sobre elo mais fraco na produção imperialista.

Igualmente chegou a rascunhar a hipótese de se ter partidos comunistas de maioria camponesa, como depois vieram a fazer Ho Chi Mim (que fora uns dos participantes dos congressos desses tempos de IC) e Mao TséTung. (CLAUDÍN, idem: p. 211-9).

K) V Congresso

O V congresso ocorreu meses após a morte de Lênin e contou com a representação de 504 delegados de 60 PCs vindos de 49 países, quanto a esse congresso tanto Fernando Claudín, Edward Hallett Carr, Pierre Broué observam uma mudança de comportamento no V e VI Congresso dá-se início da bolchevização da Internacional e a sua paulatina subordinação aos interesses do núcleo estalinista, dominante no PC soviético.

O Momento é marcado pelo balanço político da Revolução Alemã gerada a partir da Crise do Ruhr. A situação alemã agravou-se muito quando as tropas de Versalhes ocupou a região alemã para confiscar a produção de minério. A inflação e custo de vida deixou à penúria a classe operária e demais setores assalariados da Alemanha.

A situação apontava para uma Revolução social. A conjuntura e a organização da classe operária em torno do forte PCA foi saudado com entusiasmo no IV Congresso e a partir do *Bureau* do Comintern é elaborado um plano de ação revolucionária que partia dos dois governos regionais Turíngia e Saxônia, compostos majoritariamente pelos Sociais-Democratas de Esquerda com a participação de membros do PCA. A ideia central seria promover uma greve

geral seguida de um levante armado proletário que exigiria do Governo Central a sua renúncia e realizaria um Governo dos Trabalhadores. O plano era muito centrado na aliança com os Socialistas de Esquerda, entretanto o Levante foi abortado e as manifestações dos operários massacradas pelas forças da ordem.

A culpa do fracado do Levante foi creditada à política de Frente Única e aos setores que a defendiam, que passaram a ser identificados como política novos mencheviques, por adotarem uma política agora considerada de direita.

Os grupos de ultra-esquerda (que já tinham conseguindo excluir Paul Levy e Seratti) estavam bem mais fortes e receberam o apoio de Zinoviev, Stalin e de seus partidários que já perfaziam maioria dentro do PCURSS.

Soma-se à crise política, a derrota da Revolução Alemã em 1923. Que é creditada aos seus dirigentes (Brandler e Thalheimer) e também à concepção de partido. Segundo o senso comum, estabelecido no Congresso, o modelo bolchevique deveria ser universalizado, já que esse modelo de partido levou à Revolução russa e outros modelos de partido, não.

Na leitura feita por Heinz Neumann, do PCA, a bolchevização significava: “partido de vanguarda, minoria revolucionária entre os operários conscientes. Ele dirige toda a classe e seus combates e tem por missão organizar a Revolução” (BROUÉ, idem p478), mas a visão que predominou foi a “russificação” dos partidos. Isso significou que os partidos e a Internacional teriam uma disciplina rígida, sem tendências internas, sem democracia e centrada no desenvolvimento da Construção do Socialismo num só país, a URSS. Reproduzindo o modelo que então se consolidava dentro do PCURSS. A conseqüência foi que os partidos perderam sua autonomia e ser na pratica extensão das relações exteriores da URSS e do Partido russo.

Os três grandes partidos comunistas da França, Polônia e Tchecoslováquia que cumpriam uma agenda de Frente Única foram desautorizados em sua implementação política e tiveram a Direção destituída ou alterada com a maioria de novos dirigentes.

Evidentemente a direção do PCA foi a que mais sofreu os grupos à Esquerda foram prestigiados em detrimento da antiga Direção. A condenação caiu sobre a política de Direita identificada como sendo gestada por Trotsky, Radek e outros dirigentes alemães e tendo sua raiz no luxemburguismo. O Congresso

também acusou a Social-Democracia, os Movimentos Anarquistas ou independentes como alas do Fascismo, Zinoviev pronuncia-se explicando que

“a própria Social-Democracia tornou-se Fascista (...) os sociais- democratas estão do outro lado da barricada. Rompemos com eles. O que há de novo no Movimento Operário Internacional e que a Social-Democracia tornou-se um elemento do fascismo” (ZINOVIEV apud BROUÉ, idem. p.462)

Os partidos que mantinham alianças com organizações Sociais-Democratas de esquerda ou não, como círculos anarquistas foram desautorizados e todos os agrupamentos passaram a ser tratados como social-fascismo e anarco-fascismo.

Os passos seguintes seguidos pela Internacional a conduziu ao isolamento político provocam vácuo imediato na ação. Ficou patente na ascensão do Fascismo italiano, onde o clamor necessário união do proletariado aos constantes ataques das hordas fascistas ficou sem resposta ou organização e mesmo após o assassinato do Deputado socialista Giacomo Matteotti,(que gerou uma comoção nacional com os movimentos proletários tomando as ruas de Roma e de outras cidades, colocando o governo fascista em xeque), não obter uma reação comum dos Partidos Operários e nem tampouco potencializaram a criação de um bloco antifascista, como se mostrou possível, inclusive com a adesão de partidos liberais. O PSI preferiu a ação no Parlamento e o PCI optou chamar uma Greve Geral que não obteve adesão, ta consequência foi a divisão das oposições. A reação de Mussolini não tardou e com ela a implantação da ditadura fascista. (BROUÉ, idem p.504)

O debate sobre os rumos do Socialismo também ganhou novos ares, a Questão da Revolução Internacional e trocado pela perspectiva de que era preciso construir o Socialismo num Único País (Stalin) que os Governos OperáriosCcamponeses seriam já a Ditadura do Proletariado.

Também e nesse Congresso assumem a importância da Questão Nacional, e do Nacionalismo Revolucionário. Há nesse momento um forte avanço da Revolução Chinesa, que através de seu primeiro líder, o nacionalista SunYat-

Sem, pedira ajuda militar à República Soviética e se declarou amigo da Revolução Russa.

A IC recomendou contra a vontade de dirigentes e militantes do PC Chinês, que este Partido se filie ao Kuomintang, partido de Yat-Sem e subordina-se à sua disciplina. Concomitantemente, as lutas operárias se intensificou e a Revolução Camponesa ganhou imensas proporções. Igualmente, a IC recomendou ao PC que detenha os ânimos dos de baixo.

Em 1926, ocorre o famoso massacre de Cantão, quando os Exércitos de Chiang Kai-Chek, já então líder do Kuomintang, ataca militarmente os operários e os comunistas. A Internacional deduz que era a reação da Direita burguesa no processo nacionalista, e propõe ao PC chinês aliar-se aos pequenos burgueses em Wuhan, que havia virado “o centro da Revolução”. O mesmo processo ocorreu pouco depois nessa região, levando a um novo massacre de comunistas. Só anos mais tarde, distante das ordens diretas da IC e no enfrentamento com os japoneses é que Mao TseTung pode organizar o Exército de camponeses, que realizaria a Revolução Chinesa. No VI Congresso, com Nikolai Bukharin, então à frente da Internacional, o PC Chinês é responsabilizado pelos acontecidos.

Outro dado muito importante para o clima do Congresso era a avaliação conjuntural, Segundo a IC e o PCUS, era provável a invasão da URSS, pelos ingleses. Este temor faz com que a URSS buscasse alianças com todos os setores, em especial as burguesias nacionais, este movimento visou arrefecer a ação inglesa. O reflexo de uma análise conjuntural é o recuo nas formulações desenvolvidas nos II e IC Congressos sobre a Questão Nacional e Camponesa.

No V Congresso, os relatórios de Dimitri Manuilski(sobre a Questão Nacional) e de Vasil Kolarov, (sobre a Questão Agrária) limitaram-se a comentar os casos de opressões dos Estados imperialistas e a necessidade de organização camponesa nos países europeus. Houve ainda, discursos de M.N. Roy mostrando as diferenças entre os movimentos e as classes sociais na luta nacional e apresentando como estratégia, a formação de Sovietes camponeses e de Ho Chi Mim (Nguyem Ai Quoc) cobrando maior interação entre os partidos das colônias e metrópole, demonstrando que a grande massa da Indochina (95%) era camponesa. Wolf, representante do México, narrou a peculiaridade do processo revolucionário mexicano e as possibilidades de avanço. Todavia

as resoluções foram no sentido de priorizar a aliança com a burguesia nacional em luta, o eixo central do Congresso e dos comunistas passava a ser a defesa da URSS. (Vigésima e vigésima quinta sessão do V congresso da IC).

L) VI congresso

Já o VI Congresso continua marcado pelo clima de temor da invasão da URSS. Concluiu-se que uma possível invasão poderia ser explicada por uma crise profunda do Capitalismo, portanto, a invasão da URSS seria uma ação visando à própria manutenção da existência das relações burguesas. De igual sorte, concluiu-se que só havia naquele momento, no mundo, dois campos: o campo imperialista composto por liberais, fascistas e sociais-democratas e o campo anti-imperialista, protagonizado por diversos movimentos de nacionalidades oprimidas, tendo a URSS como a principal liderança. O resultado dessa avaliação é que o mundo passaria por um acirramento da luta de classes, que tomaria a forma de guerra de classe contra classe. Dessa maneira, ficou definido que não haveria qualquer aliança com os opressores e que o trabalho da IC seria preparar-se organicamente para os embates.

Este congresso foi marcado pela esquerdização. Também será o primeiro a mencionar a ação do Imperialismo estadunidense contra os demais países do continente americano, em especial à intervenção realizada na Nicarágua, em 1925 e a sublevação de indígenas, greves em diversos países. O centro da luta continua sendo

“movilizar a las masas em las colónias e incorporarlas a la lucha decisiva contra el imperialismo, por la liberación nacional, por la victoria de los obreros y los campesinos”
(VI congresso, p.195).

Zinoviev após debate intenso dentro do XIV Congresso do PCURSS é afastado da direção da Comintern por imposição de Stalin, que acusa o ex-presidente de formar fração ao se aliar com Trotsky.

A mudança da direção após o V Congresso, com a subida de uma direção bukharinista, valorizou a ação camponesa e colonial na luta anti-imperialista.

Teve-se uma compreensão do papel exportador realizado pelas colônias e igualmente de certo desenvolvimento, mas que essencialmente este desenvolvimento objetiva beneficiar a metrópole.

De igual forma, compreendeu-se que nos países periféricos a maioria da população está vinculada a terra, vivendo relação de super-exploração do trabalho, que é desencadeada pelo Imperialismo e pelos seus aliados nas colônias: o latifúndio e a burguesia comercial e financeira.

Segundo o Congresso, o processo de desenvolvimento das relações capitalistas impôs uma enorme desapropriação das terras e minou as relações comunais, através de tributação e do sistema de trabalho, ao mesmo tempo em que preservou formas de relações pré-capitalistas, como prestação de serviços. Outro aspecto é que o Capital Financeiro promoveu empréstimos às colônias, desenvolvendo parte da Indústria de Exportação, construção de armazéns e estradas de ferro, que serviu para ampliar a dependência e fortalecer os elos de dominação.

A forte exploração agrária e o êxodo rural são fermentos revolucionários que ativam a luta anticolonial, tanto nas cidades abarrotadas de pessoas superexploradas como no campo, com o fantasma da perda do meio de sobrevivência.

Dessa maneira, o inimigo comum de todo esse processo é o Imperialismo e o latifúndio feudal. A questão nacional unifica os interesses de diversos setores na luta anti-imperialista e feudal. E a tese observa que a burguesia é um setor vacilante, tendendo a se unir ou a ser comprada pelo Imperialismo. As classes pequeno-burguesas têm setores que assumem bandeiras revolucionárias e outras, que serão a consciência da contra revolução utilizando inclusive, de linguagens e palavreado revolucionário para melhor enganar o proletariado.

Segundo a tese, São os camponeses: os setores semiproletários, sem ocupação fixa, desempregados que podem assumir a luta proletária revolucionária, desde que disciplinados na frente de luta partidária e, principalmente, o campesinato “El campesinato solo puede obtener su liberación bajo la dirección del proletariado, pero el proletariado solo em alianza com el campesinato puede llevar a la Victoria la revolución democrático-burguesa”. Todo esse cenário colocava como a única aliança possível a do proletariado o campesinato.

Apesar da tese, ser basicamente voltada para China, Índia e Indochina e só conter dois parágrafos sobre a América Latina, um observando genericamente suas lutas e outro, conclamando a construção de um *Bureau* e de seções nacionais, houve também o documento de Jules Humbert-Droz, que apresentou o trabalho intitulado “Sobre Los Países de América Latina”, onde faz um apanhado geral do continente, destacando a Nicarágua-se e a luta do General liberal Sandino, que debelou uma série de ações camponesas. Essa abordagem foi generalizada a América Latina.

As consequências desta política adotadas pelo VI Congresso da IC, são negativas. Em primeiro no cenário colonial com a derrota do proletariado chinês e o praticamente aniquilamento físico dos dirigentes do PCCh. Em seguida, mas principalmente, a maior derrota e a do proletariado é dos partidos operários na Alemanha frente ao Nazismo, sem esboçar qualquer reação política.

A derrota alemã é considerada por Trotsky e para muitos analistas o “dobre de sinos” da III Internacional.

A esquerda alemã, dividida entre si, assistiu ao crescimento do Nazismo com certa passividade, o partido Nazista tinha três por cento dos votos e avança para dezoito por cento em 1930 e trinta e sete por cento em 1932. O PCA não fazia distinção entre formas de Governo e projetos políticos: a Social-Democracia de esquerda ou de direita, o partido liberal e democratas. Todos eram vistos como fascistas. Isso foi apenas uma orientação alemã já que “La internacional veia al fascismo donde no estaba: fuera de los comunistas, todos los partidos políticos eran fascistas e social fascistas”. (HAJEK, 1973 p.48).

E, portanto, o debate aberto sobre qual deveria ser o inimigo principal refletiu esta concepção: Ernest Thaelmann e a Direção alemã julgavam mais importante priorizar o ataque à Social-Democracia. A compreensão, do Terceiro Período, era de que a crise de 1929, o crescente desemprego, aumento custo de vida levaria a uma nova onda de indignação e revolta do proletariado e isso colocava a revolução na ordem do dia.

Segundo o núcleo estalinista isso refletia a orientação correta do Comintern a respeito da crise final do capitalismo e colocava na ordem do dia a questão dos levantes proletários e da Revolução Socialista. Esse clima auxiliou “na

psicologia política” que levou Stalin a vencer seus adversários à Esquerda e Direita e consolidar seu poder.

Os dirigentes que discordavam dessa perspectiva como Radek, Droz, Bukharin e principalmente Trotsky foram excluídos e os partidos que não concordaram com a tática de classe contra classe e social-fascismos como o Norueguês, sueco, polonês, tcheco, italiano tiveram seus dirigentes mudados, expulsos ou expostos as humilhantes autocríticas. O mesmo acontecendo com os dirigentes minoritários no PCA, PCF e outros partidos.

Milos Hajek,, chama atenção em sua apresentação das teses do VI Congresso em artigo de 1977, que não houve, após a catástrofe nazista e a derrota da III Internacional, um historiador que sustentasse a teoria de classe contra classe, de social-fascismo, ou seja, a Teoria do Terceiro Período.

O Partido Comunista Alemão priorizou até a véspera da tomada do poder por Hitler o ataque à Social-Democracia, chegando mesmo a compor a frente “marrom rubra” com o Nazismo no plebiscito prussiano contra o governo social democrata (BROUÉ, idem p.663).

Aproveitando-se crise economia e política a direita mobilizou-se para derrubar o governo de Centro, contou nessa passagem com votos dos deputados do PCA. No seu lugar subiu o governo conservador de Von Schleicher.

Dia 22 de janeiro de 1933, o Partido Nazismo e suas tropas de assalto receberam autorização de Von Schleicher para realizar uma marcha em Berlim, passando sobre Karl Liebknecht Haus considerada cidadela vermelha pelo PCA e trabalhadores. Era um desafio colocado, a Social-Democracia silencia e o PCA recebe ordens para deixarem os nazistas passarem. Três dias depois o PCA realiza manifestação anti-nazista e no dia 28 de janeiro os sociais democratas. Ao marcharem desunidos, mostraram a sua fragilidade e impotência. Em 30 de janeiro, a burguesia reunida exige que o presidente Hindenburg coloque na chefia do governo Adolph Hitler.

Dias mais tarde, soube-se que vários membros do PCA eram agentes Nazistas infiltrados, até colaboradores próximos a Thaelmann, o Chefe de sua Segurança pessoal. Alfredo Kattner e o colega de farras Wilhelm Hein eram nazistas. A insegurança se instala no PCA, o que facilita o desmonte da fortaleza operária seja executada pelo nazismo sem resistência, sem combate.

Os que se propuseram a resistir como os Dirigentes Heinz Neumann e Remmele são apontados como os responsáveis pela derrota alemã e de estarem a serviço do social-fascismo e do social-facista Trotsky que ajudou a confundir o proletariado e impedir sua ação firme. (BROUÉ, idem p686)

Pierre Broué, salienta, que a orientação que levou à derrota alemã e ao colapso da III internacional foi promovida pela ação stalinista de maneira consciente visando no seu futuro uma aliança com o Nazismo, , já Fernando Claudin e Milos Hajek, veem como parte do sectarismo do Terceiro Período.

M) VII Congresso

A derrota para os nazistas provoca uma mudança sensível na orientação política em 1935. Tem como pano de fundo o ascenso do movimento operário e a consolidação de ditaduras fascistas na Itália, Alemanha, Japão e proto-fascistas em diversos outros países. A resistência feita pelos movimentos operários ao terror fascista migra das ações sectárias dos PC's para organizações menos sectárias, como os Sociais-Democratas e principalmente a sua ala esquerda. Em Portugal, França, Cuba, Brasil e principalmente na Espanha há um avanço das lutas dos trabalhadores o que leva o Comintern a ser forçado a mudar de posição e a abandonar a política ultra sectária do Terceiro Período.

Nas visões de Bruoé, Claudin e Aldo Agosti, o VII Congresso acontece para que Stalin e a URSS manifestem a sua nova versão de diplomacia política e de alianças: a criação de um bloco antifascista que tem como papel lutar pela paz e denunciar a iminência da guerra imperialista. Para tanto é proposto alianças com todos os setores que se dispunha a enfrentar o inimigo central que é o Fascismo.

A visão resumida por Broué da posição de Giorgi Dimitrov, o principal teórico do Comintern daquele momento é que

“a demagogia fascista, sublinha que a lição alemã concerne aos proletários do mundo inteiro, diz que o grande problema do período da ofensiva fascista está nas

relações dos comunistas com a Social Democracia, pronuncia-se por uma frente única da cúpula a base, por uma frente com o movimento sindical e propõe uma reorganização dos PCs do ponto de vista da luta contra o fascismo”. (BROUÉ, idem p. 833)

Também nesse Congresso é reorganizado a estrutura dos PCs, havendo uma maior flexibilização, pois segundo o Dimitrov é impossível dirigir o Movimento Comunista a partir de Moscou. A autonomia dos partidos estaria vinculada a uma solidariedade de defesa da URSS e também em defesa dos países capitalistas aliados. Isso significava uma aliança com a burguesia de nações distintas e a colaboração com as mesmas.

Chama-se a atenção na revisão que se produzia em todas as teses de Frente Única expressas nos Congressos anteriores, pois em nenhum deles imaginou-se uma aliança política para além das organizações das classes trabalhadoras e todas as alianças eram feitas sobre a necessidade de uma ação acumulativa nas lutas sociais e na perspectiva socialista. A nova frente tirou do horizonte a questão do Socialismo e limitava a ação dos PC's a defesa dos interesses nacionais.

Sob o signo do Terror e das prisões dos processos de Moscou, realiza-se o VII Congresso da Internacional Comunista, participam 513 delegados de 65 partidos comunistas. A nova linha é apresentada ao conjunto dos militantes. como observa Broué, o Congresso é quase monossílabo sem debates ou questionamentos de fundo. Dimitrov apresenta o eixo central da nova forma de política “uma frente popular antifascista com base na frente única proletária”.

Como decorrência do Congresso foram tratados os planos para o levante anti-imperialista brasileiro e a organização de Frentes Populares em outros países. (Em linhas gerais, essa política foi criada para a ação nas Eleições francesas, mas se generalizou chegando a todos os países, ganhando contornos dramáticos na Espanha, onde a Frente Popular, organizada *a priori* pela ação dos socialistas e anarquistas sendo aos poucos reconduzidas pelas necessidades econômicas e militares da República. O Partido Comunista Espanhol (PCE) fracassou no seu esforço de conquistar o apoio das

burguesias francesas e inglesas e conduziu o exército republicano a uma depuração interna e à derrota política e militar. (CLAUDÍN, idem p. 208)

Conforme avançou a Política de Alianças do Comintern avançou também a ação fascista que anexara a Áustria e a Tchecoslováquia. É nesse momento que surge o pacto Hitler-Stalin e o Comintern troca a linha política da defesa da paz e da luta antifascismo, pela defesa da luta anti-imperialista. O acordo firmado conduziu os PC's a denunciar os Governos, até então aliados, caso da Inglaterra, França e EUA e mesmo a chegar a legitimar a ação de guerra nazista como comenta Claudin a respeito do pronunciamento de Molotov em apoio a ação militar alemã contra a França e Inglaterra.

A invasão da URSS promove uma nova mudança de rumo e o retorno à política de denúncia ao Fascismo e em defesa da URSS. Os comunistas nesse último suspiro de vida da Internacional organizaram a resistência na França, Grécia, Itália e outros países, promoveram a luta pela redemocratização nos países americanos e se destacaram na defesa de seus países.

E por fim em 10 de junho de 1943, morre a Internacional Comunista e com ela o sonho de várias gerações e de suas vidas.

Capítulo III

A) A conjuntura latina americana

Nos fins do Século XIX e início do XX deu-se início ao processo de industrialização latino-americana que, em comparação com a II Revolução Industrial na Europa, estava trinta anos atrasada em utilizar a locomotiva, mais de quarenta anos na utilização de teares, navios a vapor, iluminação a gás e sistema bancário.

Pela proximidade com a demanda europeia por tabaco, cana e café, Cuba logrou beneficiar-se no meio do Século XIX de três navios a vapor que ligavam a Espanha e Nova Orleans. O México chegou a produzir uma máquina desencaroçadeira de algodão vinte anos antes de Whitney construir a sua. Essa máquina substituíra cinquenta homens, porém os salários eram tão baixos que seria mais barato contratar cinquenta trabalhadores do que comprar uma. Da mesma forma, só a partir de 1845 houve a utilização de moinhos a vapor para bombear água em Buenos Aires e de bondes elétricos em 1897.

No fim estentor desse Século XIX instalaram-se frigoríficos e também fábricas de cerveja e tabacos no Uruguai e Argentina. Esse movimento foi expandido com a imigração que transformou pequenas oficinas em fábricas e indústrias.

A industrialização ocorreu de forma mais rápida na Argentina e Uruguai e menos desenvolvida no Chile, Brasil e México, sendo praticamente inexistente noutras localidades do continente. A base do proletariado, nesse momento, era formada pela imigração de estrangeiros, que chegou a receber cerca de dezessete milhões de pessoas que se somavam aos artesãos falidos, ex-camponeses, antigos escravos e trabalhadores emigrados da terra. (ALBA,1964p. 58).

Ainda nesse momento, a força da burguesia latina-americana era pequena e as suas origens reportavam à oligarquia agrária com laços de parentescos e de interesses muito imbricados. Nesse momento oitenta por cento da população vivia na terra no México e Venezuela, quarenta e sete por cento na Argentina. No Chile e Bolívia, pouco mais de 10% trabalhavam nas minas e no Brasil havia treze milhões de trabalhadores, dos quais nove milhões estavam em atividades agrícolas (ALBA,idem. p 60).

Já no início do Século XX processou-se a expansão das relações comerciais e industriais, como resultando foram crescimento das cidades e a conformação de um mercado interno e novas camadas sociais. A burguesia nativa expandiu seus negócios e ganhou importância no cenário político local, *in démarche*, há um crescimento das camadas intermediárias com o surgimento de uma pequena burguesia urbana e de classes médias ligadas aos setores de serviços e à burocracia do Estado. A classe operária e outras camadas trabalhadoras também cresciam conforme aumentava o mercado e o consumo interno. Com isso o fim do Século XIX e as primeiras décadas do XX, são marcadas por crises políticas das antigas oligarquias que se viram forçadas a reorganizar o Estado tendo em vista acomodar as novas demandas e alianças para assegurar a manutenção da ordem.

Esse cenário foi propositado pelo próprio desenvolvimento da indústria local, mas também pela expansão da ação imperialista da Inglaterra, França, Alemanha e EUA.

No início do Século XX, os EUA expandiram sua atuação imperialista em vários países latino-americanos, apoiando-se para tanto na Doutrina Monroe e também nas oportunidades advindas do cenário surgido com a I Guerra.

Ocorreram também um número expressivo de mobilizações sociais e greves resultantes da ausência de legislações trabalhistas e sociais: como por exemplo, as grandes manifestações em Córdoba, quando jovens estudantes percorreram o continente exigindo uma política soberana e moderna, a Campanha Civilista no Brasil, entre outras, caracterizando um momento de crise das oligarquias e da necessidade de ampliação do Estado. Tudo isso combinado com a expansão do Capitalismo tardio de um lado e do Imperialismo estadunidense do outro, criando uma atmosfera bastante instável.

Já no início do Século XX os EUA inauguraram sua política de Big Stick, com o governo do presidente Teodor Roosevelt ameaçando e agindo contra qualquer país que demonstrasse oposição ou realizasse iniciativas políticas soberanas frente a Washington.

A abertura do Canal do Panamá, em 1915, fortaleceu a economia estadunidense e possibilitou a sua ação dinâmica nos dois oceanos, inaugurando ali a corrida para a dominação do Pacífico, o que o levou ao conflito com o Japão anos mais tarde.

No governo de Woodrow Wilson, as ações dos EUA se multiplicaram. Em 1914 e 1916 invadiram o México; em 1917, desembarcaram seus soldados em Cuba. O Haiti foi invadido em 1914 e teve toda a sua reserva em ouro expropriada, em 1916. Os EUA impuseram um tratado para transferir o direito de exploração do Haiti às empresas estadunidenses. Aqueles que se rebelaram contra a invasão, como a guerrilha camponesa (Cacos) e os grupos ligados a liderança nacionalista de Cherlemagre Peralte, foram barbaramente reprimidos. A República Dominicana conheceu igual sorte em 1916, tendo seu território invadido e seu Parlamento dissolvido pelas forças armadas dos EUA. A I Guerra Mundial foi um momento fundamental: é quando o Capitalismo estadunidense começou a superar os capitais ingleses e dominar as relações políticas no restante do continente (KOVAL,1979,p18). Se de um lado o imperialismo dos EUA expandia sua ação dentro do continente, as jovens burguesias dos principais países latino americanos se beneficiaram com a guerra, obtendo aumento de seus negócios internos e de suas ações políticas na sociedade e no Estado.

A Inglaterra era até então, a principal compradora de produtos agrícolas: com seu Esforço de Guerra sofreu uma enorme redução de seu comércio, tendo como consequência a corrosão de sua base de apoio interna, centrada na oligarquia e no comércio exportador e importador. As jovens burguesias supriram várias das necessidades internas, porém precisavam de créditos para a compra de maquinário e expansão de negócios e esta necessidade foi satisfeita com créditos junto a Bancos estrangeiros, o que gerou uma relação econômica e política de dependência entre a burguesia nascente e o setor financeiro internacional. Cabe dizer que o crescimento da burguesia ainda estava longe de ser o principal fator econômico e político dos países latinos que continuam tendo como carro chefe a Economia Agrária

A guerra facilitou o incremento de uma indústria leve, principalmente têxtil e de alimentos, notadamente na Argentina, Uruguai e Brasil. Como consequência da guerra, houve o aumento de produção de petróleo na Venezuela, de estanho na Bolívia e de cobre e salitre no Chile. A abertura do Canal do Panamá favoreceu as transações comerciais e ampliou o comércio do Chile, Peru, Equador e Bolívia com os EUA e Europa.

Nesse período ocorreu a ampliação das estradas de ferro e instalações portuárias na Argentina e Uruguai surgem grandes frigoríficos e armazéns de cereais. O mesmo pode se dizer em respeito ao sistema bancário que multiplica suas agências em cidades mais populosas, ou seja, a burguesia se consolidava como classe política na América Latina.

O fato é que tal desenvolvimento veio acompanhado de um notável crescimento da classe operária que nos poucos anos de guerra passou de um grupo residual a mais um milhão de trabalhadores. Eram eles normalmente muito pobres e recebiam salários aviltantes que mal davam para se alimentar, morando em casebres e cortiços e com jornadas de trabalho que variavam entre doze e dezesseis hs. A enorme exploração das classes trabalhadoras ocorre sem que até 1917 existisse na América Latina qualquer legislação trabalhista.

A situação era tão dramática que a expectativa de vida na região era de trinta e cinco anos sendo no México média de vinte e quatro anos aos operários. O jovem movimento operário e trabalhista vinha obtendo experiência e dinamizando formas de organizações econômicas e sindicais

Reunião de fundação da III Internacional. Fonte: L'a Internationale Communiste Archives.

b) Argentina

A Argentina foi protagonista, na organização sindical latino-americana. Em 1853 surgiu o Sindicato de Trabajadores de La Industria Impresora de Buenos Aires, inicialmente como cooperativa e aos poucos foi alterando sua dinâmica

com decretação de greves, negociações com os patrões por aumentos e benefícios aos trabalhadores. Na década de 1880 se formaram os sindicatos mais antigos da Argentina: dos trabalhadores de hotéis e restaurantes, sindicato de artesãos, de algumas indústrias e da construção civil (ALEXANDER, 1966,p56).

A imigração de espanhóis, italianos, alemães e de outras nacionalidades trouxe e reforçou ideias políticas e práticas socialistas e anarco-sindicalistas que se difundiram por toda Argentina. Já na primeira comemoração do 1º de Maio, em 1890, foi formada a Federacion Obrera de La Republica Argentina (FORA).

No início do Século XX essa organização passou a ser hegemonizada pelo anarco-sindicalismo e tendo a maioria de seus ativistas formados por imigrantes. Os anarquistas que travaram intensa luta política com os socialistas. Os primeiros, favoráveis à Ação Direta, declaravam que os socialistas eram contra-revolucionários e não raros traidores da classe trabalhadora. Os segundos respondiam que os anarquistas não se preocupavam com as atividades cotidianas e as conquistas e reformas que beneficiavam as classes trabalhadoras.

As diversas Ações Diretas dos anarquistas e a pesada repressão levou a que o Estado argentino aprovasse uma lei anti-imigração e também uma lei de desterro aos trabalhadores nativos que eram enviados para prisão na extrema Patagônia.

Tanto os anarquistas como os socialistas fizeram forte oposição à lei anti-operária. Os anarquistas mantiveram forte atividade chegando a matar o chefe da polícia, responsável pela violenta ação contra o movimento sindical e pela morte de ativistas. Também promoveram expropriação a Bancos e mesmo um atentado contra a vida do presidente Hipólito Yrigoyem em 1919. (ALBA, idem.p.95)

A organização política foi igualmente forte na Argentina, onde identificamos a construção do primeiro partido estruturado na América Latina, o Partido Socialista Operário Argentino, depois apenas Partido Socialista. Este foi produto de um processo de divulgação de ideias socialistas que começaram com a Associação de Mayo de Esteban Echeverria e depois fortalecidas pela chegada de imigrantes franceses, como Alejo Peynet, um dos representantes argentinos no Congresso Internacional Socialista em 1889, que fundou a II

Internacional Socialista. Outro grupo de exilados franceses, ex-combatentes da Comuna de Paris, como o deputado francês Emile Dumas, impulsionou círculos socialistas, assim como Aquiles Cambier, delegado nos Congressos da Internacional Socialista, o tipógrafo Bartolomé Victory, que publicou obras sobre os problemas sociais e o Socialismo, o Dr.Serafin Alvares, responsável pela publicação de panfletos socialistas antes da fundação do Partido. Também surgiu em Buenos Aires, formado por imigrantes alemães, o clube Vorwartz primeira organização do continente de origem marxista, representado no Congresso de fundação da II Internacional por Wilhelm Liebknecht (FORNET-BETANCOURT, idemp33).

Dessa maneira, a junção de grupos de imigrados Les Egaux franceses, do Fascio de Lavatore italiano, do Volwartz alemão , mais o nativo Agrupación Socialista deram origem ao Partido Obrero Internacional que, em 1895 com a adesão do Centro Socialista Universitário, é, então construído o Partido Socialista Operário Argentino, depois apenas Partido Socialista (PS). O intelectual José Ingenieros foi eleito como seu primeiro Secretário Geral), sendo depois substituído por Juan B. Justo.

Justo foi a liderança mais importante do PS argentino e o mais destacado socialista latino- americano. Oriundo de uma família da pequena burguesia, teve passagens pelo EUA e pela Europa. Leu, no estrangeiro a obra “ O Capital”, de Karl Marx, e foi o primeiro a fazer a tradução para o espanhol. Segundo Michel Lowy (1999) sua concepção de socialismo colocava no mesmo patamar Marx, Spencer e Conte. Lowy também lembra que Justo manteve-se dentro dos cânones traçados da II Internacional, que podem ser bem resumidos nessa passagem de Ingenieros. (Lowy, idem.p32)

A mi juicio esos países latino americanos tienen que pasar por más avanzadas de la evolución económica capitalista antes de sea posible la instauración de un regime socioal fundado em la propiedad socializada de lãs fuerzas productoras...Es hora de que los socialistas digamos bien alto lo que realidad pensamos, sin temer que nos llame conservadores, retrógrados,renegados o adormideras...En la República Argentina,los socialistas de

Junín se han dado modestissimo programa comunal, siguiendo lãs inspiraciones Del Dr Juan B Justo (...) en junin el programa no menciona la revolución social, ni tiende a socializar los medios de produccion, sino que trata simplismente aquellas reformas ventajas as para El pueblo trabajador, que son compatibles com la situacion presente de la comuna de junin (INGENIEROS apud ALBA, idem, p132)

O PS teve uma estrutura espetacular no período que vai de 1900 a 1918, quando se cindiu e criou-se o Partido Comunista da Argentina (PCA). Manteve um diário, “La Vanguardia”, uma revista teórica e periódicos em sete idiomas diferentes, várias escolas de ensino, uma universidade popular, bibliotecas, uma associação de socorro operário, uma cooperativa de crédito e trabalho, uma imensa força sindical que rivalizava com o sindicalismo amarelo e também com os anarco-sindicalistas, uma força parlamentar e teve uma penetração verdadeira no proletariado argentino.

O PS cresceu dentro do processo evolucionista da II Internacional, contando com a pressão exercida por baixo através das lutas sindicais e populares e, por cima, apresentando propostas de reforma do Estado através da ação parlamentar.

Durante duas décadas esteve ativamente envolvido em todas as lutas sociais que houve na Argentina, como nas greves de 1905, 1910 e 1913. Soube aproveitar a conjuntura econômica e política dos governos Roque Sans Pera e do Radical Hipólito Irigoyen para ampliar reformas como a universalização do voto secreto, redução da jornada de trabalho, descanso semanal, entre outras.

O PS, tal qual as seus co-irmãos européias, nutria uma fé estratégica na democracia burguesa. Quando eclodiu a I Guerra Mundial, a posição do PS era de defesa do comércio internacional da Argentina:

(...) en defensa de la efetividad de nuestro comercio internacional, sin la cual paralizariã la vida econõmica del pais (...) quieren solo asegurar la efectividad del comercio de la República a objeto de evitar um mayor ais lamiento

económico, la ruina nacional y la miséria de los trabajadores. (La Vanguardia, apud ALBA idem p. 137)

A conduta de Justo (e do grupo parlamentar) no congresso do PS de 1918, era quase de desinteresse diante da pauta aprovada, que defendia a neutralidade e a denúncia da guerra como imperialista. O grupo divergente criou outro órgão de imprensa, o jornal "La Internacional".

Com a Revolução Russa e o fim da I Guerra Mundial, o debate ficou mais candente entre os dois grupos políticos. O Senador pró III Internacional Del Valle Iberaceca, defendeu que era o momento de ampliar as aspirações operárias tendo em vista substituir a Democracia Parlamentar Burguesa pela Democracia Soviética Proletária. Justo respondeu a esta posição com críticas a qualquer forma de ditadura, a do proletariado em particular.

No Congresso Extraordinário do PS, os dois grupos voltaram a se digladiar, o grupo "La Internacional" se retirou do PS, fundando um pouco depois o Partido Socialista Internacionalista, e demandasse sua filiação como Sessão Argentina da III Internacional. Nesse ínterim o importante dirigente José Panelon foi enviado a Moscou para apresentar credenciais dos argentinos a III Internacional Comunista.

Pouco depois, em seu regresso, José Panelon propõem no I Congresso do PSI que este passasse a se chamar Partido Comunista da Argentina (PCA), Panelon foi até 1926 importante dirigente do PCA e também ocupou cargo no Comitê executivo do Comintern.

Reunião de Fundação do Partido Socialista Internacionalista, depois Partido Comunista da Argentina. Fonte(

<http://josefernandopenelon.blogspot.com.br/>)

C) Uruguai

No Uruguai o movimento sindical nasceu igualmente impulsionado pela imigração estrangeira, que trouxe, além das ideias anarquistas, também referências marxistas e socialistas. Assim, foi formado em 1870 a Sociedad Tipográfica em Montevideo e poucos anos depois, foi fundada a Federacion Obrera Regional de La Republica Oriental Del Uruguai.

Nos anos 1890 sucederam muitas greves e manifestações, bem como a fundação de sindicatos de carpinteiros, ferreiros, mecânicos e pintores, entre as outras associações. Do lado dos marxistas, em decorrência da fusão de vários círculos, surgiu no Uruguai, nos fins do Século XIX, o Centro Carlos Marx (CCM). Durante sua gestão o CCM realizou várias atividades de distribuição de panfletos e reuniões para a divulgação do pensamento socialista. O CCM, na verdade, acabou sendo o iniciador do Partido Socialista do Uruguai, fundado em fins de 1910. Neste mesmo ano lançou e elegeu seu principal líder, Emilio Frugoni, para o cargo de deputado.

No início de 1900 a eleição de Jose Batle y Ordenez proporcionou, com sua política distributiva, avanços nas organizações e no atendimento das reivindicações dos trabalhadores uruguaios. Isso levou os anarco sindicalistas a formarem o Federacion Obrera Regional Del Uruguai (FORU), semelhante a sua co-irmã argentina, FORA e os socialistas fundaram a Union General de Trabajores (UGT).

Os movimentos anarco sindicalistas começaram a perder espaço para os socialistas com a eleição do conservador Claudio Williman (1907), que manteve uma postura de austeridade econômica e de repressão ao movimento sindical. Os anarquistas não souberam resistir às investidas de Williman, enquanto os socialistas optaram por fazer gestões políticas pela volta de Batlle, o que ocorreu nas Eleições de 1911.

Durante a I Guerra Mundial os movimentos sindicais e populares, anarquistas e socialistas, se juntaram na luta para que o Uruguai resistisse às pressões dos EUA e da Entente em favor da guerra. Apesar das manifestações, o Uruguai se somou ao esforço de Guerra (ALEXANDER idem, p 81).

Na gestão do presidente José Batle, houve forte intervenção estatal, atraindo assim o interesse dos movimentos operários, pois atendia reivindicações

imediatas. O PSU aproveitou a ocasião para pautar na sociedade uruguaia, a questão da reforma agrária.

Nesse período o PSU teve grande participação junto aos sindicatos, disputando palmo a palmo com o anarco-sindicalismo. Sua atividade de propaganda era intensa divulgando o jornal diário "El Socialismo", promovendo cursos de formação política e processos de organização voltada a sua estruturação nos bairros pobres e proletários.

Quando da deflagração da I Guerra Mundial, o PSU por imensa maioria apoiou a posição Internacionalista de denúncia do caráter imperialista da Guerra e tentou, sem sucesso, evitar que o Uruguai participasse dela. Com a Revolução Russa e o fim da I Guerra o PSU cindiu-se, a maioria se converteu ao Partido Comunista do Uruguai em 1921. E a minoria, tendo o deputado Emílio Frugoni a frente, ao PSU.

1 de Maio em 1916, Montevideu Fonte PCU (<http://www.pcu.org.uy/el-partido/item/2-historia>)

D) Brasil

No fim do Século XIX, a transformação do trabalho escravo em trabalho livre e o desenvolvimento de uma pequena industrialização em cidades como Rio de Janeiro, São Paulo, Salvador, Recife, Porto Alegre e Santos possibilitaram a

construção das primeiras associações trabalhistas, animadas em sua maioria por imigrantes.

Desde a Independência (1822) se difundiam idéias socialistas utópicas no país, entre 1860 a 1900, diversos jornais socialistas foram lançados divulgando ideias socialistas utópicas, anarquistas e socialistas ligadas às I e depois a II Internacional.. Destacamos o jornal “Internacional Socialista” de Salvador, vários com o nome de o “Socialista” em Salvador, Rio de Janeiro e Paraisópolis (MG). Os mais conhecidos como “Avanti”, “La Bataglia”, “A Lanterna”, “Terra Livre”, todos editados em São Paulo, ou “A Guerra Social” do Rio de Janeiro publicado a partir de 1909. Além desses órgãos de imprensa existiram outros vários ligados às primeiras associações trabalhistas.

No período entre 1890 e 1914 foram abertas 7 mil indústrias no Brasil. Em 1890, na fábrica de Madalena no Recife, ocorre a primeira greve operária no Brasil. Neste mesmo período, também no Recife, o operário Teles Júnior apresentou à Assembléia Constituinte Provincial o primeiro Projeto de lei de jornada de 8 horas no Brasil. Data dessa época a constituição da União Operária de Santos, sob a liderança do engenheiro sergipano Silvério Fontes. Em 1892 foram realizados dois Congressos Socialistas, sendo um no Rio de Janeiro e outro em São Paulo.

No Jornal “A Questão Social”, Silvério Fontes, pioneiro do marxismo brasileiro, segundo Astrogildo Pereira, em 1895 proclamou Karl Marx como irmão e declarou-se adepto de suas ideias e da luta de classes. No mesmo ano foi realizada a primeira comemoração do 1º de Maio, em Santos (BANDEIRA, 1967, p. 15).

Nesse época a maioria das organizações trabalhistas estava sobre a hegemonia dos anarquistas. Em 1909 realizou-se o primeiro congresso da Confederação Operária Brasileira (COB), sob a liderança do operário gráfico Edgar Leurenroth, destacado dirigente sindical brasileiro durante décadas.

Em 1917, em São Paulo, ocorreu a primeira greve geral. O movimento iniciou-se contra a carestia produzida pela I Guerra, reivindicando aumento de salário e redução de jornada de trabalho. A forte repressão policial, que se seguiu, resultou na morte do líder anarquista Jose Martinez, provocando a generalização da greve em São Paulo e região, bem como paralisações em apoio nas cidades de Santos, Rio de Janeiro e Porto Alegre.

As constantes greves, com resultados muitas vezes não satisfatórios, provocaram intensos debates entre os ativistas. Nesse período foram fundados vários centros de discussão, jornais e partidos todos efêmeros. As manifestações contra a Guerra somavam anarquistas e socialistas e a eclosão da Revolução Russa fez com que houvesse um novo patamar de debate nos movimentos e entre suas lideranças. Del Roio destaca a defesa feita por Astrogildo Pereira da Revolução Russa de Outubro e de seu líder Lênin (DEL ROIO, 2005, p74).

Foi do mesmo Astrogildo Pereira e de Edgard Leuenroth a iniciativa de construírem, em 9 de março de 1919, o Partido Comunista do Brasil (PCB). A ideia de ambos simpatizantes da Revolução e dos Sovietes era constituir um partido que apoiasse a Revolução com características de movimento, sem enquadramento disciplinar Bolchevique e sem finalidade de ação Política. Na verdade era uma organização tipicamente anarquista. Conforme o movimento anarquista aprofundava suas contradições com a Revolução Russa, e suas lideranças se cindiam e surgiu três anos depois partido comunista, na rigorosa acepção do termo. (BANDEIRA, idem p.159)

A construção do PCB deu-se tanto pela junção de vários grupos anarquistas como de grupos comunistas, a exemplo do Coletivo Zumbi, de coletivos do Rio Grande do Sul, de Cruzeiro (SP) e também de setores ligados ao Partido Socialista.

Manifestação contra a morte do operário José Martinez, Fonte: IMAGEM & REVOLUÇÃO (<https://imagemerevolucao.wordpress.com/2010/04/29/grande-greve-e-a-morte-de-jose-i-martinez/>)

E) Chile

A organização dos trabalhadores chilenos data das manifestações realizadas pela efêmera Liga dos Iguais de Francisco Bilbao e Santiago Arcos. Emergiram dels várias associações de ajuda-mútua e depois associações sindicais.

Já na década de 1880 surgiu a primeira associação sindical, a Federación Santiago Watt, ligada aos trabalhadores das estradas de ferro. No mesmo período houve greve dos transportes em Santiago e no início do Século XX ocorreram as greves dos trabalhadores das docas, que geraram a intervenção da Marinha e, em 1907, o brutal massacre na cidade de Iquique.

Em 1909 surge a Gran Federacion Obrera de Chile, (GFOCh). A partir dessa época destacou-se a liderança do tipógrafo Luis Emilio Recabarren, que em 1917 propõe a reorganização da GFOCh em Federación Obrera de Chile (FOCr). (AILEXANDER, idem p118)

A estruturação das classes proletárias em organização política partidária amadureceu no Periódico "La Igualdade", editado por um coletivo animado por Malaquias Coube, que divulgava ideias socializantes no Partido Radical, em 1886. Pouco depois, o mesmo grupo, fundou a Sociedade de "La Igualdade" e após o Partido Democrata, uma composição de três alas: uma anarquista, outra socialista e a terceira liberal. Uma das tarefas colocadas a esse partido era a defesa dos interesses dos trabalhadores. Em 1894, o Partido Democrata elegeu seu primeiro deputado.. Mas em decorrência da luta interna dividiu-se, surgindo então agremiações efêmeras e também a Organização Fraternal Obrera e o Centro Sindical.

A partir da união de dois agrupamentos, em 1897, surge o Partido Socialista do Chile, que não consegue se estabilizar e se dividiu com alguns agrupamentos voltando ao Partido Democrata.

Em 1912, Luis Emílio Recabarren impulsionou a fundação do Partido Socialista Obrero (PSO) e a esse se somaram diversos outros grupos dispersos. A vida do líder Recabarren é uma mostra das dificuldades

enfrentadas pelos trabalhadores chilenos: foi líder da Foch, elegeu-se quatro vezes para o cargo de deputado e somente numa delas, em 1922, é que o Parlamento lhe outorgou o mandato.

Em 1915, o PSO conseguiu seu primeiro triunfo eleitoral, Viña del Mar Ramón Sepulveda foi eleito deputado. Recabarren e Sepulveda cumpriram destacado papel na luta contra a I Guerra Mundial e também tornaram-se entusiastas da Revolução Russa. Recabarren ainda ajudou a fundar o Partido Comunista da Argentina. No início dos anos 1920 viajou até a Rússia revolucionária, , No congresso do PSO de 1921 se tornou Partido Comunista do Chile (PCC) ligando-se a III Internacional Comunista e Viña del Mar Ramón Sepulveda foi eleito Secretário Geral.

Massacre de Iquique Fonte: Arquivo Nacional do Chile
(<http://www.archivonacional.cl/616/w3-article-37525.html>)

F) Cuba

Em Cuba o Movimento Operário começou no Século XIX, no fim do Período Colonial, impulsionado pela imigração de espanhóis e também pela construção das sedes de sindicatos espanhóis, como foi o caso do Sindicato do Tabaco. Naquele instante misturavam-se em Cuba ideias políticas sobre a Independência e a associação sindical.

Em 1892, por iniciativa dos anarco-sindicalistas, realizou-se o Congresso Regional Obrero, que exigia a Independência do país e jornada de trabalho de 8 horas. O movimento operário se envolveu na Segunda Guerra de Independência apoiando as ações de Maximo Gomes.

A Independência não alterou em muito a vida dos trabalhadores, o que decepcionou vários setores mais à esquerda, gerou uma nova onda de agitação política no início do Século XX, como atestam as movimentações entre os trabalhadores marítimos, da indústria de tabaco e ferroviários que realizaram importante greve em 1917 (ALEXANDER, idemp201; ALBA, idem p.105).

No plano organizativo as classes trabalhadoras começaram seu conjunto de ações nas lutas pela Independência. Em 1883, José Martí, um liberal com ideias sociais avançadas liderou o movimento de independência de Cuba, a ele, somaram-se pessoas importantes, entre elas, Carlos Baliño, jornalista e intelectual que aderiu ao Socialismo e ao marxismo.

Após a independência (1899), Carlos Baliño e o poeta Diogo Vicente Tejera fundaram o Clube de Propaganda Socialista e um pouco depois, em 1901, o Partido Popular que no período seguinte converteu-se no Partido Socialista Obrero (PSO), em 1905, e se filiou a II Internacional. No período seguinte surgiu também, através das atividades sindicais, o Partido Socialista Cubano (PSC).

A Guerra e a Revolução Russa animam a formação de um novo grupo de ativistas que defenderam a adesão do PSO à III Internacional Comunista, isso ocorreu em 1925, sob a liderança de Carlos Baliño e do Jovem estudante Júlio Antonio Mella e em seguida deu-se a transformação do PSO em Partido Comunista de Cuba. (PCC)

Jornal anunciando a morte de Mella. Fonte El Manchete (<https://www.google.com.br/search?q=julio+antonio+mella+fotos&biw=1280&bih=675&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ved=0ahUKEwip1uTKyY7KAhVIWpAKHUIRBCsQ7AkIPA&dpr=1#imgsrc=ceSd2mvafdn7PM%3A>)

G) México

No México, a partir da divulgação de ideias do Socialismo Utópico, foram se organizando núcleos socialistas, mutualistas, marxistas e anarquistas ligados à I Internacional dos trabalhadores na década de 1870. Nesse mesmo período surgem na cidade do México, as primeiras organizações sindicais que realizaram diversas greves por melhorias trabalhistas. Também na capital foi constituído o Centro de Sociedades Obreras (CSO). O movimento sindical cresceu bastante nos governos reformistas de Benito Juárez e Lerdo Tejano. Com o golpe de Porfilio Díaz, em 1876, o movimento sindical passou a ser perseguido e a sua recém-criada central sindical a Gran Confederacion de Assoaciones de Trabajadores de La Republica Mexicana (GCATRM): é praticamente destruída pela brutal repressão sobre o movimento sindical e as greves tratadas sem piedade.

No início do Século XX o movimento voltou a crescer e com a derrubada da Ditadura Díaz, pela Revolução Mexicana (1910). E ganhou impulso durante o Governo de Francisco Madero, a reorganização de sindicatos e retomada das

ações reivindicativas e partir também da liderança de Luis Morales apoiado pelo Partido Liberal de Flores Margon de inspiração anarquista.

Houve a construção da Casa Obrera Mundial (COM) inspirada na Industrial Workers of World (IWW) do marxista estadunidense Daniel de Leon, em 1913, Com o assassinato de Madero e a instalação da Ditadura do General Victoriano Huerta. Todas as forças contrárias à ditadura se uniram lideradas por Venustiano Carranza, Pancho Villa e Emiliano Zapata: havia o reconhecimento de Carranza como a maior força e líder da luta e assim, após derrotar Huerta tornou-se presidente.

Não tendo as reivindicações camponesas atendidas, Zapata e Villa uniram-se contra Carranza e iniciou-se nova guerra civil.

A COM dividiu-se, sendo que a minoria apoiou Villa e Zapata e a maioria fez acordo com Carranza, com base no atendimento de reivindicações históricas dos trabalhadores e maior liberdade sindical.

As relações entre a COM e Carranza foram tensas. Esse reprimiu com mão de ferro a greve dos eletricitários condenando seus dirigentes à morte, depois foram indultados pela ação de Alvaro Obregon .

Após a guerra civil, em 1918, foi criada a Confederación Regional Obrera Mexicana (CROM), tendo Luis Morales como seu Secretario Geral. O Governo do General Alvaro Obregon foi amplamente favorável às relações políticas com a CROM e levou adiante boa parte de suas demandas com respeito à jornada, horário, etc. O que levou muitos dos dirigentes das CROM para a assumirem postos importantes no governo revolucionário de Obregon e depois de Lázaro Cardenas.

No campo da organização política, deu-se uma evolução mais lenta, no México. O Socialismo com os pensadores utópicos misturou-se com as várias demandas sociais mexicanas. Em 1878 surgiu um partido socialista que foi destruído pela ditadura Diaz: com a Revolução vários grupos socialistas se formaram e contribuíram com os anarco-sindicalistas para implementar de direitos trabalhistas.

A Guerra e a Revolução Russa possibilitaram o surgimento de um movimento comunista, graças a atuação dos importantes militantes como o japonês Sem Katayana e o indiano Manabendra Math Roy. É a partir da iniciativa desses, e

outros militantes (a maioria exilados) foi fundado em 1919 o Partido Comunista do México.

Congresso Socialista em Amsterdam, 1904. Mesa diretora: Sem Katayama, Rosa de Luxemburgo, Karl Kaustky, Victor Adler, Georgii Plekhanov,, Edouard Vaillant; Fonte Nuestra Tribuna (<http://www.nuevatribuna.es/articulo/cultura---ocio/inicio-socialismo-suiza/20140827120304106553.html>)

H) Informação sobre a organização de outros partidos comunistas

Apesar dos partidos da Argentina, Brasil, Uruguai, Chile, Cuba e México serem considerados os principais da América Latina, houve outros partidos comunistas importantes em seus países, expressando o ponto de vista e a divulgação de seus projetos teóricos.

Muitas vezes como o caso da Costa Rica, El Salvador e Equador tiveram abrangência política maior junto às classes proletárias do que o mexicano ou argentino. Outros como os da Nicarágua, Bolívia foram criados depois do Comintern.

No caso da Bolívia, Nicarágua também, Venezuela, Equador e Colômbia, os comunistas atuaram no seio de partidos trabalhistas, nacionalistas e socialistas. No caso do Panamá, o partido foi fundado como Partido do Povo Panamenho, na Guatemala durante o período de 1922 a 1930, houve um esforço militante de construir um partido único centro americano (BAO 2011, pag 440/1)

Paraguai,

O movimento comunista paraguaio começa a estruturar-se a partir do Comitê de Ação Social, fundado em 1924 por estudantes e operários. Esse coletivo se faz representar no V Congresso da III Internacional e se organizou enquanto seção da IC. Será a partir deste grupo que em 1928 se fundou o Partido Comunista Paraguai.

O PCP sempre foi diminuto e muito perseguido pelas constantes ditaduras paraguaias: teve papel destacado na denuncia da Guerra do Chaco (conflito fronteira entre Paraguai e Bolívia, 1932-35) e na luta favorável a direitos trabalhistas e sociais.

Em 1936, quando ocorre a Revolução de Fevereiro, liderada pelo Coronel Rafael Franco, o PCP colaborou com o Governo que atendeu várias reivindicações dos trabalhadores e camponeses, como a reforma agrária. No ano seguinte o Governo Franco é deposto e o PCP, viveu praticamente até 2012 na clandestinidade.

Bolívia

Na Bolívia, não houve partido comunista durante a vigência do Comintern. Nesse período os militantes comunistas atuavam no Partido Laborista, existia a

um grupo que se proclamava simpatizantes da IC, mas só vieram a constituir um partido em 1950

Peru

Desde a década de 1910 que o Peru foi sacudido por várias manifestações operárias e também pela influência do Manifesto dos Estudantes de Córdoba, Do conjunto dessas manifestações e idéias nasceram várias publicações, uma Universidade Livre, sindicatos e a Ação Popular Revolucionária Americana (APRA), movimento antiimperialista animado pelo então jovem Haia de La Torre.

Os Comunistas peruanos foram organizados a partir da ação de importantes intelectuais como Hugo Pesce, Palmiro Maquiavelo, José Carlos Mariategui e o líder sindical Júlio Portocarrero que compuseram uma célula comunista dentro do movimento APRA.

Quando este movimento se converteu em partido nacional, os grupos comunistas liderados por Mariategui fundaram o Partido Socialista do Peru (PSP), depois na década de 1930, foi rebatizado como Partido Comunista do Peru. O PCP teve pouco peso na vida política peruano. Todavia destaca-se o nome de Endocle Revines, que foi importante dirigente do Comintenr, realizando várias tarefas no continente. No fim da vida, tornou-se anti-comunista fanático.

Célula dos sete fundadores do PS Peruano, Mariátegui em convalescência

Fonte Gran Combo Club
(<https://www.google.com.br/imgres?imgurl=http://grancomboclub.com/wp->

content/uploads/2010/01/paseos1.png&imgrefurl=http://grancomboclub.com/page/59&h=627&w=942&tbnid=7gw31dfo_1fwZM:&docid=D6hVJTAhSFoj9M&ei=gpKJVquUNMqnwAS_kKiICw&tbm=isch&ved=0ahUKEwir3dT-yo7KAhXKE5AKHT8ICrEQMwgVKBwEg)

Equador

Também no Equador houve muitas greves entre 1918 à 1922, que foi se constituíram uma vanguarda simpatizante ao Comintern . A Revolução Juliana, que depôs o Governo de Francisco Jado ampliou o horizonte político dentro do país, amadureceu a vanguarda comunista que estava ligada ao Partido Socialista.

Ricardo Paredes, principal liderança do grupo marxista, participa do VI congresso da IC e pede o reconhecimento do núcleo do PS como simpatizante da IC, o que é aceito. Um pouco antes, em 1926 é fundado o Partido Comunista do Equador e em 1931, reconhecido como membro da IC.

Paredes, foi candidato a presidente do Equador, também foi um dos fundadores da Federación Ecuatoriana de Indios (FEI), pelo qual foi eleito deputado federal

Ricardo Paredes, congresso do PCE . Fonte PCE (http://www.pcecuador.org/page/index.php?option=com_phocagallery&view=category&id=0&Itemid=124)

Colômbia

As grandes greves camponesas da década de 1920, em especial do trabalhadores bananeiros faz com a os sindicalistas tomem a iniciativa de construir o Partido Socialista Revolucionário, este agrupamento tinha três linhas políticas, uma ligado as ideias socialistas, outro a ideias liberais e o terceiro as ideias postuladas pela IC. Em 1926, após a Conferência da Internacional Sindical, é fundado o Partido Comunista da Colômbia.

Venezuela

A Venezuela vivia na década de 1920, a ditadura Juan Vicente Gomez. Um grupo de exilados, funda no México o Partido Socialista Revolucionário (PSR) em 1927, são simpatizantes da Terceira Internacional e travam por ali contato com o PCM, depois alguns de seus fundadores, junto com o General Rafael Simón Urbina, tentam um *putsch* partindo da colônia holandesa de Curaçao e para invasão da Venezuela, foram rapidamente derrotados. Em 1931, os militantes que não foram mortos ou presos, fundaram o Partido Comunista da Venezuela. O PCV não logrou influência no cenário político. Ficou conhecido pelo grande expurgo no inícios dos anos de 1930, que o Comintern realizou em suas fileiras para se constituir em exemplo dentro das Seções Regionais.

Panamá

Havia na década de 1920 no Panamá um grupo de comunistas que atuava no interior do Partido Laborista, eles publicavam o periódico “El Mazo”. Em 1929, participaram do Encontro Latino Americano de Partidos Comunistas e em 1930 é fundado, por eles, o Partido Comunista do Panamá que se juntou a IC. Durante o período do Comintern, inexpressivo, ganhou alguma influência na propaganda contra II guerra

Honduras

O Partido Comunista de Honduras é organizado em 1922. Nos primeiros anos de existência, teve pequena influência política na vida social do país. Na década de 1930, passou a ter atuação significativa perante aos camponeses e os plantadores de banana porém, a ditadura do General Tibúrcio Carias Andino, praticamente liquidou a pequena atuação do PCH na vida política. Diversos de seus militantes foram presos e muitos assassinados.

Costa Rica

Os comunistas da Costa Rica seguiram a orientação dada pelo IV Congresso e constituíram um Bloco Operário-Camponês. E com isso obtiveram certa influência no cenário político local, colhendo além do apoio de trabalhadores e camponeses a proximidade com intelectuais. Em 1931, o Partido Comunista da Costa Rica. Seu principal líder, o advogado Manuel Mora Valverde, foi eleito deputado na década de 1930. Era um político carismático e popular, foi responsável por apresentar no parlamento leis de proteção ao trabalho o que lhe conferiu notoriedade entre os trabalhadores, sendo declarado após sua morte, herói nacional.

O PC da Costa Rica teve relativa influência e a perseguição, buscou criar uma abordagem autônoma, tentou criar um modelo de comunismo local “de La tica” baseado nas tradições indígenas, que tinha como principais animadores setores comunistas do México como Diego Rivera e o próprio Manuel Mora Valverde. Em 1943 se diluiu numa aliança com os sociais-cristão e formaram o partido “Vanguardia Popular”

Guatemala

Nesse país, os movimentos sindicais realizaram nos anos de 1920, intensa luta pelo reconhecimento de direito sindical e direito de greve e outros. Visavam derrubar também a Ditadura de Manuel Estrada Cabrera. E após queda do regime, os Governos que se seguiram, dos generais José María Orellana e Lázaro Chacón, frustraram as expectativas criadas antes nos regimes liberais. Alguns grupos, por influência dos comunistas mexicanos, aproximaram-se do Comunismo e fundaram o Partido Comunista Guatemalteco em 1922. Tratava-se de um partido que aglutinava além de comunistas, sindicalistas, anarquistas

e socialistas. E teve que passar por uma intensa luta interna para consolidar-se enquanto agrupamento político bolchevizado.

Nos anos 1930, o PCG lançou a proposta de construir um partido centro Americano, que agruparia, numa única seção guatemaltecos, equatorianos, hondurenhos, nicaraguense e panamenhos. O projeto foi levado à frente e sucederam várias reuniões. É importante ressaltar: que esse projeto ia contra a interpretação corrente de nacionalidade, vigente no VI Congresso, onde cada nacionalidade deveria ter o seu próprio território nacional. (Bao, idem p.440)

El Salvador e Nicarágua

Não aconteceu na Nicarágua um núcleo comunista organizado até 1967, mas mesmo assim o país foi invadido em 1926 pelos EUA tendo como justificativa o perigo comunista.

Na verdade, tratava-se de uma série de manifestações de parte das classes dominantes descontente com o governo e o Estado. Dois grupos apresentavam-se entre pró e contra o Governo Adolfo Díaz . Augusto Sandino morava no México retorna e alia-se ao grupo dissidente do General Mocando, enfrentando o exército do Ditador e os *marines* dos EUAs.

Em 1929, somou-se ao grupo militar de Sandino, o militante comunista salvadorenho José Augusto Farabundo Martí, que se tornou seu secretário. Farabundo Martí era um dos fundadores do Partido Comunista Centro Americano e responsável pela Liga Anti-Imperialista e pelo Socorro Vermelho. Um pouco mais tarde, surgem diferenças entre os dois e Martí volta para El Salvador, onde funda o Partido Comunista de El Salvador.

Em El Salvador, nessa época , havia descontentamento as camadas mais pobres, os camponeses e soldados. Esse desagrado aumentou com o golpe de Estado dado pelo general Maximiliano Hernández Martínez em 1932. O PCS denuncia nas eleições municipais a inconstitucionalidade e a Ditadura e conclama o povo para o combate.

Assim, o PCS , opta, em janeiro de 1932, por um levante popular e em 22 de janeiro toma iniciativa armando os camponeses e trabalhadores. O movimento

conquistou algumas pequenas cidades e guarnições, contudo foram facilmente derrotados pelo Exército de Martinez.

Farabundo Marti e outros líderes, foram presos e sentenciados a morte e executados no primeiro de fevereiro de 1932, viria ser anos mais tarde, um dos inspiradores do Ascenso popular na Nicaragua e El Savador.

Farabundi Marti: biografias y vidas
(http://www.biografiasyvidas.com/biografia/m/marti_farabundo.htm)

IV Capitulo

Internacional Comunista e a América Latina

A) Os Congressos da IC e a Questão Colonial

O processo de construção da III Internacional - a Internacional Comunista (Comintern)- é um processo de continuidade e ruptura com todas as formas de organização que perpassaram na história do Socialismo e do movimento proletário (AGOSTI, 1988, p.48).

Se os meios organizativos da I e II Internacional eram federativos, sem uma linha política definida e sem um corpo ideológico programático claro, a III Internacional se apresenta como um Partido Único da Revolução Mundial: o corpo doutrinário seria o Marxismo e a linha programática a derrota do Capitalismo e do mundo burguês.

A missão da III Internacional, portando é a derrubada da burguesia e a construção do Socialismo e depois do Comunismo. Dessa maneira, foi estruturada de modo centralizado, com graus de segredos e uma sólida estrutura clandestina.

“La internacional reconoce que para acelerar la Victoria, la Asociación de Trabajadores, la cual lucha por aniquilar El Capitalismo y crear el comunismo, debe tener una organización fuertemente centralizada. La Internacional Comunista debe, e hecho y de verdad ser un Partido Comunista Único en el mundo entero. Los partidos que Trabajan en los distintos países no son sino sin secciones separadas “ (DEGRAS, abud CABALLERO, 1989 p. 21)

Ou ainda como reza nos estatutos da IC

“El objetivo.de la internacional Comunista es el luchar por todos los médios posibles, incluso la lucha armada, por el derrocamiento de la burguesia internacional y por la creación de una República Internacional Soviética como etapa de la transición hacia la abolición completa del Estado”.. (Los Quatos, idem p.104)

A estrutura do Comintern desenvolveu-se de acordo com as necessidades históricas que foram se apresentando a seu projeto político. E foi conquistando adeptos e aliados conforme o foco das necessidades de se construir como força revolucionária. A primeira esperança do Comintern era o levante revolucionário Europeu (BROUÉ idem p19). Quando essa onda reflui o

Comintern passa ampliar o leque de suas ações e pensar outras variantes do sistema e abre o debate sobre a Questão Colonial e Semi-colonial.

Pela leitura feita no II Congresso, o elo mais fraco do Sistema Capitalista não estaria nos seus principais países como Inglaterra, Alemanha, França, Japão ou EUA.. O elo que abalaria o Capitalismo imperialista estaria nas colônias e nas semi-colônias. Dessa maneira, o Comintern começa a desenvolver relações com os povos não-europeus e com países e populações da periferia do Capitalismo central.

Realizou-se assim um esforço para superar o Eurocentrismo e o evolucionismo predominante nos Congressos, Plenos e na mentalidade da I e II Internacional.

Já no primeiro Congresso, Lênin enfatizou que a III Internacional estava disposta a trabalhar junto com os povos das colônias, independente de serem ou não marxistas e, ficou assinalado na resolução final deste Congresso, que o Comintern apoiava a luta de emancipação dos povos colonizados.

No II Congresso, o enfoque é aprofundado e merece uma comissão para discutir o tema. Dessa comissão participam Lênin, Ho Chi Mim, Seratti e Roy, e é a partir de então que o problema colonial ganha destaque e torna-se tema como Questão Oriental.

O centro do debate foi observar que as Revoluções Democráticas bem como o seu conteúdo político tinham caráter difuso e distante do modelo europeu. Segundo Broué foi então que se optou pela fórmula de Movimentos Nacionais Revolucionários, pois entendia-se que o conteúdo de classe e de alianças e programas respeitavam e traduziam níveis de processos internos distintos. No ponto de vista de Caballero foi:

“uno os escasos momentos en que que los intereses nacionales rusos y la lucha de los pueblos coloniales coincidieron al punto de inponer al Comintern. El inimigo fundamental del comintern (asi como de la Revolución en Europa) era la Gran Bretaña quin era a la veze el grande império colonial, el amo de Asia. A su vez, Rusia era – o havia sido – uma potencia colonial y una potencia “oriental”. El Comintern decidió entoncer dar a esos publos um buen ejemplo del ‘del lado opuesto’ Del colonialismo uma revolución de la metrópoli cuyos

dirigentes lhamaban a sus antiguos esclavos' a rebelarse también contra ellos ..." (CABALLERO, 1989 p43)

Decorre desse segundo encontro o esforço para organizar o Congresso dos Povos de Baku, que buscou articular ação comum com movimentos nacionais em especial dos povos árabes e chinês.

No III Congresso, a questão colonial esteve praticamente ausente nos debates, segundo Broué, Caballero e Claudin, os acordos firmados entre a isolada URSS, a Grã-Bretanha e Turquia fizeram com que a preocupação com a questão colonial fosse deixada de lado, o que rendeu protesto de Manabendra Nath Roy.

No IV Congresso, a Questão Colonial volta à cena, com destaque para a participação de Roy, esse intervém explicitando que a situação colonial era heterogenia e que havia colônias com burguesias desenvolvidas e outras com pequenas movimentações de nacionalismo burguês e ainda aquelas em que a formação burguesa era incipiente.

Também é aprovada uma carta aos trabalhadores da Índia e Turquia, e, novamente, é inserida no debate a questão das populações negras, que já havia sido mencionada no II Congresso por John Reed.

No V Congresso entra em cena a questão do partido chinês Kuomintang e sua aliança com a III Internacional. Esse partido nacionalista chinês é apresentado como modelo que deve servir a todos os movimentos e partidos revolucionários das colônias.

A experiência chinesa foi generalizada para todos os movimentos comunistas nas colônias e semi-colônias, uma ampliação da Política de Frente Única buscando repetir o modelo das quatro classes sociais que compunham Kuomintang: burguesia nacional, pequena burguesia, campesinato e proletariado. O centro da ação política e o inimigo comum eram o Feudalismo e a burguesia imperialista.

No VI Congresso, refletiu o momento de mudança na política de alianças com o Kuomintang, após a morte de Sun Yat-Sen, a nova direção política promoveu um giro à Direita. Em decorrência disso promoveu um verdadeira chacina no proletariado organizado, em especial aos militantes comunistas. Trotsky e seus aliados, já aliçados da direção e dos principais fóruns do partido

bolchevique e da Internacional, e fazem profundas críticas à direção que Stálin implementou na China. Em linhas gerais, apontavam que o acirramento da luta de classes aproximava a burguesia nacional do Imperialismo e que isso significava reação conjunta contra as classes trabalhadoras e que fora um erro o bloco das quatro classes.

Como resposta houve a viragem tática na política da IC, inaugurando-se a Política de Terceiro Período, onde se anunciou a crise catastrófica do Capitalismo e a tática a adotar seria de Classe contra Classe.

Por esta avaliação concluía-se que o capitalismo estava em sua crise final e que a próxima crise seria o término do capitalismo. Com isso, a política de alianças com setores da burguesia nacional, com a pequena burguesia urbana e com o campesinato é vista com desconfiança e não recomendada.

Também neste momento é que se deu à famosa “descoberta” da América por parte do Comintern. Houve a primeira reunião entre diferentes delegados da América Latina, merecendo um relatório exposto por Jules Humbert-Droz. o capitalismo e o imperialismo estadunidense entraram na pauta. e Bukharin, então no Presídium da III Internacional, faz crítica à invasão da Nicarágua pelos EUA. Eugeni Varga, iminente economista do Comintern, expôs em seu informe ao Congresso que os EUA futuramente seria o mais importante e o principal adversário político da URSS e da Internacional Comunista (VI Congresso, idem p 89) .

Destaca-se neste Congresso o debate entre Manabendra Nath Roy, que sustenta o ponto de vista cauteloso na participação das burguesias nacionais nos movimentos de libertação nacional, já que em muitos casos, movimentos nacionais liderados pela burguesia colonial ou semi-colonial mostraram proximidades e alianças com o imperialismo, e Dmitri Zająrovich Manuisky, que defendia à posição favorável a promoção de insurreições populares contra o Imperialismo. As teses de Manuisky são aprovadas e o mesmo substituirá Bukharin no Praesidium do Comintern. Também é a primeira vez que a América Latina é tratada no congresso, merecendo um relatório exposto por Jules Humbert-Droz.

No VII e último Congresso da IC, os problemas coloniais foram tratados um mês antes dele acontecer, quando se realizou o III Encontro dos comunistas da América Latina. Nesse congresso, o Partido Comunista do Brasil (PCB) e a

Aliança Nacional Libertadora são apresentados pelo orador chinês Wang Ming como exemplos aos demais países da América Latina.

Também destacou-se neste Congresso a mudança da linha de Classe contra Classe para a linha de Frentes de Unidades Populares e a aliança com todos os setores que se contrapunham a guerra anunciada pela Alemanha e pelos fascistas. Nesse Congresso a centralização política-partidária entre o Comintern e as suas seções também é flexibilizada e as relações entre as seções nacionais e a IC.

OS ORGANISMOS DA INTERNACIONAL e a AMÉRICA LATINA

O desenvolvimento das ideias do Comunismo da III Internacional na América Latina é cercada de altos e baixos, que vão desde os primeiros pensadores socialistas utópicos aos primeiros agrupamentos anarquistas e anarco-sindicalistas, passando pela constituição dos Partidos Socialistas até desembocar na organização dos Partidos Comunistas e depois na formação de um Secretariado Latino- Americano.

Isso tudo é margeado por processos integrados que têm como principal lastro a industrialização de determinados países e a formação de um proletariado organizado em clubes, associações, organizações, imprensas, sindicatos, tendências e partidos.

O processo é descontínuo e, salvo raras exceções, não guardará qualquer intercâmbio entre as organizações de países vizinhos, portanto a passagem entre os vários processos históricos será tênue e terá pouco acúmulo.

E o movimento comunista latino americano se fortaleceu com influência e do impacto da Revolução Russa, promovendo uma ruptura com os outros agrupamentos socialistas e anarquistas (KOVAL, 1980, p 139/140).

O contato com a Internacional Comunista se deu amiúde primeiro no México através da ação de Roy e San Kataiama (BROUE, 2004), na América do Sul através de Panelón e Recabarren, e depois disso vieram os primeiros Emissários (DEL ROIO, 2003, p.82 e PINHEIRO, 1991, p17).

Houve esforços dos comunistas latinos de se mobilizarem e participarem dos congressos e dos fóruns animados pelos comunistas. Estiveram presentes desde o II Congresso da Internacional, na Reunião dos Sindicalistas Vermelhos, no Congresso Antiimperialista de Bruxela e foi a partir de 1926 que a Internacional Comunista tomou a iniciativa de criar um Secretariado voltado à compreensão e organização dos comunistas latino-americanos.

SECRETARIADO SUL AMERICANO

Michel Lowy aponta em seu livro *“Marxismo na América Latina”* os dois primeiros documentos feitos pela IC sobre a América Latina. O primeiro é de 1921 e o outro de 1923.

No primeiro texto temos uma análise geral do crescimento do Imperialismo estadunidense e o modo como este estava deslocando o Capitalismo inglês e demais expoentes do Capitalismo e dominando as América, em seguida explica que as independências dos povos pequenos são formalidades que podem ser violadas a qualquer momento como já tinha ocorrido em São Domingos, Nicarágua, Haiti e outros países. Logo depois observa-se que é importante construir partidos comunistas autênticos, capazes de organizar o nascente proletariado e de promover a agitação junto ao campesinato.

O texto salienta a importância dessa aliança explicando que revoluções como no México só serviam para substituir o grupo hegemônico, mas não a política e a exploração burguesa. O texto segue explicando que qualquer revolução na América terá que ser combinada com o proletariado estadunidense, pois do contrário provocará a intervenção militar e política dos EUA. Conclui.

“A Revolução em nossos países, combinando com a revolução proletária nos EUA, este é o lema do proletariado revolucionário e do campesinato pobre da América do Sul “ (LOWY, idem p 80).

O Segundo Texto, feito por decisão do IV Congresso, explica o fortalecimento do imperialismo estadunidense como sendo o mais robusto do mundo. Observa que as ações revolucionárias latino-americanas devem ter como escopo a organização e o fortalecimento dos laços com os camponeses e buscar apoio do proletariado revolucionário estadunidense. Por fim conclama a construção de partidos comunistas e a sua vinculação com a III Internacional.

Esses foram os dois primeiros documentos. Pode-se perceber que são bem genéricos na sua abordagem e pouco além da propaganda e sinalização aos grupos comunistas ou simpatizantes do comunismo que estavam começando a se organizar na América Latina.

O contato primeiro dar-se-á através de Mikhail Borundin, que havia sido encarregado de vender joias nos EUA para arrecadar dinheiro para a Revolução Russa. Ele vai até o México e faz contato com Roy e o convida a fundar um Partido Comunista no México. Pinheiro também menciona um Emissário que esteve no Rio de Janeiro e conversou com o importante líder operário anarquista, Edgard Leuenroth, que lhe indicou o contato com Astrogildo Pereira (PINHEIRO, 1991, p. 30). O interessante é não mencionar nada a respeito de contatos com grupos comunistas da Argentina, Chile e Uruguai.

BUREAU AMERICANO

O processo de organização política dos países latino-americanos vai ocorrendo aos poucos e tem como início o Encontro de Amsterdam e a criação do *Bureau Latino*. Deste fariam parte os países de língua latina como França, Espanha, Portugal e Itália. Por sua vez, este foi estendido aos países latino-americanos. Porém não há registro de seu funcionamento enquanto órgão latino americano. (BROUÉ. Idem p116).

BUREAU PANAMERICANO NO MÉXICO

Apesar da pouca duração do *Bureau* de Amsterdam, houve tempo suficiente para que fosse aprovado e criado o *Bureau* Panamericano, que teria sede no México. A ideia visava: o primeiro, a proximidade com o Partido Comunista dos EUA; segundo abrigar no México vários refugiados políticos, em sua maioria estadunidenses, que militaram contra a entrada dos EUA na I Guerra Mundial e, terceiro, o fato de México ter um clima político aberto e democrático, fruto da recente Revolução vitoriosa do Campesinato.

O *Bureau* foi fundado em 1920 e chegou a publicar quatros números do “Boletim Comunista”, seu órgão de divulgação.

BUREAU LATINO-AMERICANO de MOSCOU

O Secretariado Latino, onde se discutia assuntos tangentes à França, Espanha, Portugal e Itália tratava também de assuntos pertinentes a América Latina.

Na fundação do PCB, Abílio Negrete esteve presente representando o Secretariado Latino-Americano. Também foi nessa Comissão que o caso PCB e seu delegado, Antonio Canelas, foi tratados em dezembro de 1922, quando se decidiu aceitar essa agremiação como simpatizante. Outros assuntos como a divergência interna do Partido Comunista da Argentina entre a sua direção e a sua ala Esquerda também foram tratadas.

Em 1924, no V Congresso resolveu-se fundar o Secretariado Sul-Americano

Carta de Negrete e Pereira apresentando os delegados ao IV Congresso da III Interncional. Fonte CEDEM / UNESP.

SECRETARIADO SUL AMERICANO

A fim de aprofundar o conhecimento sobre a América Latina, o V Congresso de 1924 deliberou a necessidade de constituir um Secretariado Latino Americano, assim inicia-se a “Descoberta da América” pela IC.

José Panelon, membro da Executiva do Comintern, ficou responsável pelo órgão e passou a editar a revista “La Correspondência Sudamericana”. Ainda no V Congresso foi constituída uma Comissão inicial de estudo.

“Sob a presidência de Andrés Nin, foi constituída uma comissão para a América Latina, onde os delegados dos PC's desta reunião participariam na condição de informantes (...) A Comissão propôs ainda a publicação de uma revista especial para os países latino-americanos (ZAIDAN, 1988 p28).”

A ideia central era capacitar os militantes dos PC's latinos e “prometia ainda informação e estudos especiais sobre os problemas latino-americanos” (ZAIDAN. Idem p30). Isso é quando iniciou-se a bolchevização e a ideia fundamental era que os militantes (latino americanos) deviam se comportar como bolcheviques e capacitar os PC's dentro de uma formação leninista, O número primeiro de “La Correspondencia Sudamericana” trazia a epigrafe de Lenin “ Sin teoria revolucionária no hay movimiento revolucionário, solo si esta dirigido por uma teoria de vanguardia es El que El partido puede jugar un papel de vanguardia” (La Correspondencia Sudamericana, n1, 15 de abril de 1926. P1) Igualmente na mesma edição alertava:

“ NO se trata de teorizar subjetivamente sobre los problemas de otros partidos, sino saber de saber sacar de ellos las experiencias para aplicarlas a nuestros países, nuestro próprio medio” (idem p.1)

A maioria do Secretariado era composta de argentinos, como reclamou Canelas (ZAIDAN. Idem, p26). Em 1927, José Panelon é afastado do Secretariado e do Comintern, após perder a luta interna no PCA, sendo em seguida expulso. É substituído por Rodolfo Ghioldi.

O Secretariado Sul Americano será responsável pelo Encontro de Partidos filiados e simpatizantes de Buenos Aires em 1929 e pelo Encontro Sindical desse mesmo ano em Montevideu.

BUREAU DO CARIBE

O Bureau do Caribe praticamente não saiu do papel. Houve a produção de um boletim, o “El Comunista”, mas não há qualquer menção de atividade ou de existência real.

BUREAU SUL-AMERICANO

Após promover o encontro de partidos e sindicalistas, o Secretariado tem sua estrutura mudada para *Bureau* Sul-Americano. Isso ocorre em 1930, e igualmente a revista “La Correspondência Sul Americana” deixa de ser publicada, surgindo em seu lugar a revista “Comunista”, que seria um órgão dedicado a assuntos teóricos.

Contudo tal publicação mostrou-se menos assídua que a sua anterior, saindo apenas quatro vezes em nove meses, enquanto a anterior mantinha uma periodicidade quinzenal. (HENN, idem p 157)

Os textos eram análises locais e regionais feitas pelos PC's, além dos textos de Josef Stalin. Essa mudança de nomenclatura marca o domínio do núcleo Estalinista na América Latina, formado centralmente por Rodolfo Ghioldi e Victório Codovilla..

As atividades do *Bureau* eram clandestinas, pois estavam acima de tudo ligadas ao aparato clandestino dos PC's e do Comintern e faziam parte da lógica de que a ação comunista visava a derrubada do poder burguês em qualquer país, portanto não havendo motivo algum de torná-las públicas. E deve se mencionar que há dúvidas sobre seu funcionamento do Bureau após 1935 (Henn. Idem. P 187)

PARTICIPAÇÃO DA AMÉRICA LATINA na INTERNACIONAL COMUNISTA

Mesmo já existindo um partido que reivindicava sua entrada na Internacional Comunista, o PSI argentino, não houve no I Congresso participação latino-americana².

Já no II Congresso, o PC do México enviou três delegados, destacando-se o fato de nenhum ser nativo do México. Contou também presença do Partido Comunista da Argentina. Cabellero chama atenção para o fato que a primeira vez que se mencionou a América Latina na Internacional não foi pela Bancada Mexicana e sim pelo delegado estadunidense Louis C. Fraina, um dos responsáveis pela publicação do Primeiro Manifesto aos Operários Latino-Americanos.

Já no III Congresso havia, além da Delegação Mexicana, um representante da Juventude e também a participação da Delegação argentina.

No IV Congresso houve delegação dos Partidos da Argentina, Uruguai, Chile, Brasil e México. Esse é o momento que ocorre o famoso episódio envolvendo o delegado brasileiro Antonio Canelas.

No V Congresso estiveram presentes delegações do México, Brasil e Argentina e no VI Congresso, pela primeira vez, é pautada a América Latina, como salientou Bukharin em seu Discurso de Abertura. Um representante do Brasil e outro do México foram convidados a fazerem o Discurso de Abertura ao lado de partidos importantes como Alemanha, China, Japão e Índia.

Estiveram presentes nesse congresso representantes e delegados da Argentina, Uruguai, Chile, Paraguai, Equador, Colômbia, Venezuela e México. Também estiveram representantes do Peru e Cuba, que não conseguiram chegar a tempo para o Congresso.

Segundo Victor Alba (ALBA. Idem,p198), houve uma reunião entre os representantes e delegados latinos com a presença de Alexander Losovsky por ocasião do X Aniversário da Revolução Russa. Já nos estudos de Claudín

² Há levantamentos que apontam a representação do PSI argentino através da bancada italiana do PSI, mas é muito pouco provável.

e Caballero, esse Encontro não poderia ter sido realizado, pois não existia liberdade para essas ações regionais, por parte da direção do Comintern.

No VII Congresso estiveram presentes delegações da Argentina, Brasil, Chile, Venezuela, Colômbia, Cuba e México. E um mês antes do Congresso foi promovido o III Encontro de Partidos Comunistas da América do Sul.

Conforme foi se esvaziando o sentido da Internacional, também foram deixando de acontecer Reuniões, Plenos da executiva. Após o XIII Pleno da Executiva, que elegeu a direção do Comintern do VII Congresso, não aconteceram mais reuniões até o fim da Internacional.

PARTICIPAÇÃO DA AMÉRICA LATINA NA DIREÇÃO DA IC

Desde o III Congresso o Comitê Executivo do Comintern contou com a representação de latino-americanos. O primeiro a ser eleito foi o hindiano Manabendra Nath Roy, representando o Partido Comunista do México. No V Congresso houve a eleição do argentino José Panelon. Também nesse Encontro foram eleitos para a Comissão de Controle o brasileiro Astrogildo Pereira e o suíço Steiner Woog, pelo PC Mexicano.

O ítalo-argentino Vitório Codovilla é eleito para a Executiva no VI Congresso e, depois da “descoberta da América”, participaram no Comitê Executivo o argentino Rodolfo Ghioldi, o brasileiro Fernando Lacerda, o chileno Fermi Araga e Júlio Riação, que representaram os partidos da Colômbia e Equador.

Lacerda foi eleito presidente do Praesidium do Comitê Executivo. No VII e último Congresso foram eleitos três representantes para o Executivo sendo eles Rodolpho Ghioldi, o brasileiro Luiz Carlos Prestes e o cubano Blas Roca.

COMINTERN NA AMÉRICA LATINA

O Comintern foi organizado como partido mundial. Segundo suas diretrizes, este podia determinar o programa, a direção, a abertura ou mesmo o encerramento de um partido³.

A proximidade de uma Seção Nacional à Direção do Comintern não era determinada pela capacidade de análise da realidade de seu país, pela penetração política junto ao seu povo ou a sua representatividade junto ao proletariado, mas sim pelos critérios de bolchevização dessa Seção. Ou seja, mesmo com menor importância junto ao seu povo e ao seu proletariado, o Partido Comunista Argentino era mais bolchevizado que os representativos partidos da Costa Rica ou do Chile.

Por esse critério não estava em foco a capacidade de construir políticas, mas a lealdade às diretrizes de Moscou. Manuel Caballero comenta o exemplo de Seções como do Equador e Colômbia, que não eram reconhecidas como verdadeiros bolcheviques, e que os expressivos Partidos Comunistas da Costa Rica e de El Salvador só vieram a aderir a III Internacional muitos anos após a sua fundação no VII e último congresso. Esses partidos também não eram vistos como verdadeiros bolcheviques (CABALLERO, idem p 76 e 77).

3 Foi muito comum a mudança de direção, como ocorreu no PC da Tchecoslováquia ou após o I Encontro Latino Americano e o encerramento de um partido, como ocorreu com o PC da Polônia (Pierre Broué) .

REUNIÕES DE PARTIDOS LATINO-AMERICANOS

A primeira reunião entre representantes de partidos Comunistas da América Latina ocorreu em 1927, por ocasião dos dez anos da Revolução Russa. Dela participaram ativistas sindicais que buscavam constituir algumas políticas e ações sindicais em comum. Estiveram presentes membros dos seguintes países: Argentina, Brasil, Chile, Peru, Venezuela, Cuba, Equador, Colômbia e México (ALBA, idem, p 197).

No VI Congresso houve ampla participação latino-americana com os seguintes representantes Argentina, Brasil, Uruguai, Chile, Peru, Venezuela, Cuba, Equador, Colômbia e México. Segundo Alba, foi realizado o primeiro encontro de militantes de partidos comunistas, sendo que essa informação é questionada por Fernando Claudín, salientando que naquele momento era impossível ser autorizada uma reunião extraordinária de partidos locais, sem ser no próprio fórum do Congresso (CLAUDÍN, idem p.218).

Mas deve-se notar que após essa reunião foi apresentado a “La Correspondencia Sudamericana”, n.28 uma linha de ação que pode-se resumir em campanha contra a guerra contra a URSS, campanha em defesa da vida dos operários anarquistas estudunidenses Sacco e Vanzetti, luta antiimperialista através do BOC (La Correspondência n.28, junho de 1927)

O mais importante encontro latino-americano ocorre em 1929, em Buenos Aires. Foram convidados Quatorze partidos, com seguintes delegações: Argentina, com oito delegados, Brasil com quatro, Colômbia com três, Cuba com três, Equador com três, Guatemala com dois, México com dois, Paraguai com um e Uruguai com três. Como convidados “simpatizantes”, estiveram a Bolívia com dois representantes, El Salvador com dois, Panamá com dois, Peru com dois e Venezuela um enviado (DEL ROIO, 1990. p80-115).

Também contou com a presença de representantes do Partido Comunista Francês e dos Estados Unidos, o representante da Juventude Comunista Internacional e a assistência de Jules Droz pela Executiva do Comintern.

Segundo o jornal “La Correspondência Sudamericano”, de agosto de 1928, esse encontro teve como pauta oito pontos, o principal “Proyecto de tesis sobre el Movimiento Revolucionario em América Latina”, preparado pela Comissão do VI Congresso. Também mereceram atenção os tópicos, sindical, a luta anti-imperialista e a Questão das Raças (CABALLERO, idem. p.53).

LA CORRESPONDENCIA SUDAMERICANA

Revista quincenal editada por el
Secretariado Sudamericano de la
:: Internacional Comunista ::

Redacción y Administración: ESTADOS UNIDOS 1525 — BUENOS AIRES, República Argentina

SUMARIO:

La lucha anti-imperialista. — Declaración y constitución del Grupo de Izquierda de la Liga Anti-imperialista (Argentina). — La socialdemocracia sofoca la Revolución austriaca. — Cónsul se opone a la dictadura, por Aurelio A. Heróndez. — La Standard Oil en la Cámara argentina de Diputados. — Cuestión organizadora a los campesinos, por Pedro Ross. — Resolución del Congreso del P. C. del Uruguay, sobre los campesinos. — La cuestión campe-

sina en Bolivia. — El Congreso Panamericano se prepara contra el Bolívar, no contra el imperialismo. — El Congreso de Washington y la Argentina. — La Conferencia del Pacífico, por L. Keller. — Resolución contra la guerra imperialista. — En Brasil se prepara su proceso monstruoso contra los comunistas. — Por Sacco y Vanzetti. — El obrerismo en Bolivia, por C. M. — El instructivo ejemplo de Panamá. — El imperialismo americano, por G. Ojeda. — El imperialismo yanqui en Colombia, por E. Rodríguez. — Noticias y comentarios. — Bibliografía, por Albert.

La lucha anti-imperialista

La situación de dependencia, a veces absoluta y total, de las naciones latino-americanas, respecto de las grandes potencias imperialistas, ha creado las bases naturales del movimiento organizado en las Ligas Anti-imperialistas; en los escasos años de desenvolvimiento de este movimiento, ha podido comprobarse la justicia y exactitud del pensamiento directriz de esos organismos y el acierto de su propia creación.

Estos países, que representan un mercado apetecible y una fuente esencial de materias primas, carecen en los hechos de independencia nacional, y su soberanía es un secreto en poder de los grandes banqueros norteamericanos o de los poderosos capitalistas británicos. Algunos de estos países constituyen lisa y llanamente protectorados de los Estados Unidos; otros se hallan en la situación de colonias, sometidas incondicionalmente a la fiscalización y dirección de los imperialistas a los que han hipotecado los países y de los cuales depende la recepción aduanera, la fijación de los impuestos, la dirección de las fuerzas armadas, la orientación de la instrucción pública, etc.; otros, sienten sobre sí, sin ser aún propiamente estados coloniales, la formidable presión imperialista, que ejerce su influencia en las decisiones políticas fundamentales. Bajo las garras de ingleses y norteamericanos, ¿cuál es el grado de independencia efectiva de estas naciones?

Pero, en los últimos años, la inferioridad de condiciones políticas de los países débiles de la América latina se ha acentuado seriamente, con el progreso e impulso de la penetración sistemática e intensa de las fuerzas imperialistas. El ejemplo de Nicaragua, en tal sentido, es sin du-

da el más significativo y típico. Esto ratifica plenamente la concepción que dió origen a las Ligas Anti-imperialistas y, más todavía, evidencia hechos de tal magnitud, que impone continentalmente una firme campaña por el reforzamiento de las Ligas, para su constitución en vastos organismos de masa.

Ultimamente han surgido diversos organismos, con distintas apelaciones, que reclamándose del pensamiento anti-imperialista contribuyen a achicar y dividir, en la práctica, las fuerzas anti-imperialistas. Como es natural, esos organismos no pueden asumir la responsabilidad de su creación sin atentar contra el prestigio y la vida de las Ligas Anti-imperialistas. Es lo que, en forma más o menos clandestina, se viene haciendo. Es indispensable fijar, entonces, el problema en sus verdaderos términos, máxime cuando en alguna sección, la argentina, desde dentro de la Liga se hacen trabajos contra la Liga, cuestión a la que nos referimos más adelante en el curso de este artículo.

La Liga Anti-imperialista no es un partido político, es un frente único orgánico, permanente, que encierra en sus filas a todos los militantes anti-imperialistas que adopten su plataforma de acción, cualquiera sea su procedencia social o su filiación ideológica. Para ingresar a la Liga Anti-imperialista no se pregunta si participa de tal o cual concepción política, si padece o comparte ésta o aquella religión, ésta o aquella filosofía: la única condición que se le exige al que desee intervenir en la Liga como adherente es que comparta su plataforma, esto es, que desee luchar contra el imperialismo.

Esto es precisamente lo que, por el mismo ca-

II ENCONTRO DOS PARTIDOS LATINO-AMERICANOS

Não há registros da existência de um Segundo Encontro de Partidos. No trabalho de Caballero só há uma única fonte⁴ que menciona o referido encontro de 1934, em Montevideu. Já Henn afirma que não há segundo encontro. Caballero (CABALLERO, idem p.92) chama atenção para o fato de os mesmo nomes que aparecem no II Encontro estiveram poucos meses depois em Moscou para o III Encontro. Por sua vez, Del Roio afirma que o pleno do SSA de junho de 1930 foi considerado o II Encontro (DEL ROIO, 2003. P121)

⁴Caballero 1989, p.99 “Com exceção do historiador soviético A.I. Sobolev, não há registro na história de nenhum partido sobre essa conferência.

III ENCONTRO DE PARTIDOS COMUNISTAS DA AMÉRICA LATINA

As véspera do VII Congresso da IC foram reunidos os delegados dos partidos comunistas da América Latina e promovido o III Encontro dos PC's. Estavam presentes delegações da Argentina, Brasil, Chile, Uruguai, Peru, Equador, Colômbia, Venezuela, Cuba e México. A pauta foi a situação dos partidos e a sua pouca inserção nas massas populares, a questão da luta anti-imperialista, a conjuntura mundial com a vitória do nazi-fascismo e a nova tática voltada à construção das frentes políticas e as tarefas colocadas pelo avanço de lutas populares, apontando para revoluções anti-imperialistas e de libertação nacional no Brasil, Cuba e Peru.

O Chile estava em próximo de uma eleição presidencial importante, com a passagem por um efêmero governo socialista e o nascimento de uma Frente Ampla de Esquerda, que não foi mencionada.

REUNIÃO DOS PCs nos EUAs

Houve ainda um encontro patrocinado pelo PC dos EUA em 1939, cujo o temário era a luta antifascista. Participou desse fórum o PC Canadense, Mexicano, Cubano e Chileno. Foi deliberado: a necessidade de travar luta intensa contra os principais inimigos do proletariado da paz e da democracia: fascitrotismo, o fascismo e a necessidade de promover ações contra a Alemanha e a Itália e a realização para um futuro próximo de um encontro de PC's do continente, como bem anotou Caballero. Pouco depois, essa resolução tornou-se nula graças ao Pacto entre a Alemanha e a URSS, e a mudança de discurso que até então fazia a crítica ao Imperialismo como responsável pela Guerra Mundial.

O DESCOBRIMENTO DA AMÉRICA

O VI Congresso é marcado pelo processo de coletivização forçada implementado pelo Governo Soviético e também por um equilíbrio instável no seio do PCURSS e IC entre as alas de Stalin e Bukharin. Ambas firmaram uma trégua no plano interno e externo, o que significou um relaxamento da ação do Estado Soviético frente aos Kulaks e também marcado por uma aparência de paz no congresso. Trotsky, Kamelev, Zinoviev e outros líderes importantes do Bolcheviques haviam sido derrotados no PCURSS mas mantinham importância e respeitabilidade diante das delegações. O VI Congresso é marcado pela tensão e sendo o centro os bastidores o palco da luta entre Stalin e Bukharin (BROUÉ, idem.p605)

A explanação inicial de Bukharin é traçada em três períodos, o primeiro que vai da Revolução Russa até 1923, caracterizado pela Crise Revolucionária, o segundo de 1924 a 1928, pela reconstrução das forças produtivas do Capitalismo e o terceiro período, caracterizado pelo predomínio dos trustes, avanços tecnológicos e a edificação do Capitalismo de Estado (DEL ROIO, 1990.p 108)

Outro tema relevante foi a exposição de Palmiro Togliatti sobre o Fascismo, caracterizado por ele, como uma forma de ação das tendências reacionárias, por sua vez Ernest Thailmann, líder do PC alemão, caracteriza o Fascismo como etapa do capital financeiro, como decorrência dessa última visão, o Fascismo e a Social Democracia era apenas formas distintas de ação do Capital., daí nasce a formulação de Social –Fascismo e a Tática de Classe contra Classe. A Análise de Thailmann acabou prevalecendo como linha geral da IC e na sua interpretação do Terceiro Período.

“ o VI Congresso já expressava uma guinada à esquerda, também na questão colonial, em relação aos congressos anteriores, com a condenação apriorística das burguesias nacionais e com o esvaziamento do papel revolucionário da pequena burguesia.(DEL ROIO, idem p 111)

Também no VI Congresso da Internacional Comunista, foi anunciado pelos Dirigentes a “Descoberta da América”, o que significava perceber que os EUA emergiam como uma grande potencia mundial e que a América Latina existia enquanto formação social e política, sendo, portanto, objeto de estudo à transformação de sua realidade.

Os comunistas do Comintern chegaram ao debate sobre Questão da Revolução na América Latina tardiamente e como parte dessa evolução destacam-se dois fatores: o primeiro, a Resolução de 1920, do II Congresso, apresentava a Questão Colonial como sendo o elo mais fraco do sistema Capitalista; o segundo fator foi a derrota nos países europeus, notadamente na Alemanha e depois a Questão Chinesa.

Caballero e Lowy chamam atenção para o fato dos primeiros documentos, dedicados a América Latina afirmarem ser ela incapaz de realizar um processo autônomo, pois atrairia a intervenção militar dos Estados Unidos. O papel destinado ao incipiente proletariado latino frente, com o proletariado estadunidense para que este libertassem a todos.

Não levaram em conta as anotações de Lenin sobre a ideia de constituição de partidos comunistas com maioria camponesa (CLAUDÍN, idem .p99).

Também não levaram em conta que o proletariado de países como Argentina, Uruguai, Chile, Brasil, Peru, Cuba ou México já tinham uma histórico socialista; tinham um proletariado e organizações de classe e que haviam realizados diversos e expressivos movimentos e greves de impacto nacional. Também não foi avaliado que existiam movimentos trabalhistas de diferentes matizes e em alguns países como a Argentina, Chile e Uruguai existir partidos socialistas expressivos e respeitados.

A própria Revolução Camponesa Mexicana foi tratada com pouco estudo e o Movimento Estudantil Popular de Córdoba, que acendeu uma centelha nativista proporcionando um intenso debate sobre a Questão Nacional, em vários países, sequer mencionado.

“Descoberta da América não considerou que desde, 1918, foram fundados diversos partidos comunistas na América Latina e que alguns se filiaram à III Internacional no seu II Congresso; ou seja, que havia uma vanguarda comunista atuante dentro desses países. De igual maneira, tratou com

sectarismo e desprezo movimentos como o APRA e intelectuais de esquerda como Haia de La Torre ou José Vasconcelos.

Esse entendimento equivocado do período que predominou nas teses do Terceiro Período (VI Congresso, 1972, p.128). Segundo as teses, na América Latina desenvolvia-se uma luta de libertação do Imperialismo estadunidense sob a direção da pequena burguesia, já que a burguesia nacional era muito pequena e ligada às oligarquias e ao capital dos EUA, se encontrando pois no campo da contra-revolução. Dessa forma os comunistas devem bradar a consigna de luta por um Governo Operário-Camponês participando ativamente das lutas de massas que ocorriam no continente (DEL ROIO, idem, p.109)

O entendimento dos EUA como moderna sociedade capitalista, e com características semelhantes aos países desenvolvidos da Europa, facilitava a compreensão e possibilitava análises e perspectivas pela existência de uma relação que se acumulava desde os primeiros grupos socialistas e anarquistas no Século XIX.

Resumindo, o entendimento sobre a América Latina era superficial

“No obstante, esse desconhecimento, El Comintern proponía a los habitantes de esse continente um proceso revolucionário antes de saber com qué clase de sociedades trataban y por ello tanto qué clase de revolución necesitaban.” (CABALLERO, idem 107)

O fato era perspectiva tática e estratégica do Comintern tinha acúmulo político em processos revolucionários em sociedades desenvolvidas e só guinou ao entendimento de sociedades coloniais e semi-coloniais conforme foram se processando fracassos revolucionários nos países europeus, principalmente a Alemanha. Na perspectiva de Lenin, Trotsky e demais dirigentes importantes da IC, o recuo da vaga revolucionária abria um novo período político que se caracterizava por uma nova estabilização nos principais países imperialistas.

Foi então que o Comintern buscou entender as sociedades coloniais e semi-coloniais. Processou-se um intenso debate que terá seu auge no VI Congresso e em diversas exposições, destacando-se a intervenção de Jules Humbert Droz, Ricardo Paredes e Trivan (Serguei Gusev).

Esse debate fora inaugurado por Lenin, em seu *“Imperialismo Fase Superior do Capitalismo”*, onde destacava formações diferentes entre os países coloniais e

semi-coloniais, que seriam uma forma transitória: seriam os países dependentes. Citava a Argentina como exemplo dessa formação. Se os países coloniais tinham uma administração imposta, os semi-coloniais um governo títere, os países dependentes teriam características próprias, no ponto de vista de Lenin (LENIN, 1982, p.45).

A despeito da opinião de Lenin, os dois relatórios expressos no Congresso apontavam todos os países da América Latina como sendo semi-coloniais ou colônias, incapazes de desenvolver qualquer processo de transformação da realidade, sem a tutela dos EUA. Portanto, toda a política realizada deveria ser de apoio às lutas dos proletários dos EUA por que só eles (e o seu partido), poderiam, ao se libertarem, libertarem toda a América Latina através da revolução.

Apesar de sua publicação ter tido pouca divulgação na época (e Lowy apresenta-os como um achado) é possível observar na concepção do Comintern que a América Latina é essencialmente uma força auxiliar do proletariado estadunidense para o desenvolvimento do próprio projeto revolucionário.

O documento leva em conta a classe camponesa e o proletariado agrário, mas não analisa o poder econômico, político e social do latifúndio, das oligarquias e da formação histórica dos Estados na América Latina.

O conflito central é apresentado entre a burguesia estadunidense os demais imperialismos, em especial o inglês e japonês, e também não vê qualquer resistência ou autonomia da burguesia local.

As manifestações e agitações que nascem na Revolução Mexicana, as manifestações como a de Córdoba, a guerrilha haitiana, as greves e agitações políticas e sociais importantes que houveram no continente ao longo da década de 1910, foram praticamente desconsideradas, não sendo a toa que no encontro anti-imperialista de 1926, ao ouvir a opinião dos comunistas sobre a América Latina, Haia de La Torre anotou que estes não entendiam nada do que estavam falando.

Em 1927 surge um novo manifesto do Comintern pronunciando-se contra a Invasão da Nicarágua pelos EUA. Era o primeiro pronunciamento em tempo real do Comintern frente a ação do Imperialismo estadunidense. O manifesto

trata do direito do povo a sua autodeterminação e a denúncia da violação do espaço soberano.

O motivo alegado pelos EUA, que se tornará chavão, a partir de então, foi o perigo “bolchevique” e da III Internacional, ironicamente o Partido Comunista da Nicarágua só foi formado em 1967, ou seja, quarenta anos após o ocorrido.

O Comintern se dá conta da América Latina no momento em que o imperialismo estadunidense é pujante. Esse será inclusive o ponto de vista do importante economista búlgaro, Erwin Varga, em seu relatório no VI Congresso e assinalará que os EUA serão o principal inimigo da URSS.

O VI Congresso é aberto com um balanço que consagra a tendência ao esquerdismo e sectarismo que vinha crescendo desde o III Congresso (BROUÉ, idem p305).

Hajek qualifica como fatores importantes ao fortalecimento dessa tendência o giro à Direita da Social-Democracia: a pouca eficácia da Política de Frente Única e as críticas desferidas pelas Social Democracias de Esquerda e Direita à URSS, o ascenso do Fascismo, o fracasso do campo unitário antifascista como o responsáveis pelo fortalecimento dessa tendência. Stalin assume a plataforma da Oposição de Esquerda, levando ao confisco e a coletivização forçada do campo e uma consequente revolta dos camponeses (HAJEK 1986 p10).

No debate sobre os países coloniais e o “Descobrimento da América”, a tese ressalta:

“la cada vez mayor expansion económica y militar Del imperialismo norteamericano em los países de América Latina convierte a esta parte de la terra em uno de los nudos mas importantantes de las contradicciones Del sistema colonial imperialista em su conjunto. La influência de Gran Bretaña, que era preponderante em estos países hasta la guerra e hizo semicolonias de muchos de ellos, fue relevada después de la guerra por uma dependência aun más fuerte de los Estados Unidos. El imperialismo de los Estados Unidos, mediante intesificadas exportaciones de capital, conquista El mundo econômico supremo de

estos países somete a SUS gobiernos El control financeiro y simultáneamente azuzu a uno contra outro. Esta política agresiva Del imperialismo de los Estados Unidos se convierte cada vez más em uma política de desembozada violência y llega hasta lãs intervenciones militares (Nicaragua). La lucha nacional de libertación comenzada em América Latina contra El Imperialismo de los Estados Unidos se lleva a cabo em su mayos parte bajo la dirección de la pequena burguesia. La burguesia nacional, que forma uma delgada capa de la población (exeptuando Argentina, Brasil y Chile) y esta vinculada por um lado com a gran propiedad rural y por El outro com El capital de los Estados Unidos, se ubica em El campo de la contrarevolución” (VI Congresso iden p .192)

Da mesma forma, que o centro da política se encaminha para um movimento de massas contra o Feudalismo.

“En América Latina los comunistas deben tomar parte activa y general em el movimiento revolucionário de masas dirigido contra El regime feudal y contra El imperialismo, incluso alli donde este movimiento todavia esta bajo la dirección de la pequeña burguesia (...)” (VI Congresso, iden p239/240)

No informe do presidente do Comintern, Nicolas Bukharin, é destacado a análise aos países imperialistas como sendo as “*ciudades*” do mundo e os países atrasados agrários como sendo o “*campo*” do mundo. Nessa parte de seu informe, Bukharin explica que o processo revolucionário é mundial e, portanto, trata-se de uma luta pela Ditadura do Proletariado tratando-se de constituir uma ação global do proletariado em aliança com o campesinato e suas revoluções agrárias (VI Congresso iden p.162).

Por sua vez, coube a Ricardo Paredes, dirigente do Partido Comunista e Socialista do Equador, que fez uma explanação sobre a situação dos países

latino-americanos destacar o crescimento da participação de partidos e organizações no continente. Ele observa e saúda uma mudança de discurso na IC, mais preocupada com os demais países do mundo e menos centrada nos países europeus. Destaca ainda que a maioria parte do mundo vive em países coloniais e semicolônias. E de estes países são responsáveis pela alimentação, gerando uma indústria local:

“Me parece que El programa no da una fisionomia propia AL desarrollo Del capitalismo en los países coloniales y en aquellos llamados semicoloniales. Estos países abastecen a la economía mundial de la mayor parte de los productos alimentarios y de las materias primas para la industria. (...) Por otra parte, la industria en vías de desarrollo en dichos países coloniales y semicoloniales provee una parte bastante considerable de los productos necesarios para El consumo no solamente de estos países, sino tambien para la exportación aun cuando sea todavia minima” (VI Congreso biden p 177).

Em concordância com Bukharin, Paredes lembra que os países coloniais e semi-coloniais abastecem os países do mundo: que há um crescimento do processo industrial que ocorre em decorrência da expansão do mercado interno e da migração de capitais e a consequente expansão de classes sociais e frações de classe.

Chama igualmente a atenção para o fato de que há diferenças envolvendo a relação entre o Imperialismo e as diferentes classes dominantes em seus respectivos países coloniais e semicoloniais. Observa que o desenvolvimento industrial interno em cada país da América Latina é realizado conforme a inserção e planejamento da intervenção imperialista.

A análise do desenvolvimento de cada país é desigual e o grau de dependência e de capitais estrangeiros também. Retoma a intervenção de Lênin em seu livro “O Imperialismo, Fase Superior do Capitalismo” e no II Congresso da IC sobre as diferenças entre países coloniais, semicoloniais e dependentes. Destaca que a maioria dos países da América Latina são

dependentes e não colônias e semi-colônias, como afirma o informe do finlandês Otto Kuusinen.

“Para caracterizar las relaciones de fuerza entre el imperialismo y los países coloniales, semicoloniales y dependientes”, se puede establecer la siguiente formulación: A uma penetración econômica más profunda de los imperialistas correspondente uma mayor dominación política”. Para los países “dependientes” que gracias a uma fuerza política bastante grande, son capaces de resistir a la penetración imperialista, esta fomula no ES enteramente justa, porque la penetración econômica extranjera se corresponde com uma dominación política menor. Es El caso de la Argentina y Del Brasil” . (VI Congresso iden p (179)

Paredes não concorda com o relatório no que tange a situação e as alianças com a pequena burguesia e os movimentos revolucionários. Demonstra que foram alcançados benefícios aos setores do proletariado e as camadas baixas da população e que na América Latina demonstra que, ao contrário da Europa, a pequena burguesia pode cumprir papel importante na luta anti-imperialista

“Es muy importante conocer bien estas revoluciones pequeño burguesas porque ellas son capaces de remover profundamente la estrutura social. Además, durante estas revoluciones la organización obrera cobra um gran desarrollo como em México y em Ecuador” (VI Congresso iden p 182).

De igual maneira se opõe a ideia de Revolução Agrária na América Latina, salientando que as tradições coletivas apontam não para a formação de pequenas propriedades camponesas mas para a organização coletiva.

“Por outra parte, los países de América Latina que tienen una población indígena muy numerosa (México, Ecuador, Perú, Bolivia) están en mejores condiciones para edificación Del socialismo en campo que los países donde este elemento indígena no existe. Existen numerosa comunas en México, en Ecuador, Perú en Bolivia, que representan actualmente elementos combativos contra El poder de los feudales y que en El momento de la instauración Del regime proletario, serán núcleos para cooperación socialista En El campo. Los indios americanos tienen um espíritu colectivista muy notable Constituyen cooperativas de producción agrícola, de irrigación, de construcción y otras formas de trabalho colectivo. Estos elementos deben ser utilizados en El estado proletario para la construcción Del socialismo (VI Congreso, idem. P 181).

Na intervenção de Trivan, (Sergei Gusev) demonstra que países como os da América Latina têm uma conformação social distinta, onde o Capitalismo não está amadurecido e que o processo de transformação da sociedade é ampliado pela ação dos Imperialismos (EUA e Inglaterra) e que o conflito entre os interesses estrangeiros e a consequente crise, que daí decorre, abre a possibilidade de passagem de uma sociedade pré-capitalista ao Socialismo, sem que se passe pelo Capitalismo. Resgata como parte desse debate (em concordância com Paredes) o diálogo desenvolvido entre Marx e Engels com os socialistas russos (Narodniks) Vera Zasulich, Nicholas K. Mikhailovsky entre outros.

“Marx consideraba que en ciertas condiciones El desarrollo capitalista podia faltar, que la fase de evolución capitalista podia ser salteada. Lo há afirmado a propósito de lãs comunidades rurales rusas. Há hablado respecto de esto en SUS cartas a Zusulich y a Mijailovski. La tesis

afirman tambien la posibilidad de um desarrollo no capitalista” (VI Congresso idem. P326).

De igual maneira Trivan discordará do relatório de Otto Wilhelm Kuusinen no que se refere a caracterização dos países latino-americanos, a seu ver o amontoado de doze combinações em três grupos de países dificultará o entendimento sobre os países, além de condicionar a análise aos partidos e militantes (VI Congresso idem p.321).

Tal qual a Paredes vê como equivocada a consigna de Revolução Agrária lembrando o psicologia e as tradições coletivas dos indígenas,

“Ya He indicado que em América Latina no existirá propiedad agrária privada. Muy por El contrario existen tradiciones bastantes fuertes de comunismo primitivo em la economia rural. Los campesinos mexicanos no procuraban repertise la tierra entre ellos y transformarla em propiedad privada: se apoderaban de la tierra para convertirla em propiedad colectiva y cultivaria em común. Tienen El hábito de trabajar em común la tierra.(...) Esto explica por qué em la tradicones de esse país no existen huellas de propiedad agrária privada. El prejuicio terrible que domina a toda la pequena buguesia de tipo europeu no existe em los países de América Latina. Esto facilita enormemente El desarrollo socialista o la transformación de este movimiento em uma revolución socialista.” (VI Congresso idem.p.333)

também questiona existência como na Índia e China de uma burguesia comercial importadora e exportadora (VI Congresso idem,p327). Observa ainda que o papel do campesinato é sub-valorizado e, do incipiente proletariado, sobre-valorizado.

Compreende que a estrutura de poder é constituída por um bloco envolvendo oligarquias liberal e conservadora, média burguesia e o Imperialismo e que esse bloco tem composição e história distinta conforme o país. Compreende que a ideia de um bloco anti-imperialista está se popularizando no continente, mas que há necessidade de pensar quais as classes, frações de classe que deverão compô-lo.

Na intervenção de Solomón Abrámovich Lozovsk, representante da Internacional Sindical Vermelha, lembrou que mais de 75% da população mundial vivem nas colônias e semi-colônias, também observa as dificuldades das classificações políticas feitas pelo Comintern e que a Revolução Democrática Nacional é um feito a ser questionado na América Latina, pois julgava que esses países sofreriam regressão colonial conforme expandisse o Imperialismo estadunidense, se além às carências e debilidades dos movimentos sindicais que poderiam ser a seu ver uma porta na luta anti-imperialista.

Outra importante fala é a de Jules Humbert Droz. Ele narra o crescimento de importância do PC's, dos movimentos sociais e de outros partidos de Esquerda, comunistas e socialistas, junto ao proletariado e ao campesinato. Salienta que essa movimentação é importante para os avanços nas disputas contra o Imperialismo inglês e estadunidense.

Mostra que a penetração econômica do Imperialismo tem desestruturado antigas relações econômicas e tensionado as relações sociais, revelando o imenso potencial revolucionário que tem o campesinato latino-americano. De igual sorte, mostra que esses acontecimentos têm desenvolvimento de forma e intensidade conforme os diferentes países.

Separa, então, três distinções de países latino-americanos: aqueles que são colônias, com governos impostos pelas metrópoles; aqueles que seriam semicolônias, onde os cônsules e os embaixadores estrangeiros mandam mais que os governantes, e os países que gozam de grande autonomia política, estes últimos seriam países dependentes.

Droz observa que os dirigentes dos partidos comunistas não se vêem como semi-colônias, deixa claro que esses, em sua grande maioria, se entendem como nações dependentes. Deixa claro a rica diversidade existente entre os países e a participação dos capitais imperialistas e a constituição do bloco de

poder: salienta ainda que a ação do Imperialismo é mais intensa nos países com reservas de petróleo do que nos outros países.

Igualmente questiona a antiga visão predominante entre os militantes e intelectuais latino-americanos de que a entrada de capitais dos EUA dinamizariam a economia e se aliavam aos setores progressistas das classes burguesas e que os capitais ingleses estariam aliados das oligarquias agrárias. Droz demonstra que os EUA não se preocupam com a forma de governo e seu componente de classe e sim se os seus interesses estarão assegurados. De igual forma, tenta mostrar que ação imperialista dos EUA não se restringe à economia e vai além, divulgando o conceito de Panamericanismo que representa uma forma avançada de gestão externa nas relações internas dos países latino-americanos.

Observa que a industrialização nos países latinos é feita pela entrada de capitais estrangeiros, que quanto mais industrializados sejam os países latino-americanos maior será a sua dependência econômica e política; ou seja, a industrialização latino-americana é tutelada pelo Imperialismo.

Droz observa que a ação do Imperialismo estadunidense é mais sofisticada que a do Imperialismo inglês: não restringe à esfera do bloco de poder, alcança também movimentos sociais e sindicais como denota a criação da Central Sindical Panamericana.

“Outro método de penetracion política de los yanquis es el panamericanismo. Como ES sabido los Estados Unidos se esfuerzan por desarrolarr relaciones com América Latina no solamente lãs relaciones económicas, sino también relaciones políticas, culturales mediante toda clase de asociaciones panamericanas cuya a sede esta por lo general de Nueva Yorque (...) De la misma manera debemos considerar la creacion de organización sindical de la COPA (Confederación Obrera Panamericana) VI Congreso” (idem. p. 307).

Por fim vê frente as forças constituídas pelo setores das oligarquias, burguesia e Imperialismo a possibilidade de construir um bloco anti-imperialista e com

caráter revolucionário que some setores do proletariado e do campesinato. (VI Congresso, idem p315).

No pleno dos debates do VI Congresso, a questão sobre ação revolucionária nos países da América Latina, algumas ideias merecem ser tocadas. O brasileiro Mauricio Lacerda é o único entre os debatedores a concordar com a análise de que os países eram todos colônias e semi-colônias, já o uruguaio Eugenio Salas e o mexicano Ramirez expressam a opinião que os operários, campesinato e a pequena burguesia são as bases da frente anti-imperialista e vêm determinados setores da burguesia nacional tensionados por essa bandeira de luta (VI Congresso, idem p.365 e 378).

Entre os delegados latino-americanos havia a predominância, no debate, da possibilidade de ação revolucionária. Essa abordagem não era sem experiência própria ou fruto de especulações. tinham acontecido processos revolucionários no México, Equador e Nicarágua e levantes no Brasil.

O pintor David Alfaro Siqueiros, coronel do Exército Popular Mexicano, chegou a conclamar os comunistas a pegarem em armas e avançar a Revolução para a fase proletária no México. Em seu discurso, conclamava a necessidade de criar “um Sandino em cada região”. Siqueiros expressava a opinião comum entre comunistas que vivenciavam um clima pré-revolucionário. Era um fator comum que a revolução ocorreria em diversos países e o debate era se os comunistas deveriam tomar a frente ou deixar nas mãos dos liberais.

O esforço do Comintern não foi no sentido de orientar os PC's para os processos concretos em aberto, mas ao contrário buscou enquadrar a realidade às circunstâncias de suas Teses, ou seja, de que a América Latina era uma força auxiliar, na Revolução Mundial.

Dos levantes revolucionários no Chile, com o efêmero governo revolucionário de Marmaduke Grove, à derrubada da ditadura Machado, em Cuba, e a ascensão do governo nacionalista de esquerda de Gran San Martin e a Revolução de 1930 no Brasil, mostram os limites das avaliações do Comintern sobre América Latina.

Caballero chama atenção para o fato da III Internacional falar de Revolução sem ao menos ter a estudar a realidade local, as classes sociais e o caráter da Revolução nos diferentes países. Também é notório como pensamento e abordagens originais foram marginalizados, como denotam na intervenção de

Paredes e Travin e que figurou no I Encontro de Buenos Aires através da Bancada Mariateguista.

O importante debate e divisão de trabalho no roteiro desenvolvido pelas Teses do VI Congresso previam os países onde as lutas seriam revolucionárias socialistas, as colônias e sem-colônias onde se faria a Revolução Democrática burguesa e os países latino-americanos onde a Revolução teria um caráter diferente, como foi expresso no texto de Julio Humbert Droz. “*Sobre los Países de América Latina*”.

Na Tese central, como no relatório de Bukharin, há uma divisão entre países capitalistas centrais, que seriam as cidades do mundo e os países os países coloniais, e os semicoloniais, que seriam o campo do mundo. Essa diferença determinava o tempo político e as tarefas entre as revoluções.

O questionamento foi colocado por Paredes e Travin a respeito da situação da transição e sobre caracterização da Revolução como observado Hinojosa (HINOJOSA,2015).

As Teses do VI Congresso também atentam para a grande potencialidade dos movimentos camponeses, mas rejeitavam à priori qualquer aliança com a pequeno-burguesia e jogava imensa responsabilidade em cima do proletariado incipiente proletariado latino-americano.

A I CONFERÊNCIA DOS PARTIDOS COMUNISTAS DA AMÉRICA LATINA e a TÁTICA LATINO-AMERICANA DE TERCEIRO PERÍODO

Durante a realização do VI Congresso da Internacional Comunista, em 1928, foi aprovada a convocação da I Conferência dos Partidos Comunistas da América Latina. O objetivo dessa reunião era impulsionar a criação de Partidos Comunistas no continente e fortalecer o relacionamento entre o Comintern e seus afiliados, considerando a grave crise que esperava o Capitalismo. O encontro contou com a presença de 35 delegados: 8 da Argentina e dirigentes da Internacional Comunista, os trabalhos foram coordenados pelo destacado dirigente ítalo-argentino, Victório Codovilla (LOWY, 1999: p21).

A pauta das discussões foi organizada em oito pontos, e foram apresentadas no número 6 (segunda época) da La Correspondencia Sudamericana. José Carlos Mariátegui foi encarregado de apresentar três: Antecedentes e Desenvolvimento da Ação Classista; O Problema das Raças na América Latina e Ponto de Vista anti-imperialista. Mas por conta de sua enfermidade, Mariátegui não pode estar presente.

Esses pontos foram apresentados pela Delegação peruana, composta pelo líder sindical Júlio Portocarrero e o médico Hugo Pesce. Como observa Escorcim, tratava-se de uma primeira reunião convocada para debater a situação política e a organização partidária, durante este debate, se produziu acordos e desacordos entre os participantes (PCEr, 2007).

O Encontro envolvendo o ponto de vista do Secretariado e da Delegação Peruana é motivo de ampla polêmica e tem gerado um volume imenso de opiniões, especulações e discussões e muitas delas apontam para uma possível ruptura entre Mariátegui e a III Internacional (Bellotto & Correa, 1982; Alimonda, 1983; Quijano, 1981; Caballero, 1989; Kohan, 1998; Löwy, 1999, Pericás 2011, Sylvana Ferreyra 2013).

Pode-se notar que houve desacordo sobre a participação ou não dos comunistas peruanos no plebiscito envolvendo os territórios de Tacna e Arica, perdidos na Guerra do Pacífico, uma vez que o tratado de paz colocava a possibilidade de uma consulta junto à população local, para pronunciar-se sobre qual país estes territórios pertenciam. Os comunistas peruanos não viam o plebiscito como importante para o proletariado (QUIJANO, 1991: p198).

Igualmente, Escorsim chama atenção para o fato de que o centro do debate programático teve também como elemento de discussão a separação feita pelo PSP entre programa “mínimo e máximo”, e que foi proposta pela Internacional a mudança de tal item.

Houve ainda a proposta de mudança do nome de PSP para Partido Comunista do Peru, sendo que esse debate transcorreu sem qualquer sanção aos peruanos e foi acatada um pouco depois do Encontro de Buenos Aires, com a participação de Mariátegui em 4 de março de 1930, (ESCORSIM, 2006: p.276). O fato é que desde o V Congresso fora aprovada a bolchevização dos partidos e portanto tal processo é colocado como a forma correta de organização partidária, o que implicava que os partidos organizados deviam ser proletários e comunistas. (PERICÁS, 2011, p. 12/18)

Não foi levado em conta as considerações da Bancada Peruana e Colombiana, de que o proletariado em seus respectivos países eram reduzidos e que o nome socialista daria-lhe-ia mais raio de ação, o mesmo ocorrendo com os Delegados bolivianos que salientaram a impossibilidade de formarem um partido proletário e comunista e que seria melhor, naquele momento continuar a sua atividade política dentro do partido laborista (PERICÁS, idem p 181).

A ideia-força é de que as medidas bolchevizardoras visavam construir um estado-maior para Revolução e que só com a transição de partidos amplos para partidos de quadros e celulares por local de trabalho, seria possível alcançar tal intuito.

As medidas acabaram por excluir setores médios, profissionais liberais, setores das classes trabalhadores e estudantes da organização partidária, o que acabou por reduzir ainda mais o peso político dos diminutos PC's na vida de suas respectivas sociedades.

A preocupação com o partido proletário era parte da Resolução que predominava no Terceiro Período: partia-se de pressuposto da incapacidade da burguesia nacional de realizar suas tarefas de soberania . Ao mesmo tempo, compreendia-se que a experiência da Revolução Mexicana tinha sido promovida pela pequena burguesia liberal, apoiada pelo campesinato e que desembocou na república burguesa liberal do presidente Cardenas, que foi conceituado como governo protofascista.

Na intervenção de Jules Humbert Droz foi explicitado que qualquer aliança com a pequeno-burguesia era um atraso ao processo revolucionário. Ele também fez muitas críticas a setores da juventude estudantil que serviam, a seu ver, como base política de partidos pequeno-burgueses tais como o APRA.

Por seu turno, Ricardo Paredes já havia mencionado que entendia o processo de transformação latino-americana como a composição de um bloco urbano, composto pela pequena-burguesia e o proletariado. Esta ideia não foi aprofundada.

Também houve uma mudança no enfoque nas Teses de Droz sobre a Questão Agrária em relação ao VI Congresso. Em sua nova abordagem, a imensa maioria da população latino-americana era composta por trabalhadores da terra, que deixou de ser visto como camponeses para ser conceituado como proletários rurais. A explicação era de que o trabalhador rural recebia algum ganho do latifúndio tanto na questão monetária como podendo ser um pedaço de terra.

Dessa maneira eles não poderiam ser encarados como camponeses e sim como proletários. Portanto, o centro da luta revolucionária dar-se-ia entre o proletariado agrário, o camponês e a liderança do Proletariado urbano.

E assim foi definido; a política de alianças dos PC's. Eles não poderiam participar de acordos com o Governo mexicano, com organizações nacionalistas como as existentes no Brasil, Cuba ou Venezuela ou com Partidos pequeno-burgueses como o APRA, PSU ou PSA e teriam como metas a constituição de Blocos Operários e Camponeses. Onde não existisse outro partido que não fosse o comunista as alianças seriam feitas com movimentos ligados aos próprios PC's, ou seja, uma Política de Aliança consigo mesmo (CABALLERO 1989.p 157).

A Questão Camponesa surgia como tema na convocação para a Conferência de Buenos Aires, feita pela *La Correspondencia Sudamericana*, aparecia como tema a questão camponesa, mas não era mencionado o problema das populações indígenas.

Victório Codovilla pediu a Mariátegui que preparasse um documento sobre a luta dos indígenas pela sua emancipação. Esta solicitação foi feita por se saber que Mariátegui tinha um estudo sério, respeitável e um conhecimento profundo sobre o tema indígena. Mariátegui era, naquele momento, o único militante

comunista capaz de apresentar um ponto de vista à Internacional Comunista no tocante a questão indígena, que pudesse auxiliar na construção de sua estratégia (PCEr, 2007).

O VI Congresso a IC alertou para o contingente expressivo de negros nos países da América Latina, como Brasil, Cuba e outros; em maior porcentagem inclusive que nos Estados Unidos.

Em Buenos Aires, a discussão centrou-se inicialmente no trabalho do negro e dos chineses nas plantações e nos problemas da imigração, conclui-se que os PC's deveriam organizar uma plataforma de luta para os trabalhadores imigrados.

Em Buenos Aires, o debate foi mais amplo e profundo do que o realizado no Congresso em Moscou. Hugo Pesce declarou a necessidade de um estudo objetivo do problema das etnias baseado no marxismo; com uma compreensão clara da luta de classes. E uma linha revolucionária em consonância com a Internacional Comunista. No debate se apresentaram duas linhas divergentes: a primeira abordagem que como Questão Nacional e de Autodeterminação dos Povos e o documento de José Carlos Mariátegui, que apresentava como Questão de Classe. (QUIJANO, idem: p.199)

Foi a Internacional Comunista que, pouco depois de sua fundação, lançou o debate aos partidos comunistas sobre a necessidade de implementar uma política diferenciada para as populações marginalizadas. No momento da realização da Conferência de Buenos Aires, a posição da Internacional Comunista compreendia que as questões étnicas constituíam nacionalidades. A fórmula de Autodeterminação dos Povos era vista até então como válida para solucionar o problema.

Essa formulação tinha ajudado a compreender como a particularidade étnica influenciava a experiência e a consciência de classe. Só a partir do debate, em Buenos Aires, os comunistas puderam entender de maneira mais ampla, a situação social e política das grandes massas étnicas e incorporá-las ao debate sobre a Revolução Socialista. José Carlos Mariátegui mostrou que havia um mal-entendido, a Questão Étnica não conformava necessariamente problemas de ordem nacional, podendo no caso latino americano, ser de ordem social.

O debate envolvendo a Questão Étnica na IC tenha como referência aos negros da África do Sul e sul dos Estados Unidos, onde os comunistas locais -

brancos - resistiam em organizar a população negra. Os comunistas desses países adotavam atitudes racistas semelhantes aquelas das classes dominantes.

No V Congresso da Internacional Comunista, realizado em 1924, as discussões sobre a Questão Negra começaram a distanciar-se da análise de classe para se centrar na Questão Nacional. A Internacional Comunista propôs que suas agremiações defendessem a igualdade social para as minorias étnicas, que formavam nações e, portanto, também tinham direito à sua autodeterminação.

Essa linha política possibilitou um amplo crescimento do PC nos Estados Unidos e especialmente na África do Sul. O PCA adotou a política do Congresso Nacional Africano, sendo que seu êxito converteu-se em um modelo de aplicação geral para o trabalho, nos países coloniais e semicoloniais.

No VI Congresso, no debate sobre o papel das etnias, na luta revolucionária ficou resolvido que um dos trabalhos mais importantes dos PC's seria a completa igualdade para os negros, pelo fim de qualquer desigualdade social, econômica e política. O programa, que foi aprovado, reconheceu o direito de todas as nações e raças à autodeterminação.

Ficou decidido ainda que os negros da África do Sul e dos Estados Unidos constituíam nacionalidades oprimidas e foi proposto que os comunistas locais organizassem os movimentos de libertação nacional pelo seu Estado autônomo. O VI Congresso concluiu que havia semelhanças entre a Questão Negra na África do Sul e nos Estados Unidos e a Questão Negra e Indígena na América Latina. Portanto, houve transposição do modelo de Autodeterminação dos Povos para a Questão Indígena, propondo assim a criação de uma república das nações quéchua e aymara, na região andina (PCEr, 2007).

No Encontro de Buenos Aires, os comunistas latino-americanos voltaram a discutir se a opressão étnica era um assunto de classe, de etnia ou de nacionalidade. Mariátegui contribuiu ao reabrir o debate com amplo estudo, seu texto “O Problema das Raças na América Latina”, sustentou que a Questão indígena era um assunto centrado na luta de classes; que sobteria solução com amplas modificações no regime de propriedade agrária, pondo fim a distribuição desigual e superando o Feudalismo no campo peruano. O estudo

de Mariátegui registrava que a pobreza e a marginalização indígena deviam-se, fundamentalmente, à ocupação de suas terras pela ação feudal.

Para o escritor peruano, a questão étnica nublava o problema central: a exploração de classe, que originava a distribuição desigual da terra; concluindo que, o problema dos índios só seria solucionado com a destruição do Feudalismo.

Para Mariátegui, a interpretação da Questão Étnica em termos de classe, atribuiria aos indígenas e negros um papel fundamental na emancipação do proletariado, da opressão local e mundial.

Em seu texto “O problema das raças”, Mariátegui manifesta sua confiança no potencial revolucionário do campesinato indígena:

“Uma consciência revolucionaria indígena tardará a se formar, mas quando o índio tiver feito sua, a ideia socialista ele a servirá com disciplina, tenacidade e força que poucos proletários de outros meios poderão superá-lo”.(MARIÁTEGUI, 1982: p. 74)

Como bem percebeu Escorsim, essa ideia também é um reflexo e avanço de sua obra Sete Ensaios, onde argumentou que

“a esperança indígena es absolutamente revolucionaria. El fator indígena se convertiría em um fator revolucionário y por eso enfatizó que la lucha indígena tenía que poseer um carácter neto de lucha de classes” (ESCORSIM, idem: p.276).

O documento de Mariátegui sustentava que sem os índios o Peru não existiria, pois constituíam figura fundamental à construção da identidade nacional, que só se podia lograr com sua incorporação à nova sociedade socialista: “Quando se fala da peruanidade, deveria ser investigado se essa peruanidade compreende os índios. Sem o índio não existe peruanidade possível”, ou seja o proletariado peruano era índio.

Mariátegui partia da premissa que as repúblicas andinas estavam sustentado nos princípios plantados pelos colonizadores e nos seus descendentes. Os colonizadores eram o cimento do Peru atual e os índios o cimento da nacionalidade socialista em formação (PERICÁS, 2011, p.179).

O texto realça que só a luta dos índios, proletários e camponeses, em estreita aliança com o proletariado mestiço e branco contra o regime feudal e capitalista, poderia permitir o livre desenvolvimento das características raciais indígenas. A agudização da luta de classes, baseada no espírito coletivo dos indígenas e no seu desenvolvimento nacional, dissolveria as fronteiras nacionais e levaria à autonomia política de toda raça. (MARIÁTEGUI, idem: p. 72)

Portanto, os comunistas teria de convencer os indígenas e os negros de que só um governo “encabeçado pelos proletários e camponeses, representativo de todas as etnias, poderia emancipá-los de sua opressão”. (MARIÁTEGUI, idem: p.74). O que asseguraria sua emancipação seria o dinamismo de uma economia e de uma cultura, que apontariam em sua origem para a construção do Socialismo (MARIÁTEGUI, idem: p.55).

O estudo de Mariátegui partia do Peru, com especial atenção aos indígenas, e desenvolvia reflexões sobre o papel dos negros, mestiços e mulatos. Mariátegui julgava que os negros, na América Latina, não se encontravam no mesmo nível de discriminação racial que nos Estados Unidos.

A situação dos negros, na América Latina, era algo mais complicado, isso porque sua interação com a cultura dominante estava mediatizada pela presença mulata em todas as classes sociais, particularmente em países como Haiti e República Dominicana.

De igual forma, negou que a luta dos negros fosse uma questão de autonomia nacional, como havia determinado o PC dos Estados Unidos e depois o PCB em 1931, mas sim, que respondia a questões sociais locais, vinculadas à luta de classes. Igualmente, julgava que essa problemática, de maneira menos explícita que a indígena, constituía identidade além das fronteiras nacionais (MARIÁTEGUI, idem: p.65).

Por tudo isso, Mariátegui se opunha à construção de repúblicas nativas e negras no continente. A seu ver, a construção de um Estado Autônomo não significaria um Estado indígena proletário ou um Estado indígena sem classe,

mas resultaria em um Estado indígena burguês, com todas as contradições internas e externas dos Estados burgueses (QUIJANO, idem: p.199).

Mariátegui explica:

“Só o movimento revolucionário classista das massas indígenas exploradas poderia dar um sentido real à libertação de sua exploração, favorecendo as possibilidades da autodeterminação política” (MARIÁTEGUI, idem: p.71).

Apesar de acalorado debate não houve votação ou desautorização da opinião dos peruanos (ESCORSIM, idem: p.278).

Ampla polêmica nasceu sobre a I Conferência e a possível submissão e marginalização da Delegação Peruana, por conta da autonomia de suas ideias, o que levaria Mariátegui a refletir sobre a iminente derrota e planejar retirar-se de Lima para viver em Buenos Aires (ALIMONDA, 1983, p72).

O que se pode concluir é que havia polêmicas sobre os pontos de vista, especialmente no que tange à tática de revolução desenhada por Mariátegui e o papel dos camponeses indígenas. Essas questões estiveram em pauta, mas não houve nenhuma moção de censura ou sanção à Delegação Peruana ou às suas ideias (ESCORSIM, idem: p.281). Em carta de Hugo Pesce a Mariátegui, datada de 25 de junho de 1929, este narra sua opinião

“La discusión durante el Congreso así como en sesiones de Comité, se ha desarrollado, inútil es decirlo, dentro de un ambiente de la más franca camaradería, no sólo, sino que, contrariamente a suposiciones hechas por compañeros peruanos desterrados, ha habido la mayor comprensión de nuestros problemas, y un verdadero espíritu de cooperación por parte de los dirigentes” (PCEr, 2007).

Em Agosto de 1929, são publicadas no órgão informativo do SSA, “La Correspondência Sudamericano”, a “*Resolución de la I Conferencia Comunista*

Latino Americana sobre la situacion Internacional y los peligros de Guerra". O texto começa salientando que a Revolução Latino-Americana possui caráter democrático burguês; com a conquista da soberania nacional, reforma agrária, luta anti-imperialista entre outras tarefas. Mas deixa claro que a característica subordinada da burguesia nacional a impossibilitava de ser condutora desse processo. Salienta também, que a pequena burguesia era vacilante e, portanto, só o proletariado aliando-se ao campesinato, teria capacidade de realizar tais tarefas.

Nessa Resolução é reafirmado o ponto de vista de Terceiro Período expresso no VI Congresso e principalmente, a linha adotada por Stalin e Molotov em aliança com o alemão Thailman contra Bukharin, no X Pleno do Comintern. O Terceiro Período significava o momento de agonia do capitalismo, e que este se movimentaria de todas as formas para tentar sobreviver, isso significaria uma ação austera do Imperialismo contra os trabalhadores e camponeses com tendência a ampliação da exploração das colônias e semicolônias, o que inibiria seu desenvolvimento ampliando e fortalecendo os setores feudais e semifeudais e as relações trabalhistas semi-escravas. Tudo isso aconteceria com o controle da produção de riqueza aos interesses dos mercados e das forças imperialistas. (La Correspondencia Sudamericana, 1928. n15 p.9.)

Após X Pleno do Comintern, Bukharin é formalmente afastado de qualquer responsabilidade dentro de todos os órgãos políticos da IC e do PCURSS, e passa a predominar uma linha esquerdista. Nas Resoluções explicitava que os comunistas tinham de se aproximar dos movimentos das massas oprimidas, evitando o jogo das classes dominantes. Dessa forma criticava-se os desvios burgueses e pequenos-burgueses decorrentes das práticas eleitorais. O PCB foi criticado por ter transformado o Bloco Operário Camponês de movimento independente de massas, num processo de evolucionismo eleitoral e por desaparecer dentro do BOC. (DEL ROIO, idem.p128).

No caso mexicano, as Resoluções são mais taxativas em qualificar os governos nascidos da Revolução como governos que representavam o "Bloco das Quatro Classes" e que a tendência política da pequena burguesia como da burguesia-nacional liberal, seria firmar uma aliança com imperialismo que acabaria por desarmar os camponeses e devolver as terras aos latifundiários. Dessa maneira, a missão do PC mexicano seria a tomada da direção das lutas

populares das mãos da pequena burguesia e avançar na construção da hegemonia operária.

Na Argentina, o governo da União Cívica Radical de Hipólito Irigoyen, de base pequeno-burguesa, com apoios na burguesia nacional e sólida base popular era tratado como inimigo do povo e deveria ser combatido e derrotado. Tal postura inibiu os comunistas de participarem da resistência ao golpe militar do General José Félix Uriburu.(HENN, 2009, p.151).

As posições políticas da IC e do SSA tornam-se ainda mais isolacionistas com a derrota do grupo de Nicolau Bukharin, acusado de desvio direitista. E, assim o Comintern desenvolve uma luta por afastar todos os setores que teriam desvio direitista. Dessa forma em 20 de Setembro de 1929 é publicado no *La Correspondência Sudamericana* a “Carta Aberta a los Partidos Comunistas de América Latina”. O texto tem uma característica mais radical e esquerdista que as Resoluções anteriores: frisa a linha de Terceiro Período e a decorrente tática de Classe contra Classe, lembrando o caráter agônico do Capitalismo, faz a caracterização da Social-Democracia como Social-Fascismo e todos os movimentos e governos que tinham base pequeno-burguesa, como o governo revolucionário mexicano, são assim caracterizados.

Na leitura conjuntural feita pela IC, as contradições aguçadas das relações sociais empurrariam as massas populares à insurreição e, portanto, o papel dos PC's era se preparar para liderar as agitações, manifestações e greves que surgiriam no Terceiro Período. Dessa forma, os PC's deveriam evitar qualquer influência burguesa ou pequeno-burguesa e, assim sendo, deveriam ser afastados dos cargos de direção todos os membros que não fossem de origem operária.

Imprimia-se a bolchevização, que significava a transformação dos partidos latino-americano à semelhança do partido russo. Igualmente limitou-se qualquer produção teórica ou avaliação que fugisse à linha determinada pela Comitê Executivo da IC (CEIC) e pelo Comintern. (*La Correspondencia Sudamericana*, 1929. N.18. p 4/5)

“A partir dessa Resolução a palavra bolchevização passou a ser corrente nos textos de autoria dos comunistas dos países latino-americanos, com o sentido de depuração de todos os desvios a de direita” (HENN, idem 160).

Já em 1930, a revista *La Correspondência Sudamericana* é substituída pela *Revista Comunista*, que teria uma abordagem mais teórica e seria um elemento importante na orientação e na bolchevização dos partidos.

Nesse mesmo período também é definido que o Secretariado Sul Americano teria sua nomenclatura alterada para *Bureau* Sul Americano, e designado para dirigir o novo órgão August Guralsky, militante letão ligado ao grupo de Zinoviev, que havia ocupado cargos de destaque no Comintern e que após a derrota de seu grupo fez autocrítica e foi designado para essa atividade. Assumiria esta função juntamente com sua companheira Inês Guralsky.

Além da mudança de nomenclatura e da imprensa, o *Bureau* é obrigado a se transferir de Buenos Aires para Montevideu por conta do golpe militar e perseguição aberta a opositores e ao movimentos de esquerda.

Esse é o período marcado pela sectarização e isolamento político do Comintern, que recusa qualquer tipo de aliança ou entendimento prático com outros setores sociais que não sejam proletários e camponeses. E, ao mesmo tempo, exigem que os partidos se organizem enquanto partidos de massa, que tenham como ação a criação de Sovietes. O PCB chega a declarar que todos os intelectuais e operários cultos não poderiam pertencer à direção partidária (HENN, idem p177).

A conturbação do Terceiro Período leva os PC's a promover expulsões de lideranças, exigências de autocríticas de intelectuais e dirigentes e acaba por levar a diversos “rachas” que denunciam o burocratismo, obreirismo e sectarismo. A maioria desses grupos acaba aderindo às posições da Oposição de Esquerda de Leon Trotsky.

Também, nessa época, no intervalo entre o VI e VII Congresso, ocorrem dois processos importantes na história dos comunistas latino-americanos; a adesão de Luiz Carlos Prestes ao Comintern e a insurreição camponesa em El Salvador.

ADESÃO DE LUIZ CARLOS PRESTES ao COMINTERN

Luiz Carlos Prestes, o Cavaleiro da Esperança, fora líder da famosa coluna que percorreu o Brasil desafiando as forças conservadoras e seus governos. A Coluna Prestes expressou através de manifestos uma série de reivindicações que representavam os anseios dos setores médios da população urbana brasileira em especial dos grupos militares.

Após a vitória do levante liberal de Getúlio Vargas, recusou a apoiar ou participar do Governo e toma posições cada vez mais próximas da esquerda. Em 1930, emite Manifesto onde conclama uma Revolução Agrária e, também, apresenta extensa linha de apoio às reivindicações dos trabalhadores e crítico ao governo (PRESTES, 2015),.

O PCB neste momento caracteriza o Prestes e seus apoiadores como pequeno-burgueses, saúdam a manifestação política mas evitam o contato e mantendo uma postura arisca em relação a Prestes, como mostra o órgão informativo do PCB, *A Classe Operária* de 3 de julho de 1930.

“Mas apesar de sua nova posição, esses elementos revolucionários da Coluna Prestes não perderam a sua natureza de pequenos burgueses. É como pequeno burgueses que eles querem dirigir a revolução, porque não salientam no manifesto que a direção da revolução agrária e anti-imperialista tem de ser do proletariado” (HENN, idem 175).

A dissidência do PCB, o Grupo Lênin de Aristides Lobo, chega a fazer contato com o Prestes em Buenos Aires, o que é inclusive denunciado por *A Classe Operária*. Apesar da resistência do PCB, a direção do *Bureau Latino-Americano*, através de seus dirigentes Rodolfo Ghioldie e August Guralski, passam a fazer contato com Prestes.

Com o Golpe Militar a situação de Prestes fica perigosa em Buenos Aires e assim se muda para URSS, onde trabalha como engenheiro e estudo marxismo e vem a aderir a Internacional Comunista, em 1932.

Foto da Coluna Prestes. Fonte:Historianet.

<http://www.historianet.com.br/conteudo/default.aspx?codigo=296>

GUERRILHA em EL SALVADOR

No início de 1931 ocorre em El Salvador a eleição do Presidente Arturo Araujo, este ganhou o pleito com uma plataforma voltada a aplacar o descontentamento no Campo e a proposta de reforma agrária.

El Salvador estava abalado pela crise econômica que havia afetado profundamente o setor cafeicultor. Ao tomar posse, Araujo não consegue enfrentar a resistência dos latifundiários e nem satisfazer as reivindicações dos camponeses, com a isso a crise que era econômica torna-se política, com diversas manifestações e greves.

Aproveitando-se da fragilidade do presidente, o vice-presidente General Maximiliano Hernández Martínez lidera um golpe militar apoiado pelos latifundiários, o que aguça ainda mais a crise política.

O PC de El Salvador, sob a liderança de Farabundo Martí, conclama os operários e camponeses para um levante contra o governo Martínez. Ao mesmo tempo, tenta desenvolver vários contatos com os militares e o Comitê Central solta um manifesto conclamando o Exército a somar-se ao levante (LOWY, idem. p124).

Fiel a abordagem de Terceiro Período, o PCS toma a frente das ações políticas e militares. Após as eleições de fins de 1931, com sérias evidências de fraudes, o Partido Comunista parte a ação. Em janeiro de 1932 conclama a população à luta armada. Toma de assalto algumas pequenas cidades e guarnições, mas a adesão esperada das massas de operários e camponeses não ocorre e o Exército se mantém fiel ao comando.

Em menos de uma semana os grupos guerrilheiros, mal armados e mal treinados, foram facilmente derrotados pelo Exército de Martinez. Em 1º de fevereiro Martí e outros líderes foram executados.

TERCEIRO ENCONTRO EM MOSCOU e a POLÍTICA DE FRENTES POPULARES NA AMÉRICA LATINA

Não há material que ateste a existência de um Segundo Encontro, a hipótese é de que possa haver existido o Encontro mencionado por Alba no V congresso como sendo o Primeiro, o que é questionada por Claúdn, a outra possibilidade é a de Marcos Del Roio, que salienta que a reunião do SSA julho de 1930 fora considerado o II encontro de partidos da América Latina. Nesta reunião a Momenclatura foi mudada de Secretariado para Bureau Latino Americano.

O Terceiro Encontro de Partidos Comunistas é realizado em Moscou um pouco antes um mês do VII Congresso da Internacional e teve como tônica ajustar a transição e giro da política de Terceiro Período para o de Frentes Populares Antifascistas. O foco regional foi o debate sobre a possibilidade do PCB chegar ao poder derrotando o Governo de Getúlio Vargas através de uma Frente Popular: a Aliança Nacional Libertadora (ANL).

A Tática de Terceiro Período estão superada e o Relatório de Dimitrov colocava como centro da política a constituição de alianças amplas como continuidade das Frentes Únicas Operárias. Ao contrário das abordagens anteriores sobre a Frente Única, essa era muito mais ampla e incorporava setores da pequena burguesia, da burguesia nacional e mesmo do Imperialismo como aliados. A tônica era evitar a guerra imperialista e a agressão a URSS.

Na Frente cabia desde o proletariado até a burguesia anti-Guerra pois:

“La posibilidad de prevenir la Victoria Del fascismo depende ante todo de la actividad combativa de la clase obrera de la reunión de SUS fuerzas em um ejercito combatiente unco que luche contra la ofensiva de capital y Del fascismo” (VII congreso, 1984, p 166).

A leitura era de que a Alemanha e a Itália avançavam impondo um Imperialismo colonialista e belicoso, que teria como alvo central a derrota da URSS e a tática visava reunir todas as forças que pudessem ampliar as ações democráticas para se antepor ao avanço do fascismo.

A Internacional Comunista percebia, com certo atraso, tal qual a Social Democracia, o verdadeiro perigo que significava a ascensão Fascista. O relaxamento da Ditadura estalinista permitiu que Dimitrov e Palmiro Togliatti apresentassem um novo giro tático centrado no enfrentamento ao fascismo. (DEL ROIO, idem. 256)

As medidas elaboradas tinham como marca a política desempenhada pela aproximação dos Partidos Comunistas de correntes à Esquerda da Social Democracia e de outros grupos políticos opositores do Fascismo na França, Áustria, Espanha, Brasil e Chile, onde alianças amplas possibilitaram tirar a classe operária da defensiva e barrar o avanço das forças de ultra-direita e do fascismo (DEL ROIO, idem. 260).

A formulação de Dimitrov tenta ao mesmo tempo, acomodar as Resoluções do VI Congresso como uma continuidade e expressar uma necessária ruptura. Primeiro ele reafirma que a culpa da vitória fascista deve-se a Social-Democracia, mas, igualmente deixa claro que, na presente situação os Sociais-Democratas deixam a condição de principal inimigo para tornar-se aliados

“ O fascismo pôde chegar ao poder, antes de tudo, porque a classe operária graças à política de colaboração de classes com a burguesia praticada pelos chefes da social democracia, achava-se dividida, política e organizadamente desarmada, frente à burguesia que desencadeava sua ofensiva. E os partidos comunistas não eram sufuciente fortes para levantar as massas e

conduzi-las à luta decisiva contra o fascismo, sem a social democracia e contra ela (DIMITROV, abud DEL ROIO, idem.p 265).

Dessa maneira, há um giro na política de alianças que substitui o período de Classe contra Classe, e recoloca os partidos comunistas na disputa da sociedade. Isso obtém êxito nas alianças eleitorais na França, Espanha, Chile e, parcialmente, na política brasileira.

No caso regional da América Latina, há uma alteração na formulação política, em vez de apresentar uma tipologia esquemática da realidade de cada país e de qual tática este dever-se-ia seguir, como apresentado no informe Otto Kuusinen no VI Congresso, o relatório de Wan Ming, deixa aos comunistas, de cada país a formulação e elaboração sobre a sua própria realidade (DEL ROIO, idem. P 267)

Dessa maneira, a Questão Brasileira que desde a Revolução anti-oligárquica de 1930, acentuava a divisão dentro do país entre uma tendência de acomodação com as forças derrotadas e a continuidade do projetos desfraldados no processo revolucionário.

Uma franja de setores das classes médias estava descontente, somava-se a essa franja, alguns setores industriais, liberais, proletários de industrialização, e principalmente o médio oficialato (especialmente a base prestista do tenentismo) e boa parte da soldadesca. O movimento exigia medidas mais avançadas do governo como a Reforma Agrária, aumento de salários, planos rompimento dos laços com o imperialismo, manutenção do quadro do Exército e outras reivindicações (VIANNA 1995, p. 49).

Em 1934 surge, por iniciativa do PCB, a Aliança Nacional Libertadora, a ANL que representava o setor tenentista (Viana e Pinheiro) e demais setores radicalizados da sociedade brasileira. Este movimento não se propunha a derrota do Capitalismo ou a implantação de um Governo do Proletariado e Campesinato, mas a construção de um Governo nacionalista burguês tendo como principais metas a Reforma Agrária, o Anti-Imperialismo e a implantação de uma democracia liberal. (Correspondance Internationale, 1935 n. 44/45 p. 1705)

“L’ alliance de libération nationale, au Brésil, est, ce que était le Koumintang de Chine em 195 c’est-à-dire une coalition de plusieurs chasses représentées por leus organisations respectives ET groupées em um front uni contre l’imperialisme, Le tatifundieme ET Le fascieme: La difference est que dans Le Koumintang chinois, em 1925, une dès principales forces Du front nacional était la bourgeoisie nationale, tandis que l’initiative de la creation de l’Alliance de liberation nationale, tandis appartenail ao mouvement ouvrier (La Correspondance Internationale, 1935 p 1705)

O fato é que apesar de o presidente da ANL, Hercolino Cascardo, ser um liberal conhecido, a principal figura pública era Luiz Carlos Prestes, líder incontestado dos levantes tenentistas na década de 1920, pessoa admirada e querida junto ao povo brasileiro e desde os inícios de 1931, membro do Comintern e conclamado como Presidente de Honra da ANL (VIANNA idem p.33).

O Governo Getúlio Vargas hostilizou a ANL, censurando e atacando seus comícios e atos públicos; reduzindo seu espaço legal, forçando a sair da propaganda e ir a um enfrentamento com o governo. Esse confronto ocorre a partir de uma quartelada em Natal e depois com um levante precipitado no Recife e no Rio de Janeiro, que em poucas horas foi plenamente dominado (VIANNA idem p58/9).

O interesse de Getúlio Vargas era provocar essa ação, (a base da sociedade era fortemente conservadora reticente a qualquer mudança estrutural) e visava conseguir espaço para implementar seu projeto, ao mesmo tempo, o seu projeto político não era muito diferente do expressado pela ANL. Porém havia evidentemente o componente pragmático de quem está no poder é o de fazer a real política e quem está na oposição apenas a propaganda de sua política, dessa forma para evitar a disputa de bases sociais Getúlio opta por derrotar a ANL.

O fato é que a ANL e o PCB marcharam para o isolamento político. Se no início se apresentava como movimento democrático que propunha dar

continuidade as consignas do Levante de 1930 - o que lhe garantiu apoio e simpatia junto a parcelas da população - paulatinamente foi abandonando o terreno da legalidade para construir uma ação armada sem respaldo ou amplitude de massas.

Facilitaram a repressão permitindo a Getúlio Vargas o mote que queria para implementar em torno de seu Governo, um discurso de unidade nacional contra insurreição comunista internacional.

Marly Vianna chama atenção para a falta de projeto político do levante de Natal e para o caráter conspirativo e amador do levante na Praia Vermelha (Vianna idem, p82). Os dados apresentados por Ronald Chilcote (CABALLERO apud, 172) e a conclusão que chega Caballero é de que a ANL era uma frente hegemônica pelo PCB tendo por principal base social os militares prestistas. A tentativa de ampliação da frente para conquistar os sindicatos, como pode ser observada na fala de Fernando Lacerda, não recebeu empenho por parte da ANL e dos comunistas (HENN idem p.188).

O caráter do movimento possui duas versões a primeira que atribui a avaliação do Comintern (Manuisky) e de Prestes, que sofreria uma tendência a uma concepção *pushista* da luta política e optado pela via militar e como o mesmo Prestes disse em entrevista em 1984 ser mais fácil recrutar nos quartéis do que nas fábricas (Pinheiro, idem. p308) (PINHEIRO, 1992, CABALLERO, 1989, VIANA, 1994).

A segunda versão compreende ter havido uma apresentação fantasiosa das condições de luta pela Delegação Brasileira chefiada por Antonio Bonfim, o Miranda, Secretário Geral do PCB. Ele teria exagerado o informe; o Comintern e Prestes acreditaram sem verificarem a informação (PRESTES, 2005 DEL ROIO, 2003).

Getúlio Vargas aproveitou-se, dessa situação, para definir sua estratégia de ação para, pouco meses depois, implantar o Estado de Sítio e a suspensão dos direitos constitucionais. Fez isso respaldado na propaganda engenhosa do Levante como uma orquestração de Moscou e no respaldo das temerosas forças conservadoras da sociedade brasileira.

O que chama atenção, na análise do levante brasileiro é a disparidade entre a linha adotada pelo PCB e o Comintern. O PCB não promulgava a linha do VI Encontro que excluía qualquer aliança com as classes médias ou com a

burguesia nacional, também desencadeou um movimento de Frente Popular antes da virada tática do Comintern como acenou o VII Congresso.

O PCB implementou um processo visando a tomada do poder com um bloco de classes que contava apenas superficialmente com setores da burguesia nacional brasileira, onde a hegemonia do movimento era a sua base de sustentação política.

Sendo notório, também elementos contraditórios; ao mesmo tempo em que a base de sustentação da ANL era o prestismo, esta agremiação não colocava em pauta a tomada do poder pelo proletariado mas, ao contrário, visava uma ação que beneficiava, em última instância as frações da burguesia nacional democrática e antifascistas.

Apesar das saudações no VII Congresso, a ANL (como exemplo de Frente Popular) a marca militar se coadunava mais ao perfil e às tradições prestistas e de Dmitry Manuisky (PINHEIRO idem 109).

Por sua vez - além da experiência política da Frente Popular brasileira - é apresentada no VII Congresso pelo representante chileno a adesão do PC Chileno à Frente de Esquerda em seu país, nas palavras de seu representante Carlos Contreras:

“Teniendo por base AL potente movimiento popular contra los trusts norte americanos contra El pago de lãs deudas exteriores de El estado y por la defensa de lãs libertades democráticas. Há surgido El bloque llamado de “izquierda” com um programa antiimperialista y anti-reaccionário que há sido creado gracias a la union política de los elementos nacinal reformistas y nacional revolucionário” (VII Congresso, idem p443).

O Chile havia passado pela Ditadura do General Carlos Ibanñez, derrubado após a crise econômica de 1929 combinada com a substituição europeia do salitre natural pelo salitre sintético - principal base da produção chilena - afetando profundamente a economia chilena.

A instabilidade econômica tinha gerou manifestações de descontentamento em todas as classes sociais, e provocou a queda do ditador, tendo na esteira da

instabilidade e na busca de acomodação política uma sequência de golpes: entre quais se destaca o do Coronel Marmaduke Grove, que durante quase um mês protagonizou um Governo Socialista.

O PC chileno dividia-se em dois setores: a ala ligada ao Comintern comandada pelo Senador Elías Lafertte, e a ala ligada a dissidência trotskista do Senador Manuel Hidalgo. A ala oficial, comungando com as decisões do VI Congresso, preferiu opor-se ao Governo Socialista enquanto a ala dissidente teve a postura de apoio crítico.

Após a queda do Governo Grove há uma relativa acomodação política com o Governo de Arturo Alessandri Palma. Por seu lado as classes trabalhadoras continuam exercendo mobilizações e novos arranjos políticos. Nesse momento é fundado com vários agrupamentos dispersos (inclusive o PC Hidalgo), o Partido Socialista do Chile, também é organizada a partir de sua iniciativa, a Frente de Esquerda.

O PC chileno, até então afastado de qualquer aliança com outros setores de Esquerda, adere à Frente de Esquerda e ajuda a convertê-la em Frente Popular. Na Convenção interna para escolha de candidato a Presidência da República, o PCCh é o fiel da balança e inclina-se à candidatura de centro do Partido Radical, Pedro Aguirre Cerda que ganhará o governo em 1938 (BROUÉ, idem p892).

Victor Alba atenta à situação complicada em que viveu o PC chileno após o acordo Stalin-Ribbentrop, pois a Frente tinha uma forte atuação antifascista e a posição do PC girou para denúncia do Imperialismo americano (ALBA idem p 183); inclusive com a saída do PC do Governo só se realinhando em 22 de junho de 1941, com a invasão surpresa da URSS pelo Exército alemão.

Em Cuba, outra região do continente em que há uma crise de governabilidade anunciada, a Ditadura Geraldo Machado, famosa pela sua violenta repressão contra os trabalhadores, entra em colapso com a depressão econômica. Greves e manifestações acontecem em todos os pontos da Ilha até que uma greve seguida de uma levante popular destitui o ditador em 1933 e elege em assembleia o professor e defensor dos direitos humanos Grau San Martín.

O novo Presidente toma uma série de medidas populares como o direito ao voto feminino, nacionalização e distribuição das terras, abole a emenda Platt, que permitia os EUA ocuparem a ilha quando de situação de abalo social.

O governo de Martin é composto por um leque amplo de alianças que vai de setores conservadores, como os ligados ao Sargento Fugêncio Batista, até grupos socialistas (BROUÉ, idem p798), a tendência predominante é de um nacionalismo à Esquerda.

O PC cubano segue à risca a linha de Terceiro Período e sob a orientação de Guralsky, dirigente do *bureau* Latino-Americano, promove a criação de Sovietes artificiais: faz campanha contra o Governo pequeno-burguês de San Martin “que defende os interesses dos capitalistas, dos grandes proprietários e do Imperialismo” e propõe a derrubada do governo (BROUÉ, idem p798).

Em janeiro de 1935, pouco antes do VII Congresso, o Governo é derrubado por um golpe de Estado liderado pelo então Coronel Fugêncio Batista. Ele aplica um Governo conservador apoiado pelos EUA. A Ditadura Batista passa a ter a oposição dos setores nacionalistas, progressistas e de Esquerda.

Até que em 1938 um artigo escrito por Adeb Brooks, na revista teórica do Comintern, divulga que Batista vinha perdendo apoio junto as classes ricas e ao Imperialismo estadunidense, que estava mudando de postura e abriria o diálogo com outros grupos políticos (BROUÉ idem. p.799).

O PC cubano, após o VII Congresso, tenta aproximar-se do ex-presidente Grau San Martin e mantém com este, várias conversações buscando construir uma Frente nacional. Porém, após o artigo de Brooks, o PC abre contato o Ditador. Blas Roca, principal dirigente do PCC e membro do Comintern, vai visitá-lo e tabulam longa conversa onde fica acertada a colaboração. Neste momento a idéia predominante no PCC é que Batista segue uma linha externa antifascista e o ditador passa a ser considerado como expressão das forças progressista, é apresentado o lema “ Com Batista, contra a reação” (La Correspondance Internationale, 1935, número 17 p. 150)

Como parte do acordo, a Central Sindical é legalizada, o jornal do PCC volta a circular sem censura e membros do PCC são indicados para compor o Governo (CABALERO idem p189).

O efeito do VII Congresso apontava para a colaboração de classe, não sendo à toa que, pouco tempo depois, que por indicação de Blas Roca, o Partido Comunista de Cuba passa a se chamar Partido Socialista e Popular, declarando que a luta de classe e o imperialismo haviam terminado.

O mesmo caminho foi tomado pelo PC venezuelano diante do Governo conservador de Lopes Contrera. Até 1937 os comunistas venezuelanos atuavam em algumas legendas trabalhistas de Esquerda e apenas neste ano conseguiram organizar-se enquanto partido político.

O Governo Contrera era uma composição política que abarcava de liberais à fascistas. A avaliação do PCV era de, apesar da composição conservadora, o Governo Contreras não se guiava pelas ideias da Direita fascista e sustentava a democracia liberal na Venezuela.

Dessa forma se propôs a colaborar com o Governo e apoiar a indicação do candidato de Contreras desde que estivesse afinado com os mesmo ideais democráticos. Lopes Contrera indicou o Coronel Isaias Medina, de fortes inclinações fascista. O PCV não tinha como apoiar esse nome.

Após as eleições, houve a entrada dos EUA na Guerra. A política do Governo Medina se inclinou em favor dos EUA, o PCV apresenta em sua imprensa nota de apoio a essa medida do Governo, pouco tempo depois passou de apoio crítico a uma adesão mesmo, a compor, listas eleitorais em comum com partidários de Medina.

Como decorrência dessa política de acomodação das lutas e da conciliação de classes, o PCV muda de nome passando a se chamar Partido Social-Democrata e seu líder, Juan Bautista Fuenmayor Rivera, propôs abrir mão da luta pela Reforma Agrária, da luta anti-imperialista e da soberania nacional para um bom funcionamento das instituições democráticas da Venezuela.

Caballero chama atenção que muita dessas medidas foram atribuídas erroneamente ao líder do PC dos EUA, Earl Browder, (LOWY, idem p.32-35) mas, na verdade, eram *démarche* da própria resolução do VII e da consequente política de alianças da URSS..

Stalin julgava que o presidente dos EUA, Franklin D. Roosevelt, era antifascista que acreditava ser a política da Alemanha prejudicial, aos interesses dos EUA. Dessa forma proporcionou que a política dos PC's, das Américas, fosse de divulgação e propaganda (diplomática) das boas intenções e relações dos comunista (CABALLERO, idem. p201).

Fonte: L'a Internacionale Communiste Archives

O PACTO HITLER – STALIN e a CONSEQUÊNCIAS NA AÇÕES DOS PC's entre 1939 – 1941

Na madrugada de 24 de agosto de 1939, sete dias antes do estopim da II Grande Guerra, o Chanceler alemão Joachim von Ribbentrop e o Soviético Vyacheslav Molotov assinam o famoso Pacto de Não Agressão e de respeito às fronteiras entre a Alemanha Nazista e a URSS.

O interesse da URSS era evitar a qualquer custo a invasão do poderoso Exército alemão do seu território. isso justificava o Pacto. Desde antes dos VII Congresso que os comunistas realizaram um giro em sua política; destacando como centro de sua tática a construção de Frentes Populares Antifascistas.

O acordo com Alemanha nazista foi celebrado ao mesmo tempo Ernst Thälmann e outros milhares comunistas e operários alemães estavam presos; muitos dos repúblicanos espanhóis eram executados pelos fascistas espanhóis, de igual forma toda a política de aliança desempenhada pelos PC's na França, Cuba, México, Chile e outros países tinha como base a Frente Única contra o Fascismo.

O acordo pegou de surpresa todo o mundo comunista e não comunista e gerou questionamentos, críticas e novas rupturas.

Essa nova situação exigia que houvesse argumentos sólidos. Baseava-se no pressuposto que a iminência da eclosão de uma Guerra Interimperialista entre nações queriam manter suas fronteiras e interesses preservados: a Alemanha e aqueles que queriam expandir seus impérios, lê-se aí os EUA, Inglaterra e França.

A situação torna-se especialmente grave na França - nos demais países da Europa - onde em poucos meses os exércitos nazistas esta controlando de Paris. Nesse momento o PCF é o mais importante da Europa, com 300 mil militantes, partido com forte representação sindical e parlamentar.

O mesmo PCF, que através de seu líder máximo, Maurice Thorez, o criador da Frente Popular em 1934, há poucos meses conclamava o enfrentamento aos bandos de desordeiros e Fascistas, é agora quem propõe uma única tática: a edificação de um Governo do Povo em Vichy, estabelecer relações fraternais entre o povo francês e alemão e a partir daí negociar a libertação do restante do país com a Alemanha nazista (CLAUDÍN ,idem p.341).

Fernando Claudín relata que o importante dirigente do Comintern e da URSS, Molotov, vai além, propõe que o povo francês cure as feridas da guerra; e enfatiza o papel que o Pacto Germano-Sovietivo desempenhou nas vitórias alemãs:

“Este acordo que nosso governo cumpre estritamente eliminou a possibilidade de fricções nas relações soviética-alemãs quando da aplicação das medidas soviéticas ao longo da nossa fronteira ocidental e, ao mesmo tempo, assegurou à Alemanha a certeza da calma no leste europeu” (CLAUDÍN, idem p. 257).

Se a situação na Europa foi de confusão até 22 de junho de 1941, na América Latina também não foi diferente. No Congresso do PC uruguaio, Eugênio Gomes conclama a todos os amantes da paz para luta à Guerra Imperialista e em defesa da URSS; Blas Roca do PC cubano, defendia que Cuba deveria manter-se neutra e à margem da Guerra. Miguel Angel Velasco, do PC mexicano, discursa em 21 de junho de 1941:

“Esta guerra es una guerra por completo ajena a los intereses del pueblo mexicano, por que uno y otro bando se disputan al dominar y explorar el mundo” (ALBA, 1964, p224).

A posição de Ernesto Giudici, destacado dirigente do Partido Comunista argentino é mais sofisticada; justificando a guerra - que se passava culpando os EUA e a Inglaterra por tirarem o espaço de outras nações e por isso essas recorriam ao Fascismo como uma forma de manifestar sua recusa à ação Imperialista (LOWY, idem p 160/1).

Novamente os PC's no isolamento. O exemplo mais notório é a posição do PC chileno que rompe a sua participação na Frente Popular, só voltando a participar novamente em 1943, com a nova Frente Popular que recebeu o nome de Alianza Democrática.

O ataque surpresa do Exército Nazista à URSS, em 22 de junho, faz com que os PC's retornem à posição anterior, a de países democratas contra países fascistas. Partir dessa data passam a convocar os seus Governos e as forças democráticas a lutar contra os inimigos da paz e da democracia.

FIM DA LUTA DE CLASSES: BROWDERISMO

Após o VII Congresso a Linha política de Colaboração de Classe assumida pela IC ganha brilho pessoal com as Teses veiculadas pelo Secretário Geral do PC dos EUA, Earl Browder, passaram a ser referência a vários partidos comunistas da América Latina. Sua influência foi vasta sendo presente em documentos e servindo como argumento de autoridade em debates.

Essa influência continuou até abril de 1945, quando um artigo de Jacques Duclós sobre a dissolução do PC do EUA é publicado no órgão teórico do PCF, *Cahiers Du Communisme* e rapidamente (a sua influência) começa a derrocar. As ideias de colaboração de classe não eram uma originalidade de Browder, mas expressão da própria política da IC.

Mauricio Thorez, membro e iminente do Executivo da IC, o “inventor da frente Popular” por diversas vezes propôs que todos os obstáculos à reconciliação nacional (entre patrões e trabalhadores), deviam ser eliminados: que o papel do PCF era ajudar a superar a divisão de classe e apoiar a reconstrução nacional (CLAUDÍN. idem. p342).

Na edição de 1º de maio de 1942, do órgão teórico do Comintern, sai um artigo mostrando que a leitura que se fazia de Marx sobre a divisão social entre proletários e burgueses estava superada. O centro da questão era a divisão entre países opressores, expressos pelo fascismo, e nações democráticas que o combatiam. O papel do 1º de Maio deixava de representar a luta dos trabalhadores para expressar a união de todos os homens honestos e comprometidos com a democracia.

E como assinala Caballero o texto de dissolução da Internacional finaliza conclamando à derrota do hitlerismo (nação opressora) e à amizade entre as nações (democráticas): ou seja o caráter democrático dos regimes possibilitava a superação dos conflitos internos e a evolução dos povos.

Com efeito, nesse mesmo momento histórico, os comunistas argentinos por identificarem o Governo de Juan Perón como aliado do Bloco Fascista, Victório Codovilla, propõe uma insurreição para derrotar Perón e instalar um Governo de União Nacional onde participariam todas as forças progressistas “desde los capitalistas hasta los obreros, desde los conservadores hasta los comunistas” (CABALLERO, idem p.198).

No Chile, o PC chileno, que vivia o governo democrático de Aguirre Cerda propõe neste documento

“despues de la guerra y una vez asegurada la independencia de cada pais, em lugar de uma lucha aberta dentro de cada nación para descargar lãs conaccuencias de la guerra sobre uma determinada clase o capa social (hasis ahora ES há descargado sobre la clase obrera y lãs masas laboriosas) la reconstruccion de la vida economica se hará sobre la base de la colaboración y Del esfuerzocomún de toda la población y com la ayuda exterior de los países economicamente mais fuertes(...) em los países coloniales, semicoloniales y dependientes – este último es el o caso de los países da América latina- se realizará no uma política de mayor colonización y dependência, sino uma política de colaboración y ayda tendiente AL desarrollo de la economia nacional y a la plenitud de la independência nacional” (CABALLERO, idem, 198).

Pode se notar que o PCCh e o PCA eram partidos que aderiram à IC no seu primeiro momento em 1919, tinham um Centro Dirigente consolidado, não podiam ser acusados de serem influenciados pelo pensamento de Earl Browder, como era o caso dos jovens PC's da Colômbia e Venezuela. Ou seja, essas agremiações apenas traduziam o espírito do tempo da moribunda Internacional Comunista. (CABALLERO idem p183).

De igual maneira, Earl Browder apenas expressou o mesmo ponto de vista dos PC's francês, chileno ou argentino adaptando-o a realidade dos EUA. E a sua projeção internacional veio através da autoridade de Giorgi Dimitrov, Secretário-Geral do Comintern que o saudou como o marxista mais importante da língua inglesa e definido-o um “pensador brilhante”.

As Teses de Earl Browder promoveram uma revisão no marxismo no período de Guerra, tendo como função a avaliação política o acordo firmado entre Josef Stalin e Theodore Roosevelt. Em sua análise política haveria uma colaboração intrínseca entre o campo socialista e os Estados Unidos (LOWY, idem, p32) o dispensava a necessidade do PC dos EUA e justificava a sua dissolução.

Outros partidos como o mexicano, cubano e venezuelano chegaram a mesma conclusão.

As premissas a Colaboração de Classe e a Democracia como instrumentos para superar os conflitos internos. “La división de clase y los agrupamiento políticos no tienen ahora significado” (CABALLERO, idem p203).

Browder propunha um resgate da vocação democrática dos fundadores dos EUA que comporiam assim um campo progressista contra os interesses reacionários. Igualmente, julgava que ação de um partido comunista nos EUA não tinha importância, pois o principal partido político dos estadunidenses era a tradição; assim em 1944 conseguiu dissolver o PC dos EUA e a juventude propondo que disputassem a sociedade e a tradição na qualidade de movimento.

Browder foi coerente, ao compreender o que significava os acordos de Teerá e alta Preconizavam uma política dos vencedores para estabelecer a paz. De igual forma o fim da IC como Partido Mundial da Revolução colocou como *démarche* o fim das suas Seções nacionais. Como bem concluíram, além de Browder outros comunistas.

Quando ocorre mudança de humor entre URSS e EUA, a Política de Colaboração de Classe recua e Browder é afastado da Secretaria-Geral do PC e depois expulso.

O PC dos EUA foi reorganizado, todavia jamais recuperou a importância que teve na década de 1930, especialmente a simpatia de artistas e intelectuais, quando conseguiu protagonizar vários atos contra a Guerra e enviar combatentes nas Brigadas Internacionais na Espanha Republicana.

Caballero e Lowy demonstram que a Política de União Nacional não foi uma criação de Browder e cabe ressaltar que o peso dos comunistas nos EUA era ínfimo, incapaz de produzir qualquer impacto ou alteração na sociedade estadunidense.

No caso da América Latina, a tática de Frente Popular e de União Nacional produziram dois efeitos: Um visou colaborar com diferentes setores da burguesia e oligarquia e seus Governos, dessa maneira os comunistas participaram do Governo de Fugêncio Batista em Cuba, e também realizaram aproximações e adesões aos Governos da Colômbia, Venezuela e Chile. Em segundo, visava propagandear a nova política junto aos EUA, mostrar que

eram um aliado confiáveis, o que não foi levado a sério pela Inteligência estadunidense que julgou tratar-se de uma manobra ou artifício político (CABALLERO idem p. 209).

CONCLUSÃO.

O Socialismo Latino-Americano foi desenvolvendo-se em decorrência do abismo social e as gestões autoritárias que eram as sociedades oligárquicas, agrárias e em muitos casos escravistas. A primeira abordagem realizada pelos pioneiros sociais foi um trabalho pedagógico junto às classes dominantes, tentando convencê-las da necessidade de uma estrutura social mais humana e menos desigual. Dessa maneira, suas intervenções e propostas apontavam para a construção de colônias agrícolas, icarias e falastérios. Obras perfeitas da imaginação humana, mas que se mostraram utópicas e redundaram em fracassos quando postas em prática.

Mesmo tendo como referencia pensadores como Saint-Simon, Fourier e Orwen, há uma evolução na abordagem e já no início dos anos de 1840, os socialistas buscam sair do plano do imaginário e pleitear planos de ações praticas, de modo a abrir espaço para que o Socialismo deixasse de ser um projeto imaginário para tornar-se um projeto político.

Ao mesmo tempo, conforme as relações comerciais, financeiras, industriais e urbanas vão se desenvolvendo foi se constituindo um proletariado explorado e desprovido de direitos sociais e trabalhistas. Este proletariado impulsionado pela forças das idéias e experiências de correntes imigratórias se aproximou de idéias democráticas radicais, reformistas, anarquistas, socialistas e comunistas em suas variadas vertentes.

Já no início da década de 1860, esse jovem proletariado conhece suas primeiras ações econômicas e políticas dentro da América Latina. Dessa época data as primeiras imprensas, círculos políticos e a formação de sindicatos. Já na década de 1870 é reconhecida a seção de Buenos Aires como membro da I Internacional (AIT). Neste momento podemos firmar como fizeram Carlos Rama e Founert Bentacoud, o ponto de encontro entre o Socialismo latino-americano e o Socialismo marxista. A seção de Buenos Aires foi responsável pelo importante trabalho de divulgação do Socialismo e da Organização dos Trabalhadores, no território argentino e também em países como Chile, Brasil, Paraguai e Uruguai. Ao mesmo tempo reproduziu-se no continente o ambiente político entre as correntes “Libertárias” ligadas ao anarquismo e as correntes “Autoritárias” ligadas a Karl Marx.

O fim da I Internacional e a fundação da II Internacional promoveu-se a criação de diversos partidos e coletivos socialistas em países como Argentina, Cuba, Chile, Uruguai, Brasil e México. Estes partidos serão o ambiente propício para difusão do marxismo e são um espaço de síntese entre os pioneiros sociais e a geração mais nova referenciada nos debates da II Internacional. Desse novo modelo organizativo nascerá, o Partido Socialista Argentino e o primeiro programa para transformação da realidade de um país na América Latina.

A Revolução Mexicana ampliou a politização de várias camadas do proletariado e também do campesinato que se aproximaram do ideário Socialista. No mesmo momento histórico, a I Guerra e a Revolução Russa traumatizou a ilusão no mundo europeu civilizado que servia como modelo aos países latino americanos e coloca à frações das vanguardas socialistas a perspectiva de poder e um modelo de organização para essa empresa, a saber: o Partido Comunista e a III Internacional Comunista.

Durante um breve período de dez anos (1918 à 1928) foi fundado partidos comunistas em vários países latino que se vincularam como membros ou simpatizantes a III Internacional Comunistas. O modelo organizativo da III Internacional era de um partido mundial e os seus partidos nacionais eram seções submetidas à disciplina Internacional. Aqui nasce o diapasão, entre a análise mundial e a tática nacional, tem-se com efeito uma tensão entre as seções nacionais e a centralização da direção internacional.

A subordinação as exigências internacional jogou muitas vezes os jovens partidos e suas direções formadas por intelectuais e estudantes de classes médias em práticas deletérias e sectárias. Isso foi reforçado quando da deliberação de que toda estratégia estava subordinada a defesa do Socialismo em um Só País e a defesa da URSS como o centro da política da III Internacional. O último período da III Internacional buscou-se flexibilizar essa tensão e a rigidez disciplinar, mas a política determinada de “Frentes Populares” apontou para outro caminho, o da diluição dos PC’s dentro das frentes hegemônicas por correntes democráticas burguesas e a convivência pacífica com as burguesias democráticas. Ou seja, a flexibilização tática não significou a valorização da relação nacional, mas adaptação política as burguesias locais.

Ao anunciar o fim da III Internacional, os comunistas latino-americanos publicaram em seus órgãos de imprensa duas explicações. A primeira afirmava tratava-se de um gesto de boa vontade da URSS em relação a seus aliados, e, a segunda, que desde o Relatório Dimitrov no VII Congresso, a flexibilização das relações do Comintern e seus afiliados a dissolução já tinha acontecido na prática,, a notícia era apenas pró-forma.

Igualmente declararam que a IC não funcionava mais como um Centro Dirigente, era apenas uma referência simbólica.

A III Internacional chegou ao fim após vinte e quatro anos de sua fundação e promessa de ser o Partido Mundial que desencadearia a Revolução Mundial, e substituiria a sociedade burguesa pela socialista.

No plano latino-americano, as organizações políticas que foram fundadas por Julio Antonio Mella, Manabendra Nath Roy, Sem Katayana, José Panelon, Astrogildo Pereira, Carlos Baliño, José Paredes, Luiz Recabarren, Farabundo Martí, Otávio Brandão, José Carlos Mariátegui entre outros, sofreram severas mudanças de Imaginário, objetivos e perspectivas ideológicas e políticas.

Os Partidos e o Comunismo Latino-Americanos nasceram inspirados nas lutas internacionais e locais e ganharam projeção e inspiração com o advento da Revolução Russa. Foi um crescimentno paulatino distante da Internacional Comunista. Aos poucos foram se aproximando até que foram incorporados à lógica do Comintern. O Secretariado Sul-Americano foi organizado quando da vitória do grupo estalinista sobre o PCURSS e a Internacional Comunista.

”Assim, no momento em que a crise econômica e política perpassava todo o continente, nos estertores dos anos 20 o encontro com a IC, sob o controle da direção stalista, significou uma limitação das possibilidades de inserção histórica autônoma da classe operária na América Latina”
(DEL ROIO, idem.p 129)

Decorre desse fenômeno a crescente monopolização e homogeneização ideológica, limitando o espaço para políticas que não fossem a reprodução automática e vertical dos grupo hegemônico. O marxismo e o comunismo latino-americano tiveram poucos espaços para seu desenvolvimento teórico e prático, transformou-se naquilo que Mariátegui temia: “decalque e cópia” de outros modelos

A IC concluiu como análise que o proletariado latino-americano estava subordinado ao futuro do proletariado dos EUA. Dessa forma os países latinos foram classificados em Colônia e Semi-Colônias (primeiro do imperialismo inglês e depois do imperialismo dos EUA).

O PC dos EUA importância reduzida na sociedade estadunidense, se se comparar com alguns países da América Latina, percebemos que a participação política dos partidos latino-americanos foi bem mais significativa em influência e intervenção de que seu irmão do Norte. No Equador participaram de um governo de reconstrução nacional, o partido salvadoreño de Farabundo Martí, liderou uma luta guerrilheira, no Brasil e no Chile os PC's foram expressões de massa.

Todavia há de se ter em conta que os partidos comunistas influenciaram pouco as sociedades Latino-Americanas. Um dos fatores centrais para essa inibição política foram as limitações impostas pelo Comintern que bloquearam e inibiram investigações sobre as sociedades e situações nacionais. Intelectuais com produções próprias sofreram censura, foram marginalizados e expulsos de seus partidos. As táticas de giro também criou imensas dificuldades, impossibilitando criação de projetos de fôlegos.

Quando as revoluções na Europa e China recuaram, o Comintern declarou “a Descoberta da América”. Quando isso foi feito, já havia partidos comunistas organizados desde 1918, como o argentino, chileno e mexicano e outros foram feitos um pouco depois como o uruguaio, brasileiro, cubano e costarricense. É importante destacar, que o Primeiro Encontro de PC's da América Latina teve como resultado a substituição de quase todos os dirigentes acusados de Pequeno-Burgueses e a colocação em seus lugares de jovens operários inexperientes que longe de ampliarem a influência política a reduziram.

De igual forma, quando a tática de Terceiro Período foi substituída pela de Frentes Populares, os inimigos de ontem se converteram em aliados, o Imperialismo deixou de ser preponderante e os papéis dos partidos foram reduzidos a propaganda da aliança entre a URSS e o EUA. Após o acordo Stalin e Hitler, o anti-fascismo sai da pauta e entra a defesa da Paz e a denúncia de que a II Guerra Mundial é um conflito entre-imperialismos.

A invasão da URSS recoloca a luta anti-fascismo no centro da estratégia e a necessária aliança entre os EUA e a URSS como prioridade à construção da

Paz. Isso mobilizará os PC's em outra direção: a União Nacional, que foi levada a cabo mesmo com Governos ditatoriais como o brasileiro e cubano ou conservadores, como o venezuelano e colombiano. Os partidos comunistas se converteram em centros de reprodução de políticas vindas de cima para baixo: sendo que não raro expressavam equívocos grandes, resultado de um conceito vazio," a bolchevização", que não recebeu uma definição afirmativa. (HAJEK, 1987,p28).

II

Aldo Agosti analisa dois textos, o primeiro é o pronunciamento de Leon Trotsky em 24 de janeiro de 1919, feito na rádio do Governo Soviético, esse texto reproduzido e publicado no mesmo dia e tinha como base a conclamação a vários agrupamentos políticos para a fundação da Internacional Comunista.

O segundo texto é um pouco anterior data de 27 ou 28 de dezembro de 1918. Lênin dá orientação à Tchitcherin, Comissário dos Assuntos Internacionais, do Governo Bolchevique, para que sejam chamados vinte partidos e organizações para fundar a III Internacional. Ali estava o mapa do movimento comunista em formação e este tinha como plataforma básica os textos "O que quer Spartacus", de Rosa de Luxemburg, que será adotado como Programa pelo partido alemão, e o texto "Teoria e prática bolchevique" de Lênin (AGOSTI, idem,p.47). A ideia central era construção de um campo político que se contrapusesse ao Reformismo e afirmasse uma nova perspectiva.

Nesse mapa político agrupavam-se correntes que iam do Centrismo Social-Democrata de Seratti, passando por organizações da Social-Democracia de Esquerda, partidos comunistas recém fundados até grupos e correntes do anarquismo (AGOSTI, idem p.48).

O centro da ação política era o fato de a Revolução de Outubro ter plantado um divisor de águas no Movimento Proletário e no Marxismo, funcionando como pólo aglutinador de todas correntes de pensamento que se contrapunham ao Capitalismo e ao Reformismo. Este era o material político que deveria formar a nova Internacional (AGOSTI, idem, p70).

Bruoé comenta em seu livro sobre a História do Partido Bolchevique, que de seu X Congresso, mesmo predominado um clima de cobrança de mais democracia as resoluções proibiram as manifestações de suas tendências. Conforme as derrotas foram se somando, as discussões deixaram o campo da

teoria para o campo da ação policial, as divergências passaram ser motivos de críticas, auto-críticas, expulsões chegando à eliminação física de toda a velha guarda bolchevique (BROUÉ, idem. p899). O historiador Pierre Broué credita boa parte do processo de aparelhamento da Internacional à morte prematura de seus fundadores. Segundo ele, aquele era um momento fundamental em que as perdas como de Rosa de Luxemburg e Lenin deixaram um vazio de referências permitindo o aparelhamento pelo grupo estalinista (BROUÉ, idem. p438).. O historiador também levanta dúvida se a Internacional, na prática, foi alguma vez algo além da política externa da URSS.

O controle da Internacional pelo grupo estalinista é definitivo após o X pleno do Comintern e coroado no VII Congresso da Internacional Comunista; a abertura do Congresso com saudações ao grande líder e mentor do proletariado mundial, Stalin, e a ausência de qualquer debate profundo mostram que a partir de então a III Internacional era um partido único.

As seguidas políticas de viradas foram determinadas conforme o interesse do Estado Soviético e não de acordo com o interesse ou estratégia da Revolução. A sua dissolução durante a II Guerra repetiu na prática os mesmos métodos que passaram a Social-Democracia com as potências mundiais na I Grande Guerra.

“Sua essência é idêntica à da coincidência entre os interesses dos partidos socialdemocratas e suas respectivas burguesias na primeira guerra mundial. Cada socialdemocracia lutava por sua independência nacional e sua democracia burguesa em face do militarismo alemão ou do imperialismo da Entente. As necessidades da guerra antifascista não justificavam que trinta anos depois, os partidos comunistas incorressem em análoga capitulação – a verdadeira razão foi a política nacionalista grã-russa da burocracia stalineana” (CLAUDÍN, idem.p297).

Aldo Agostini, pondera em seu balanço do movimento comunista, que os sonhos que embalaram gerações e o principal acontecimento político do século XX, foram deixando de ser uma atitude revolucionária para acabar

numa formulação que ele designa de Comunismo Social–Democrata (AGOSTI, 2011.p25).

III

O alinhamento do comunismo latino-americano à Internacional Comunista processou-se a partir de 1919. Vieram orientações políticas que pouco tinham a ver com a realidade local. Também foram suprimidos os debates que se processavam dentro das agremiações comunistas ou aliadas, sobre a natureza dos Estados latinos e suas estratégias. Temas suscitados como a Questão Indígena por José Carlos Mariátegui e Ricardo Paredes, sobre uma Estratégia Operária e Popular por José Panelon ou ainda o debate sobre o Desenvolvimento das Relações Industriais e Agrárias por Octávio Brandão e Aristides Lobo, foram relegadas durante muitos anos ao esquecimento.

Por fim, a autonomia do Movimento Operário e a Estratégia Comunista só conseguiram sobrepor-se quando estes evitaram-se as orientações que vinham da Internacional e depois de Moscou, como o caso da Revolução Cubana.

Também se-pode frisar que a Internacional Comunista fracassou em suas orientações aos PC's do continente.

A linha de Terceiro Período transformou as poucas conquistas, obtidas nos primeiros anos em derrotas; a “bolchevização” anulou os debates em nome de uma disciplina cega; o alinhamento ao Pacto Stalin–Hitler fechou as portas a aliados que haviam conquistado e depois; as políticas de Frentes Populares, quase levaram a liquidação de diversos partidos comunistas.

Bukharin em sua conclusão no VI Congresso quando a caça aos divergentes ganhava força, alertava:

“A disciplina é nosso comandante supremo. Contudo, eu devo, camaradas mencionar uma carta inédita que o camarada Lenin endereçou a mim e a Zinoviev. O camarada Lenin nos escrevia “se vocês expulsarem todos os que não são particularmente obedientes, mas são inteligentes, a fim de conservar somente os idiotas obedientes, vocês conduzirão certamente o partido a sua ruína “ (BUKHARINE apud BROUÉ, idem.p 606)

A Internacional foi um movimento coletivo, relacionado à vida de milhares de pessoas, em diversas partes do mundo. Esteve presente nas Greves Operárias, em levantes camponeses. Em Revoluções que propagaram o Sonho de Justiça Social e postulou o Fim da Desigualdade.

Esteve presente em atos voluntários e heróicos, como na luta contra o terror fascista. A internacional teve como principal fermento a substituição de um sistema centrado na desigualdade econômica pela promessa do sistema Socialista.

BIBLIOGRAFIA

- ABRAMSON, Pierre-Luc. *Las utopías sociales en América Latina en el siglo XIX*. México: Fondo de Cultura Económica, 1999.
- AGOSTI, Aldo (1985) As Correntes constitutivas do movimento comunista internacional. in HOBSBAWM, Eric (org) *História do Marxismo VI*, Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra
- _____ (2011)Um Balance de los comunistas in CONCHEIRO Elvira, MODONESI, Massimo, CRESPO, Horácio.(org) in *El Comunismo otras Miradas desde America Latina*. Cidade do México. Ed UNAM
- ALBA, Victor. *Historia del comunismo en América Latina*. Ed. Occidentales. México DF, 1953. 2a. ed.
- ALEXANDER, Robert Jackson. *Communism in Latin America*. New Brunswick: Rutgers Univ. Press, 1957.
- ALIMONDA, Héctor (1983). José Carlos Mariátegui. Col. Encontro Radical. São Paulo: Brasiliense.
- AMAYO, E & SEGATTO, José A. (2002). J.C. Mariátegui e o marxismo na América Latina. Araraquara: UNESP, FCL, Laboratório Editorial São Paulo: Cultura Acadêmica.
- ano 4, n. 4, 2010 (No prelo).
- ARAÚJO, Rodrigo Salvador A Formação do PCB e a adesão à Internacional Comunista In <http://www.uel.br/grupopesquisa/gepal/segundosimposio/rodrigosalvadordearaujo.pdf>
- _____ (1982) Marx e a América Latina, Ed. Paz e Terra. Petrópolis.
- _____ (1978). “Para una lectura de los 7 Ensayos”. In: ARICÓ, José (org). Mariátegui y los orígenes del marxismo latinoamericano. Lima: Ediciones Pasado y Presente, Série Cuadernos de pasado y presente
- _____ (1980). Marx y América Latina, Cidade do México. Alianza Editorial Mexicana
- ARICÓ, José (1978). Mariátegui y los orígenes del marxismo latinoamericano, Lima: Cuadernos Pasado y Presente.

_____(1986). “O Marxismo latino-americano nos anos da Terceira Internacional”.

Arquivo da Internacional Comunista, in Centro de Documentação e Memória (CEDEM) / UNESP, SP. Existe outra cópia dessa mesma documentação no Arquivo Edgar Leurenroth/ IFCH / UNICAMP, Campinas, SP. La Correspondência Sudamericana e La Correspondance Internationale.

ARQUIVO EDGARD LEUENROTH (AEL), DA UNIVERSIDADE ESTADUAL
Ascensão e Queda. São Paulo. Ed Sumdermann.

Atas taquigráficas da III Conferência dos Partidos Comunistas da América do Sul e do Caribe (Moscou, 1934). Arquivo da Internacional Comunista, CEDEM / UNESP

BAGÚ, Sergio. Economía de la sociedad colonial. México, , Conac y Grijalbo, Colección Claves de América Latina. 1992

BANDEIRA, Moniz , MELO, Clovis , ANDRADE, A. T: O ano vermelho; a Revolução russa e seus reflexos no Brasil, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1967.

BAO, Ricardo “Uma cultura política em formación: los cominteristascentroamericanos” in CONCEIRO Elvira, MODONESI, Massimo, CRESPO, Horácio.(org) in El Comunismo otras Miradas desde America Latina. Cidade do México. Ed UNAM 2011

BARSOTTI P & PERICAS L B (Orgs) “ América Latina- histórias, Ideias e Revolução” São Paulo: Ed. Xamã 1999.

BELLOTTO, M & CORRÊA M ANNA (1982). “ Introdução- Mariátegui: Gênese de um pensamento latino-americano”. In: José Carlos Mariátegui. Col. Grandes Cientistas Sociais, São Paulo: Ed. Ática.

BETHELL, Leslie (Org.). *História da América Latina*. São Paulo: Edusp, 2001. Vol. 3: Da independência até 1870, p. 591-624.

BILBAO, Francisco. *El evangelio americano*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1988.

BLOUÉ, Pierre História da Internacional Comunista, 1919-1943, Da Atividade Política à Atividade Policial e Anexos. São Paulo. Ed Sumdermann. 2007

BLOUÉ, Pierre História da Internacional Comunista, 1919-1943, São Paulo. Ed Sumdermann2007.

_____. História do Partido Bolchevique. São Paulo. Ed. Sundermann, 2014.

BOTELHO, André. Cientificismo à brasileira: notas sobre a questão racial no pensamento social. 2007

BONOCORE, _____ Augusto (2014)
http://grabois.org.br/portal/noticia.php?id_sessao=8&id_noticia=11562
consultado em 12 de março de 2014

BOTTOMORE, Tom. Dicionário do Pensamento Marxista. São Paulo. Ed Zahar.1990

BUKHARINE, N (in <http://www.marxists.org/francais/index.htm> 2011

CABALLERO, Manuel.. La Internacional Comunista y la revolución latinoamericana, 1919-1943. 3ª ed. Caracas: Alfa 2006

CALIL, Gilberto (. O marxismo de Mariátegui e a revolução latino- americana: democracia, socialismo e sujeito revolucionário. Disponível em:www.uel.br/grupopesquisa/gepal/segundogepal/GILBERTO%20CALIL.pdf. 2006

CARONE, Edgar. Classes sociais e movimento operário. São Paulo: Ática. 1989.

CASANOVA, Pablo Gonzáles. Os Pinoneiros do Marxismo na América Latina in BARSOTTI P & PERICAS L B (Orgs) “ América Latina- histórias, Ideias e Revolução” São Paulo: Ed. Xamã 1999.

CHACON, Vamireh. *História das idéias socialistas no Brasil*. Brasília: UnB, 1981.

CHICOTE Ronald H. O Partido Comunista Brasileiro: conflito e integração 1922-1972. Rio de Janeiro, Graal.1992

CLAUDÍN, Fernando) A crise do movimento comunista. São Paulo. Ed Global.1985

CONCHEIRO Elvira, MODONESI, Massimo, CRESPO, Horácio.(org) in El Comunismo otras Miradas desde America Latina. Cidade do México. Ed UNAM 2011

COGGIOLA, Oswaldo. *O Trotskismo na América Latina*. São Paulo: Brasiliense, 1984

COLE, G.D.H. *Historia del Pensamiento Socialista*.) México: Fondo de Cultura Economica, 7 vols.1974

COUTINHO, Carlos N (. Marxismo e “imagem do Brasil” em Florestan Fernandes. Disponível em: www.gramsci.org/email.htm. 2003

CUNHA, P. R. da. Um olhar à esquerda, a utopia tenentista na construção do pensamento marxista de Nelson Werneck Sodré. Rio de Janeiro: Revan; São Paulo: Fapesp, 2002

DANIILSON, N.F. . “A tarefa econômica da Rússia”. In: FERNANDES, R C (org) Dilemas do socialismo – a controvérsia entre Marx, Engels e os populistas russos. Rio de Janeiro: Paz e Terra.1980

DEL ROIO, Marcos Tadeu. .(2005) Os prismas de Gramsci. São Paulo: Xamã/IAP/Fapesp,

_____. (1997) A revolução socialista na Rússia e a origem do marxismo no Brasil. In: Revista Crítica Marxista v. 1 tomo 5, São Paulo: Xamã.

_____. Os comunistas, a luta social e o marxismo (1920-1940). In: RIDNETE, Marcelo; REIS, Daniel Aarão. (Org.). História do marxismo no Brasil: partidos e organizações dos anos 1920 aos 1960. 1/1 ed. Campinas - SP: Editora da Unicamp, 2007.

DROZ, Jacques,) História Geral do Socialismo,Ed. Horizonte, Lisboa .1974

DULLES, John W.F. (O comunismo no Brasil ,1935-1945: repressão em meio ao cataclismo mundial. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.1985

EL V Congresso da la Internacional Comunista (primeira parte) México, Cuadernos Pasado y Presente, 1977

EL V Congresso da la Internacional Comunista (segunda parte). México, Cuadernos Pasado y Presente, 1977

El VI Congresso da la Internacional Comunista (primeira parte) México, Cuadernos Pasado y Presente, 1978

El VI Congresso da la Internacional Comunista (segunda parte) México, Cuadernos, Pasado y Presente 1978

El VII Congresso da la Internacional Comunista (primeira parte) México, Cuadernos, Pasado y Presente 1984

El VII Congresso da la Internacional Comunista (segunda parte) México, Cuadernos, Pasado y Presente 1984

ECHEVERRIA, E. Dogma Argentino in RAMA, Carlos M. *Utopismo socialista (1830-1893)*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1987.66 Estudos Ibero-Americanos, Porto Alegre, v. 36, n. 1,, jan./jun. 2010

ENGELS, F “Epílogo à questão social na Rússia”. In: FERNANDES, R C (org) Dilemas do socialismo – a controvérsia entre Marx, Engels e os populistas russos. Rio de Janeiro: Paz e Terra.1980

_____ Cartas _____ in
M<https://www.marxists.org/portugues/marx/1885/10/08.htm>, consultado em 12 de março de 2014 .

ERLIJMAN , Jacob. El Problema Del Comunismo En América Latina; Sus Soluciones Buenos Aires: Editorial La Fragua 1963

ESCÀRZAGA, F (. “Los siete ensayos de interpretación de la realidade peruana.” In: MARINI, Mauro Ruy & MILLIAN Márgara (orgs). La teoria social Latinoamericana Cidade do México: Ediciones El Caballito T.II 1994

ESCORSIM, Leila Mariátegui – Vida e obra. São Paulo: Expressão Popular. 2006

_____. “Significado atual de José Carlos Mariátegui”. Revista Universidade e Sociedade, n.7 1994

FERNANDES, R C (org) Dilemas do socialismo – a controvérsia entre Marx, Engels e os populistas russos. Rio de Janeiro: Paz e Terra.1982

FERNANDES, Rubem César). “Introdução – A Rússia e o Ocidente”. In: FERNANDES, RC (org). Dilemas do socialismo – a controvérsia entre Marx, Engels e os populistas russos. Rio de Janeiro: Paz e Terra.1982.

FERREIRA, John Kennedy. A I Conferência dos Partidos Comunistas da América Latina: a questão indígena formulada por José Carlos Mariátegui. Espaço Revista Acadêmica, 92. disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/092/92ferreira.htm>. 2009

FERREYRA, Silvana G.). La libertad Del dogma: Un análisis del proyecto mariateguiano a la luz de sus vínculos con la Internacional Comunista (1926-1930). Lima: Librería Editorial Minerva,. 2013

FORNET-BETANCOURT, Raúl (1995) O Marxismo na América Latina. São Leopoldo: Unisinos, 1995.

FREYRE, Gilberto. *Um engenheiro francês no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1940.

GALISSOT, Rene (1987) “O Imperialismo e a questão colonia e nacional dos povos oprimidos” in HOBBSAWM, Eric (org) História do Marxismo VIII, Rio de

Janeiro: Editora Paz e Terra

GAZMURI, Cristián. *El “48” chileno. Igualitarios, reformistas, radicales, masones y bomberos*. Santiago do Chile: Editorial Universitaria, 1998.

GORENDER Jacob, O ciclo do PCB: 1922-1980. In: Alexandre FORTES (org.), *História e perspectivas da esquerda*. São Paulo, Chapecó: Editora Fundação Perseu Abramo/ Argos. 2005

_____. *O Escravismo Colonial* São Paulo, Ed. Atica. 1999

GRAMSCI. Antonio. *Obras selecionadas*. São Paulo: Martins Fontes. 1980

GONZÁLEZ, Pablo Guadarrama.. “Mariátegui y la actual crisis de marxismo”. Havana: Revista La Gazeta de Cuba,n.4. 1994

GUERRA, François-Xavier. *Modernidad e independencias: ensayos sobre las revoluciones hispánicas*. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.

HAJEK, Milos “ A bolchevização dos partidos comunistas” in HOBBSAWM, Eric (org) *História do Marxismo VI*, Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra. 1986

_____. Introdução ao V Congresso in *EL V Congresso da la Internacional Comunista (segunda parte)*. México, Cuadernos Pasado y Presente, 1977

HENN, Leonardo Guedes *A Internacional Comunista e a Revolução na América Latina*. São Leopoldo (RS). Editora Blucher. 2010

Históricos, Franca/SP, v. 11, n. 1, 2004.

Hobasbawn. E. *Estratégias para uma Esquerda Radical: escritos políticos, 1977-1988*. Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1991

_____. *Era das Revoluções*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1988.

_____. *História do Marxismo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 12 vols. 1979-1983

_____. *Era do Capital*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.1988

_____. LENINE E A “ARISTOCRACIA OPERÁRIA”, POR ERIC HOBBSAWN
Consultado em 25/12/2014 in <http://acomuna.net/index.php/contracorrente/4542-lenine-e-a-aristocracia-operaria-por-eric-eric-hobsbawn>

IANNI, Octávio. “Introdução – Florestan Fernandes e a formação da sociologia brasileira”. In: IANNI, Octávio (org). *Florestan Fernandes*. Col. Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Ed Ática.1986

INGENIEROS, José (1920) El Dogma de Echeverría in <http://www.biblioteca.clarin.com/pbda/ensayo/ingenieros/ensayo.htm> consultado em 12 de março de 2014

HOLANDA, Sérgio B. (2000) “Visões do Paraíso”. São Paulo. Ed. Brasiliense.
HINOJOSA, Gustavo Pérez (2011), <http://www.rebelion.org/noticia.php?id=140372> visitado em 16/06/2015).

KOHAN, Nestor Ni calco ni copia: Ensayos sobre el marxismo argentino y latinoamericano. Disponível em <http://www.boltxe.info> 1998

KONDER, Leandro. Intelectuais brasileiros e marxismo, Belo Horizonte, Oficina de Livros, 1991

_____ Flora Tristan. Uma Vida de Mulher uma Paixão Socialista. Rio de Janeiro, Ed. Relume Dumará. 1994

KOVAL, Boris. A grande Revolução de outubro e a América Latina. São Paulo: Alfa Omega, 1980

LANDER, Edgardo A colonialidade do saber eurocentrismo e ciências sociais Perspectivas latino-americanas Buenos Aires: CLACSO 2005

LAVROV, P.L. . “Avante!”. In: FERNANDES, R C (org) Dilemas do socialismo – a controvérsia entre Marx, Engels e os populistas russos. Rio de Janeiro: Paz e Terra.1982

LENIN I. Vladimir. O Programa agrário: da social-democracia na primeira revolução russa de 1905-1907. São Paulo: Ed. Ciências Humanas. 1983

_____ Ouvres consultado in <http://www.marxists.org/francais/index.htm> 2014

_____ Obras escolhidas Vol.I,II,III. São Paulo: Ed. Alpha-Omega.1980

_____ A Respeito do Problema das Nacionalidades ou sobre a "Autonomização" consultado em 12/03/2014 in https://www.marxists.org/portugues/lenin/1922/12/31_ga.htm

LEONIDIO A(2009). As idéias do socialismo utópico no Brasil. Revista Eletrônica Cadernos de História, vol. VIII, ano 4, n.º 2, dezembro de 2009.www.ichs.ufop.br/cadernosdehistoria

LOS CUATRO Primeiros Congressos de La Internacional Comunista (primeira parte) , México. Cuadernos Pasado y Presente, 1973

LOS CUATRO Primeiros Congressos de La Internacional Comunista (segunda parte) , México. Cuadernos Pasado y Presente, 1973

Lowy. Michel Por um socialismo indo-americano: ensaios escolhidos, José Carlos Mariátegui. Seleção e introdução de Michael Löwy, Rio de Editora. UFRJ. 1999

_____. Romantismo e messianismo: Ensaio sobre Lukács e Benjamin, São Paulo. Editora Perspectiva 1990

_____. “Mística revolucionária: José Carlos Mariátegui e a religião”. Revista Estudos Avançados, n.19. 2005

_____. O Marxismo na América Latina: uma antologia de 1909 aos dias atuais. São Paulo: Fundação Perseu Abramo. 2005.

_____. “Marxismo e romantismo em Mariátegui”. Revista Teoria e Política n.41.1999

MANFREDINI, Luiz.

http://www.vermelho.org.br/coluna.php?id_coluna_texto=5112&id_coluna=66
consultado em 12 de março de 2013

MARIÁTEGUI, José Carlos). Os setes ensaios de interpretação realidade peruana. São Paulo: Ed. Alpha Omega, 1975

_____. In: BELLOTO, Manuel &. CORREA M. Anna (orgs). Mariátegui. (Col. Grandes Cientistas Sociais), São Paulo. Ed. Ática.

_____. El defensa del marxismo. Lima: Ed. Amauta 1989

_____. in; QUIJANO, A. (cop). José Carlos Mariátegui: Textos Básicos. Lima/México/Madrid:1991

Do sonho às coisas: retratos subversivos, Luiz Bernardo Pericás (org) São Paulo. Ed.Boitempo 2005

_____. Mariategui Sobre a Educação, Luiz Bernardo Pericás (org) São Paulo. Editora Xamã Cultura Econômico 2007

MARINI, Mauro Ruy & MILLIAN Márgara (. La teoria social Latinoamericana Tomos I, II, III, IV, V. Cidade do México: Ediciones El Caballito. 1994

MARX K. & ENGELS. Obras Escolhidas. Vol..I,II,III. São Paulo: Ed. Alpha-Omega. 1980

_____. “ Rascunho da carta a Vera Zasulitch”. In: FERNANDES, R C (org). Dilemas do socialismo – a controvérsia entre Marx, Engels e os populistas russos. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1982.

- _____. O Capital Vol. I São Paulo, Ed Nova Cultura. 1994
- _____. O Capital Vol. II São Paulo, Ed Nova Cultura. 1994
- _____. O Capital Vol. III São Paulo, Ed Nova Cultura. 1994
- MAZZEO, Antonio Carlos. Sinfonia Inacabada. A Política dos Comunistas no Brasil. 1ª ed. São Paulo: UNESP/Boitempo, 1999
- MELIS, Antonio “José Carlos Mariátegui hacia el siglo XXI”. Cuadernos de Recienvenido, n.1. 1996
- MILLÁN, Márgara. Hacia una historiografia comparada de América Latina: Sergio Bagú. In: MARINI, Mauro Ruy & MILLIAN Márgara (orgs). La teoria social Latinoamericana Cidade do México: Ediciones El Caballito T.I
- MIKHAILOVSKI, N.K. “O que é o progresso?”. In: FERNANDES, R C (org) Dilemas do socialismo – a controvérsia entre Marx, Engels e os populistas russos. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1982
- MIROSHEVSKI, V.M . “El ‘populismo’ en el Peru. Papel de Mariátegui en la história del pensamiento social latino –americano.” In: ARICÓ, José (org). Mariátegui y los orígenes del marxismo latinoamericano. Lima: Ediciones Pasado y Presente, Série Cuadernos de pasado y presente. 1978
- MODONESI, Elvira Concheiro, Massimo e CRESPO, Horacio Gutiérrez (coord) in El comunismo otras miradas desde América, Universidade Autônoma do México. 2007
- NETTO, José Paulo. “O Contexto Histórico-Social de Mariátegui”. Revista Encontro com a Civilização Brasileira, n.16. 1979.
- NEGT, Oskar “ O Marxismo e a teoria da revolução no último Engels” O partido e a formação da ortodoxia marxista” in HOBBSAWM, Eric (org) História do Marxismo 2, Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra.. 1989
- NOVACK, George, FRANKEL, Dave e FELDMAN, Fred,. Las tres primeras internacionales – su historia y sus lecciones . Bogotá: Ed. Pluma. 1980
- PARIS, Robert). “La formación ideológica de José Carlos Mariátegui”. In: ARICÓ, José (org). Mariátegui y los orígenes del marxismo latinoamericano. Lima: Ediciones Pasado y Presente, Série Cuadernos de pasado y presente. 1981
- PCE(r).. JOSÉ CARLOS MARIÁTEGUI. Disponível em <http://www.Antorcha.org>. 2012

PEREIRA, Astrojildo. (1980) Construindo o PCB (1922-1924), ed. Ciências Humanas, S.P.

_____. Formação do PCB (1922-1928), . Ed. Prelo, Lisboa.1976

PERICÁS, Luiz B. “Mariátegui e a questão da educação no Peru”. Revista Lua Nova, n. 68. 2006

_____ Mariategui Sobre a Educação, introdução in Mariategui Sobre a Educação Luiz Bernardo Pericás (org) São Paulo. Editora Xamã 2007

_____ Mariategui Sobre a Educação, introdução in Mariategui Sobre a Educação Luiz Bernardo Pericás (org) São Paulo. Editora Xamã. 2007

_____, José Carlos Mariátegui e o Brasil in Revista Estudos Avançados , 68. 2009

PINHEIRO, Paulo Sérgio, Estratégias da ilusão: a revolução mundial e o Brasil, 1922-1935. São Paulo, Companhia das Letras. 1991

PORTANTIERO, J.F . “O marxismo latino-americano”. In: Hobsbawm, E. (org): História do Marxismo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, v.11. 1989

POSADAS, M A. “A propósito del artículo ‘El populismo em el Peru’, de V. Miroshkevki”. In: ARICÓ, José (org). Mariátegui y los orígenes del marxismo latinoamericano. Lima: Ediciones Pasado y Presente, Série Cuadernos de pasado y presente 1978

POULANTZAS, Nicos. Poder político e classes sociais. São Paulo: Ed Martins Fontes.1977

PRADO Jr. Caio. História Econômica do Brasil. São Paulo. Ed Brasiliense.1977

_____ Formação do Brasil Contemporâneo. São Paulo. Ed. Brasiliense. 1984

PRADO, Jorge. Del. “Mariátegui, marxista-leninista, fundador del Partido Comunista Peruano”. In: ARICÓ, José (org). Mariátegui y los orígenes del marxismo latinoamericano. Lima: Ediciones Pasado y Presente, Série Cuadernos de pasado y presente 1978

PRESTES, Luiz Carlos. Manifesto in www.cebela.org.br/txtpolit/socio/vol4D consultado em 12/03/2015

PRESTES, Anita Leocadia ,A Conferência dos Partidos Comunistas da América do Sul e do Caribe e os levantes de novembro de 1935 no Brasil, in Revista Crítica Marxista, n22.2010

POLICE, Franco. Introdução as teses do VII Congresso in El VII Congreso de la Internacional Comunista) México, Cuadernos, Pasado y Presente 1984

QUEIROZ, Mauricio Vinhas de. Fourier e o Brasil. In Revista História. N. 122. 1990

QUIJANO, Aníbal.. Prólogo. In: Quijano, Anibal (org). José Carlos Mariátegui: Textos Básicos. Lima/México/Madrid: Fondo de Cultura Econômico. 1991

RAMA, Carlos M. *Utopismo socialista (1830-1893)*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1987.66 Estudos Ibero-Americanos, Porto Alegre, v. 36, n. 1, p. 48-66, jan./jun. 2010

RAMA, C & CAPPELLETTI (Eds) *El Anarquismo em América Latina* Caracas, Ed. Ayacucho.1990

RIDENTE Marcelo (Org.) | REIS FILHO Daniell Aarao Reis Filho (Org.) HISTORIA DO MARXISMO NO BRASIL VOL. 5: PARTIDOS E ORGANIZAÇÕES DOS ANOS 1920 AOS 1960. Campinas, Ed. Unicamp V. I,II,III,IV e V. 2008

ROCHA, Ronald (2006) *O Movimento Socialista no Limiar dos Impérios Financeiros*. Belo Horizonte, 2006. Ed. O Lutador

RUSS, Jacqueline. *O socialismo utópico*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

SANTANA, Joaquim). Gramsci e Mariátegui, Coleccion Pensadores Cubanos de hoy. Disponível em [http:// www.filosofia.cu/contemp/index.htm](http://www.filosofia.cu/contemp/index.htm) 2004

SCHEIDT, Eduardo. *Carbonários no Rio da Prata: jornalistas italianos e a circulação de ideias na Região Platina (1827-1860)*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2008.

SCHEIDT, Eduardo. Representações de América no pensamento de Francisco Bilbao. In: *Dimensões*, Vitória: NPIH/Ufes, n. 19, p. 27-47, 2007.

SECCO, L. Caio Prado Júnior o sentido da revolução. Boitempo. São Paulo: 2008

SECCO, L.; DEACTO, M. (Org.) *Edgard Carone: leituras marxistas e outros estudos*.São Paulo: Xamã. 2004

SILVA, Carine Neves Alves da, Teoria marxista: o patrimônio histórico e intelectual produzido pelas instituições e intelectuais comunistas na América Latina in http://www.encontro2010.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1276725088ARQUIVO_ANPUH_COMPLETO.pdf 2010

SODRÉ, Nelson Werneck. Contribuição à história do PCB. São Paulo: Global, 1984.

Textos Marxistas I,II,III,IV Congressos da III INternacional. Disponível em <http://br.geocities.com/ftqibl/classicos/index.htm>

STEINBERG, Hans-Josef, (1989) O partido e a formação da ortodoxia marxista” in HOBSBAWM, Eric (org) História do Marxismo 2, Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra

TORRE, V.R. Haya de La . ”La realidad econômico-social de América Latina” In: MARINI, Mauro Ruy & MILLIAN Márgara (orgs). La teoria social Latinoamericana. Cidade do México: Ediciones El Caballito T.I 1994

TRISTAN, Flora (1996) Peregrinações de uma Parea in RAMA, Carlos M. *Utopismo socialista (1830-1893)*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1987.66
Estudos Ibero-Americanos, Porto Alegre, v. 36, n. 1, p. 48-66, jan./jun. 2010

TROSTKY, Leon) in <http://www.marxists.org/francais/index.htm> 2015

VALDIVIA, Eduardo Cáceres. “Convite aos Sete Ensaios” Revista Teoria e Política, n.40. <http://www.marxists.org/> 1999

VIANNA, Marly. Revolucionários de 35: sonho e realidade. São Paulo: Companhia das Letras. 1992

ZAIDAN, Filho, Michael,. O PCB e a Internacional Comunista (1922-1929. Vértice, São Paulo.1988.